CLASS.: 372.372
W138s.
TOMBO: 779

MARLENE C. WAIDEMAN

SVF

SEXUALIDADE, AIDS E ADOLESCÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR CONTEMPORÂNEO:

A FAMÍLIA NÃO FALA, O ADOLESCENTE PEDE, E A ESCOLA...

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
BIBLIOTECA
CAMPUS DE MARÍLIA

Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília - UNESP

MARÍLIA/ SP

1997

372.372
W138s
779TESE

1410000779

Tese apresentada à Banca Examinadora, em cumprimento parcial às exigências da Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília - Unesp, para obtenção do título de Doutora em Educação, sob a orientação da Profª Drª **Teresa Correa Cariola.**

Banca Examinadora:

_____

_____

_____

_____

_____

As horas de trabalho e estudo destas páginas são dedicadas
ao meu primeiro mestre, já falecido,
meu pai
e à insistente pergunta de Lígia e Elka,
minhas filhas:
"mãe, quando você vai terminar esta tese?"
Foram eles, cada um a seu tempo e a seu modo,
que me inspiraram.

unesp

Este trabalho só foi possível, porque dele participaram também outras pessoas.

Minha gratidão

Aos diretores, coordenadores das escolas e em especial aos professores e alunos adolescentes que me cederam as entrevistas, material tão valioso.

À minha orientadora Dra. **Teresa Correa Cariola**, que com sua confiança, permitiu o processo de tornar possível essa idéia.

Ao professor **Celestino A. da Silva Jr.,** cujos questionamentos, se transformaram em valiosas contribuições; a palavra do mestre abrindo um campo de possibilidades.

À mestra **Ilda Caruso**, cujo constante entusiasmo e dedicação pela vida e profissão, em todas as preciosas oportunidades de convívio, foram altamente contagiantes.

À professora **Claudete Ribeiro** pelo inestimável incentivo ao tema, por todas as fases em que estive investigando-o.

Ao **Miguel Sanches Zanirato** que, por gentileza e boa vontade, colaborou na digitação de partes deste trabalho.

Aos colegas do curso de Psicologia da Unesp de Assis, em especial **Maria Luísa, Sheila, Lucinéia** e **Francisco** que, de diferentes maneiras, instigaram e incentivaram o desenvolvimento das idéias deste trabalho.

E finalmente, ao **Valdir**, companheiro de todos os momentos, pela importante cumplicidade.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

WAIDEMAN, M.C. *Sexualidade, Aids e Adolescência no espaço escolar contemporâneo*: a família não fala, o adolescente pede, e a escola... . Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP, 1997. Tese (doutorado). Marília - SP.

RESUMO

Falar sobre prevenção de Aids a adolescentes, pressupõe necessariamente falar sobre sexualidade, sobre afeto, sobre contato com o outro, sobre a construção da subjetividade.

Este trabalho pretende uma análise das possibilidades e barreiras para o desenvolvimento de um programa de educação sexual junto a adolescentes, no espaço escolar, levando em conta as considerações acima.

Para a realização desta pesquisa, foi adotado o método clínico de investigação, através de realização de entrevistas - fechadas e abertas, com professores e alunos adolescentes.

A leitura psicanalítica orienta de início uma análise sobre as questões psicossociais que envolvem a sexualidade do adolescente. Em seguida, uma análise da instituição escolar no que diz respeito à sua funcionalidade e a capacitação profissional e pessoal do educador para lidar com as questões da sexualidade, partindo da construção de sua própria subjetividade. A partir desses dados, procede-se uma discussão de modos de intervenção, considerando a perspectiva da dinâmica psicossexual do adolescente e do professor, bem como de seu aspecto inter-relacional.

Finalmente, são apresentadas algumas considerações sobre a complexidade de uma geração que cresceu sob o bombardeio da Aids, mas que certamente não se previne, e sobre um educador do qual se espera mais do que está preparado técnica e pessoalmente para realizar. Estas reflexões culminam com apresentação de subsídios para propostas educacionais que visem a premência da dimensão do sexual, envolvendo os diferentes saberes e considerando as instituições família, escola, cultura, que se inscrevem na formação do sujeito.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

WAIDEMAN, M. C. *Sexuality, Aids and Teenagers in contemporary school environement*: the family doesn't say it, the teenager asks for it and the school... . Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP, 1997. Thesis (PHD). Marília - SP.

ABSTRACT

To talk about AIDS prevention to teenagers necesseraly implies talking about sexuality, affection, contact to each other and the development of subjectivity. This paper carried out an analysis of the possibilities and obstacles found in the development of a sexual orientation program among teenagers in school, taking into consideration the reasons above mentioned. The clinical approach used in this research was the investigation by means of interviews with teachers and students, using a questionary and the interview.

The psychoanalytical reading directs the begining of an analysis about the psychosocial topics which are related to teenager sexuality. After that the school as an institution was analysed in relation to its functionality, individual and professional qualification of teachers to deal with sexuality topics, starting with his/her own subjectivity. From then on a discussion about the means of intervention is carried out, taking into account both the teenager's and teacher's psychosexual dynamics as well as the relationship among them.

Finally some thoughts about both the complexities of a generation brought up under the AIDS crisis were presented, what was not enough, and the teacher, from whom much more is expected besides his/her technical and individual training. Such reflections culminated in the presentation of subsidies for educational proposals which take aim at the urgency of the sexual dimension involving different kinds of knowledge and taking into account institutions such as the family, the school and the culture engraved on the subject's upbringing.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

WAIDEMAN, M.C. *Sexualité, Aids et Adolescence dans l'espace scolaire contemporaine*: la famille ne parle pas, l'adolescent demande, et l'école ... . Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP, 1997. Thèse (doctorat). Marília - SP.

RÉSUMÉ

Paler sur la prévention d'Aids aux adolescents, nécessairement présume parler sur sexualité, sur affection, sur le contact avec l'autre, sur la construction de la subjectivité.

Ce travail prétend réalizer une analyse des possibilités et des barrières par le développement d'un programme d'éducation sexuelle auprès des adolescents, dans l'espace scolaire, en tenant en compte les considérations ci-dessus.

Par la réalisation de cette recherche, on a été adopté la méthode clinique d'investigation, en travers d'interviewes avec des professeurs et des élèves, en utilizant un questionnaire et l'interview.

La lecture psychanalytique oriente, d'abord, vers une analyse sur les questions psychosocielles qui sont rélacionnés avec la sexualité de l'adolescent. Ensuite, vers une analyse de l'institution scolaire en ce qui concerne à leur fonctionalité et la compétence profissionelle et personelle de l'éducateur en travailler avec les questions de la sexualité, partant de la construction de sa prope subjectivité. À partir de ces données, on procède à une discution de moyens d'intervention, en considérant la perspective de la dynamique psychosexuelle de l'adolescent et du professeur, ainsi comme de son aspect interrélacionnel.

À la fin, il sont présentés quelques consideractions sur la complexité d'une gération qui a grandit sous un bombardement de l'Aids, mais qui certainement ne se previne pas, et sur un éducateur dont on attend plus des réalisations qu'il puisse être préparé, du point de vue technique et personnel. Ces réflexions culminent avec la présentation des subsides par les propositions éducationelles qui doivent viser l'urgence de la dimention du sexuel, en s'engagant les différents savoirs et en considerant les institutions comme la famille, l'école et la culture, qui s'instaurent dans la formation du sujet.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 09

I - SEXUALIDADE: BREVE RETROSPECTIVA 13

I. 1 - Rápida narrativa de nossa contribuição ao tema 21

II - SEXUALIDADE E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO: CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS 28

II. 1 - Sexualidade do Adolescente: Dinâmicas Psicossociais 34

II. 2 - A Educação e a Construção do Sujeito 49

III- DA AIDS ÀS PESQUISAS NO CAMPO DA SEXUALIDADE 58

III. 1 - Dados sobre a realidade brasileira 66

IV- JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS 79

V - MÉTODO 84

A. Sujeitos e Local da Pesquisa 84

B. Escolha das Técnicas e Procedimento da coleta de dados 85

VI -CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS, ADOLESCENTES E PROFESSORES 93

A. Sobre as escolas 94

B. Sobre os adolescentes das escolas 101

C. Sobre os professores das escolas 106

VII- RESULTADOS E DISCUSSÃO 109

A. Escutando os adolescentes 109

B. Escutando os professores 145

VIII-UM ENCONTRO NO DESENCONTRO 172

IX - EDUCAÇÃO E RETRATO DE UMA REALIDADE 188

X - CONSIDERAÇÕES FINAIS 205

XI- BIBLIOGRAFIA 214

ANEXOS: 223

Anexo 1: Quadros de Freqüências Percentuais (adolescentes e professores) 224

Anexo 2: Entrevista Fechada destinada aos professores 235

Anexo 3: Entrevista Fechada destinada aos adolescentes 238

unesp

ÍNDICE DOS QUADROS DO ANEXO 1

A - Adolescentes 225

Quadro 1. Distribuição dos alunos por idade e sexo 225

Quadro 2. Nível de Escolaridade dos Pais 226

Quadro 3. Média de Idade dos Pais 227

Quadro 4. Quem orienta em casa 228

Quadro 5. Fontes de mais e melhores informações 229

Quadro 6. Se possuem informações (como se julgam) 230

Quadro 7. Sugestão para educação sexual na escola 230

Quadro 8. Se tem programa de educação sexual na escola 231

B - Professores 232

Quadro 9. Professores: Idade, Sexo e Área de Atuação 232

Quadro 10. Nº de Filhos e filhos adolescentes 233

Quadro 11. Fonte de Informação 233

Quadro 12. Solicitação pelos alunos 234

unesp

O ano de 1996 foi o ano da Educação.

Os últimos dez anos têm sido marcados pelo discurso da prevenção à Aids.

Vários são os trabalhos científicos que apontam a escola como um espaço possível de se desenvolver um programa de educação sexual dirigido aos nossos adolescentes.

unesp

INTRODUÇÃO

Todas as modificações culturais que se processaram nos últimos vinte e cinco anos, reduzindo a idade de início das experiências sexuais, ajudaram a tornar a sexualidade do adolescente um tema de estudo.

As transformações históricas, as mobilidades geográficas, a urbanização, a industrialização e a ênfase às necessidades individuais trazem o desmoronamento da exaltação da virgindade, da valorização das relações sexuais como atos para a procriação, tão profundamente difundidos com a chegada do cristianismo.

Os meios de comunicação estimulam condutas comportamentais que privilegiam o erotismo, o culto ao corpo, o prazer pelo prazer físico, o sexo como artigo de consumo, ao mesmo tempo em que a sociedade como um todo ainda tem muito pouco a oferecer em termos de garantias físicas, psicológicas e sociais para que os adolescentes, homens e mulheres, possam com tranqüilidade usufruir da sua sexualidade.

Em virtude de nas últimas décadas, ter ocorrido o que se convencionou chamar uma revolução sexual, muitos pensadores também foram conduzidos à reflexão sobre a sexualidade, embora **Giddens** (1993, p.9) nos chame a atenção para o fato de que em alguns dos estudos mais notáveis sobre a sexualidade, escritos por homens,***"... não há virtualmente nenhuma menção ao amor, e os gêneros aparecem como uma espécie de adendo".***

unesp

A sexualidade liberta das necessidades de reprodução, propagada no final do Séc. XVII devido à limitação da dimensão familiar, tornou-se aos poucos mais difundida como resultado do desenvolvimento da contracepção moderna. É recente em nossa civilização a reivindicação das mulheres pela igualdade com os homens. Neste sentido, estudar a sexualidade humana nos remete à questão do relacionamento entre as pessoas envolvidas, seus valores, suas referências, suas emoções.

Atualmente, a propagação da Aids veio desencadear um processo de agilização educativa que objetiva a prevenção das doenças que se transmitem pela via sexual, e não há como discutir as doenças de transmissão sexual sem abordar a sexualidade como tema amplo.

As dificuldades aumentam quando pensamos em falar sobre a Aids com adolescentes, levantando a possibilidade de morte na esteira do sexo. Além da morte ser um tema absolutamente distante da adolescência - devido à onipotência própria da idade - a sociedade de consumo ocidental encarrega-se de jogar mais longe ainda a perspectiva de finitude.

O fato de as pessoas continuarem a se infectar pelo vírus HIV por não adotarem medidas preventivas eficazes, embora demonstrem conhecimento sobre as formas de se prevenir (conforme relataremos adiante), traz-nos uma indagação premente sobre o papel da educação na prevenção.

Parece haver um pressuposto inicial de que, na escola, há uma valorização dos aspectos cognitivos, e pouco ou nada dos afetivos, tanto no

unesp

que diz respeito ao processo do desenvolvimento, quanto ao da aprendizagem, contrapondo-se com nosso pensamento de ser a escola um meio de grande importância para o desenvolvimento das relações afetivas. Não raro, pesquisadores preocupados com a informação tardia sobre os meios de contaminação pelo HIV têm defendido a escola como sendo um lugar propício para o desenvolvimento de programas de prevenção à Aids.

Muitos educadores não terão palavras para iniciar um discurso sobre a sexualidade - e terão que fazê-lo. A educação tem sido entendida como única saída para a trágica investida de uma nova doença - que existe.

A proposta deste trabalho visa exatamente a estudar e a compreender como a educação pode contribuir, mediante um contexto temerário devido às questões ligadas à Aids, para efetivar as suas possibilidades de intervenção.

Para o desenvolvimento desse tema pretendemos investigar e analisar as questões psicossociais envolvidas na sexualidade do adolescente e, num segundo momento, levantar dados a respeito do que pensam e quais as expectativas dos alunos e educadores a respeito das questões ligadas à orientação sexual nas escolas.

Com estes dados, objetivamos discutir possibilidades de estratégias de intervenção para a prevenção na área da sexualidade, considerando as especificidades da dinâmica psicossexual do adolescente.

unesp

"Quando dois se protegem sob seu amor contra o tempo e o vento - como sob um manto e não se preocupam com nada além de si mesmos seu amor se torna cego.

Então, o tempo e o vento apagarão seu beijo.

Um amor só pode ser sustentado por dois quando as portas que dão para o mundo estão abertas"

Heinz Kahlau

In: "A Separação dos Amantes"
Igor Caruso

unesp

I - SEXUALIDADE: BREVE RETROSPECTIVA

Uma rápida retomada no tempo nos indica que a sexualidade nem sempre foi representada, agida, pensada, temida, procurada da mesma forma pela espécie humana. A cultura humana mostra que há algo de peculiar, singular, inscrito na sexualidade em si mesma. Assim, na tentativa de compreendermos melhor as atitudes em relação ao comportamento sexual através dos tempos, faremos uma breve retrospectiva.

A sexualidade tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. Não raro, na década de 80, constatávamos estilos de vida bastante diversificados como o casamento aberto, o casamento em grupo, a prática do *swinging*, a troca freqüente de parceiros nos diferentes grupos sexuais.

A sexualidade ocidental tem suas normas fundamentais entre os hebreus e os antigos cristãos. De acordo com **Flandrin** (1981, p.112), no *Gênese* é glorificado o amor carnal e não é condenado o prazer como tal, admitindo, para o homem, relações extraconjugais. A ausência de prescrições precisas contra a concepção, parece significativa em um povo que conhecia o coito interrompido. A sexualidade é descrita como desejada por Deus e criada como algo bom.

Na Grécia, havia dissociação entre sexo-reprodução e o sexo-prazer. A prostituição era reconhecida como indispensável para a preservação de jovens virginais, já que os homens costumavam casar-se por volta

unesp

dos trinta anos e a mulher por volta dos vinte (**Murstein**,1974). Já os romanos encontravam no casamento uma união de amor e prazer, embora o aliassem à sua função reprodutora. Eles eram rigorosamente monógamos.

O Cristianismo veio mudar tudo: a virgindade foi exaltada, o casamento mais valorizado, a poligamia abolida e as relações sexuais permitidas apenas para a procriação. Para os cristãos a idéia de que o sexo era um mal necessário, do qual os homens se aproximavam pela fatalidade que uniu o sexo e o prazer à reprodução, era complementada pelo pensamento de que, mesmo o sexo permitido, aquele entre esposos unidos perante a Igreja, não estava livre de ser contaminado pelo mal e representar para a pessoa uma queda de sua espiritualidade. A castidade era essencial para ambos os sexos e o casamento foi investido de significado sacramental e simbólico. Segundo **Hunt** (1974), o erotismo pagão se havia desgastado ao longo dos séculos, por conta dos excessos, deixando uma exaustão e um tédio que assumiram proporções excepcionais.

Para alguns estudiosos, o cristianismo tem sido o grande impedimento no progresso das relações entre os sexos durante estes dois mil anos. Para outros, a doutrina cristã fez o homem voltar-se mais para o seu próximo, e também proporcionou oportunidades para a mulher, no que diz respeito à possibilidade de igualdade com o homem, isto ao atacar o padrão duplo da moral sexual, por exemplo. Os teólogos que se preocuparam com o ato sexual entre esposos sugeriam que o homem prolongasse a relação até o orgasmo da

unesp

mulher, pois se acreditava que este ajudava a mulher a ser mais feliz e tornava a criança mais bonita.

A maior parte dos casamentos, na Europa pré-moderna, não eram contraídos sobre o alicerce da atração sexual mútua, mas sim sobre o da situação econômica, e entre os pobres era um meio de organizar o trabalho agrário. Neste sentido, **Giddens** (1993) coloca como sendo improvável que uma vida caracterizada pelo trabalho árduo e contínuo conduzisse à paixão sexual. O beijo, a carícia e outras formas de afeição física eram raros em casais casados, porém, as oportunidades para os homens se envolverem em ligações extraconjugais eram muito numerosas. Além da Europa, a diferenciação entre a sexualidade 'casta' do casamento e o caráter erótico ou apaixonado dos casos extraconjugais eram absolutamente comuns entre outras aristocracias. A emergência dos ideais do amor intimamente relacionados aos valores morais da cristandade eram específicos da Europa. O amor romântico começou a marcar sua presença utilizando tais ideais a partir do séc. XVIII.

Se antes o casamento apresentava motivações de escolhas fundamentadas em critérios econômicos e apenas as mulheres dos grupos aristocráticos eram liberadas das obrigações com a prole e dos trabalhos rotineiros, podendo dedicar-se a relações sexuais, agora o amor estava relacionado aos valores morais cristãos. Os ideais do amor romântico inseriram-se diretamente nos laços emergentes entre a liberdade e a auto-realização. Nas

unesp

ligações de amor romântico, o elemento do amor sublime tende a predominar sobre aquele do ardor sexual.

O amor romântico é inserido nos ideais de liberdade ligado ao conceito de auto-realização, de busca de complementaridade do ego através da relação com o outro, enquanto que o amor apaixonado vem ligado à liberdade que promove a quebra de rotina e do dever. Os homens administravam esse tipo de conflito, separando o *conforto* do ambiente doméstico da *sexualidade* da amante ou da prostituta. A idéia de romance, no sentido que o termo veio a assumir no séc. XIX, tanto contribuiu para as mudanças nos tempos, como as prenunciou, afetando a vida social como um todo.

Em fins do século XIX e início do XX, a prostituição e as doenças venéreas, o alastramento da sífilis, espalharam-se pela Europa. Apareceu neste momento um novo interesse pelo naturalismo e pelo realismo; também ocorreu vasta publicação pornográfica, parecendo compensar as deficiências da vida sexual da época.

Com o evento da Primeira Grande Guerra, a moralidade foi afrouxada, foi deixado de lado o código puritano numa tentativa de se viver cada momento ao máximo. Depois da Guerra, já era impossível voltar à moralidade antiga, como se aparentemente nada tivesse acontecido.

Muitas culturas e civilizações tradicionais fomentaram as artes de sensibilidade erótica, mas apenas a sociedade ocidental moderna desenvolveu uma ciência da sexualidade. Trabalhos científicos dentro da

unesp

Medicina, Psicologia, Sociologia e Antropologia tornaram o sexo um tema de estudo, obrigando o mundo a reavaliar a satisfação sexual e a considerá-la como função necessária, saudável e nobre. Neste período, feministas mais radicais exigiram e puseram em prática algumas das liberdades sexuais que só a partir desse momento foram se tornando realizáveis.

Até final do séc. XIX, a discussão da sexualidade era confinada às áreas técnicas com textos médicos pouco acessíveis, não chegando a ser representada ou analisada em fontes disponíveis ao público. A sexualidade, enquanto objeto do saber científico, era examinada, sem maiores obstáculos, no mesmo plano da sexualidade animal pela Medicina e Biologia do séc. XVIII. O plano subjetivo ou psíquico foi, até então, obviamente suprimido da análise da sexualidade humana.

Após **Freud**, que veio encarar a sexualidade como uma força motriz de toda experiência humana, surgiram, praticamente na mesma época, alguns sexólogos como **Havelock Ellis**- que apesar de ter defendido pontos de vista ousados para a época (fim do séc. XIX e início do séc. XX) como a naturalidade da masturbação, a legitimidade do desejo sexual da mulher, parece também ter reafirmado a síntese entre sexualidade e reprodução, reiterando o postulado da sexologia do séc. XVII - a partir daí outros mais recentes como **Kinsey** (1948 e 1953) e **Masters & Johnson** (1966). Publicada originalmente em 1981, a obra *A História da Sexualidade* de **Foucault**, trouxe uma crítica defendendo a invenção da sexualidade como parte de alguns processos distintos

unesp

na formação e consolidação das instituições sociais modernas, tornando o sexo o ponto principal do confessionário moderno.

Nos últimos tempos a sexualidade tem sido revelada, descoberta e possibilitado estilos de vida bastante diversificados. De certa forma, hoje há um consenso de que a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de intercessão entre o corpo, a identidade e as normas sociais. Mas nem sempre foi assim.

Até a Segunda Guerra Mundial, a virgindade antes do casamento, por parte das garotas, era apreciada por ambos os sexos. Eram poucas as garotas que permitiam a um namorado uma relação sexual completa; quando muito, admitiam tal intimidade caso estivessem formalmente comprometidas com o rapaz em questão. Sem dúvida, a reputação das garotas estava apoiada em sua capacidade de resistir, ou conter os avanços sexuais; já a dos rapazes dependia das conquistas sexuais que poderiam conseguir.

Em uma investigação de atitudes, valores e comportamentos sexuais, **Thompson** (1989), entrevistando adolescentes americanos, constatou diferenças significativas entre as maneiras como as garotas e os rapazes discutiam sexo. Os rapazes, além de não falarem com freqüência sobre o amor, enfatizavam em suas narrações episódios sexuais esporádicos, conquistas sexuais diversas, enquanto que as garotas contavam longas histórias detalhadas e complexas, falando de suas angústias e de entusiasmos provocados pelas relações íntimas.

unesp

Rubin (1990), estudando histórias sexuais de adolescentes dos Estados Unidos em 1989, também verificou que entre os adolescentes a distinção da garota decente/garota vadia, bem como a ética da conquista masculina, ainda se aplicavam, porém outras atitudes mudaram radicalmente. As garotas julgavam ter o direito de se envolver na atividade sexual, em qualquer momento que lhe parecesse apropriado.

Com este trabalho, **Rubin** constatou que as mudanças no comportamento e nas atitudes sexuais das garotas tinham sido mais pronunciadas do que entre os rapazes. O padrão duplo de moral ainda existe, já que a maioria dos rapazes falava com admiração sobre amigos que saíam com várias garotas, enquanto condenava as garotas que faziam o mesmo; várias jovens entrevistadas acreditavam ser conveniente omitir aos seus futuros maridos a extensão de suas experiências sexuais anteriores.

Obviamente devemos considerar que, embora estas mudanças estejam ocorrendo na maior parte das sociedades ocidentais, ainda existem divergências significativas entre países, subculturas e camadas socioeconômicas diferentes. Algumas regiões ou grupos ainda resistem a esse tipo de mudança.

O desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação aparecem como um outro fator que influenciou nas transformações da moralidade e comportamento sexual. Portanto, as transformações históricas, mobilidades geográficas, a urbanização, a industrialização, a ênfase às

unesp

necessidades individuais, trouxeram o desmoronamento dos modelos tradicionalmente impostos. Ficou longe o tempo da procriação como finalidade única do sexo.

Com o surgimento da Aids, vieram à tona para os indivíduos e para as sociedades contemporâneas uma série de problemas vitais, provocando espanto, dor, desesperança, culpa e, sobretudo, reflexão e inquietação. Surgiram polêmicas contrapondo os moralistas de todos os matizes. Apareceram estudos e pesquisas de diversos enfoques, possibilitando a análise de diferentes ângulos de percepção das várias implicações e reações suscitadas nos valores e práticas da população.

Entendendo que uma visão biopsicossocial fará mais pela sexualidade dos jovens contra doenças físicas e psíquicas desencadeadas pela atividade sexual, que as propostas de todos os manuais e de todos os discursos normatizadores e higienizantes empregados sob o argumento da profilaxia contra a Aids, é que temos estudado o tema sexualidade, Aids e mudança de atitudes.

I.1 - Rápida narrativa de nossa contribuição ao tema

Iniciamos esta trajetória com o trabalho de mestrado, concluído em 1990, no qual procuramos levantar dados a respeito do conhecimento que as pessoas tinham sobre as formas comprovadas de transmissão do vírus HIV e sobre mudanças de atitudes no que diz respeito a: **1)**- redução do número de parceiros sexuais; **2)**- escolha mais criteriosa de parceiros;

unesp

3)- aumento do uso de preservativos; **4)**- mudanças no intercurso sexual; **5)**- características de personalidade relacionadas, e em que medida, com mudanças de atitude, objetivando evitar infecção pelo vírus HIV.

Para a coleta de tais dados trabalhamos com uma população de jovens da grande São Paulo (a amostra foi constituída por 206 universitários de ambos os sexos), por representarem estes sujeitos, na época do projeto (1987), uma das principais fontes de onde provinha a maioria dos casos registrados e divulgados como portadores da doença.

O instrumento utilizado para esta coleta de dados, constituiu de uma escala de atitudes - do tipo *Likert*[1] - elaborada com a preocupação de abarcar cognições, sentimentos e comportamentos frente à prática sexual, especialmente no que diz respeito ao intercurso sexual, uso de preservativos, conhecimento das formas comprovadas de infecção pelo HIV, de tal maneira que as afirmações contidas na escala contemplassem as atitudes antes e após o evento da Aids.

Um dado significativo desta pesquisa (**Waideman**, 1991) foi a observação de que, já nesta época, as formas comprovadas de infecção pelo HIV, eram de conhecimento da maioria da população pesquisada. Por outro lado, a maioria das pessoas pesquisadas não tinham certeza se alguns contatos casuais, como aperto de mão, beijo no rosto, banho de piscina, sauna, significavam risco

[1] Consiste a escala em uma série de afirmações, relativas a um objeto atitudinal. Nessa escala, as pessoas deviam responder a cada item, através de cinco graus de acordo e desacordo: concordo totalmente, concordo em parte, não tenho opinião, discordo em parte, discordo totalmente.

unesp

de transmissão do HIV, indicando, com isto, que ainda faltava esclarecimento à população.

Os dados obtidos com a escala de mudança de atitudes, permitiram-nos verificar que os estudantes universitários estavam reduzindo o número e escolhendo mais criteriosamente seus parceiros sexuais, procurando estabelecer um conhecimento prévio, da vida sexual desse parceiro, ou evitando ter relações sexuais com parceiros recém-conhecidos.

Outro dado significativo deste trabalho foi a constatação de que o aumento do uso de preservativos só ocorria significativamente quando os jovens mantinham relações sexuais com parceiros esporádicos ou recém-conhecidos. Foi verificado ainda que os universitários conservavam a forma de praticar sexo, ou seja, mantinham a prática sexual que provavelmente lhes dava mais prazer.

No que diz respeito aos causadores de mudança de atitudes, foi verificado que o maior motivador para mudança é o medo da morte, seguido, no sexo masculino, do medo de ser abandonado e, no sexo feminino, da vergonha.

Ao se estudar as razões da falta de prevenção, mais da metade dos universitários do sexo masculino e quase metade das moças, discordam da afirmação de que sempre permaneceram com um único parceiro. Não sendo, portanto, a fidelidade total o fator que tenha contribuído sobremaneira para a não mudança de atitude. Por outro lado, a maioria

unesp

discordava de que era por insegurança ou conservadorismo a não adoção de preservativos. Assim sendo, pudemos levantar a hipótese, para estudos posteriores, de que ter conhecimento do uso da camisinha como técnica de prevenção, não significa o mesmo que conseguir discutir com tranqüilidade, junto ao parceiro, a possibilidade de sexo seguro.

Através deste estudo pudemos constatar, ainda, que as pessoas tinham relacionamento sexual mais livre com parceiros recém-conhecidos e número variável de parceiros antes da Aids. Entretanto, ao tomar conhecimento de que estas condutas as expunham mais freqüentemente ao risco, representando possibilidade de morte, modificaram especificamente estes comportamentos. Portanto, as mudanças de atitudes foram mais no sentido de evitar contato com o risco do que tentar contorná-lo, uma vez que se mostravam mais conservadoras no que diz respeito à mudanças de atitudes quanto ao uso de preservativos e quanto ao intercurso sexual.

Para a análise das características de personalidade associadas à mudança/não mudança de atitude, correlacionamos os dados da escala com o FIRO-B (Fundamental Interpersonal Relations Orientation-Behavior), instrumento este destinado a : 1) medir a orientação mais significativa do comportamento do indivíduo frente às outras pessoas, isto é, como o indivíduo atua em situações interpessoais; 2) fornecer uma medida que permita predizer a interação entre pessoas, sendo que para esta predição é necessário considerar não só o comportamento que o indivíduo manifesta para os outros, mas também o

unesp

comportamento que ele espera dos outros. Este instrumento baseia-se na Teoria Tridimensional do Comportamento Interpessoal proposta por Willian C. **Schutz** (1966).

O estudo demonstrou que os jovens do sexo masculino que resistiam à redução do número de parceiros e à escolha de parceiros eram aqueles que dependiam mais da aprovação do grupo, e que, portanto, apresentavam maior necessidade de serem aceitos e queridos do que aqueles que reduziram o número de parceiros. Já os que mudaram mais facilmente nos aspectos estudados, apresentavam maior tendência a se submeter ao controle externo.

Por outro lado, as moças tendiam a se sentir mais aceitas pelo grupo a partir do momento em que elas adquiriam maior controle sobre o seu próprio corpo. Portanto, através de comportamentos mais comedidos como redução do número de parceiros, as jovens buscavam garantir aceitação e afeto do grupo e, paralelamente a estas características, apresentavam dificuldade em se submeter a comandos, preferindo exercer, elas mesmas, controle sobre a situação.

Com este estudo concluído e com o objetivo de reaplicar o instrumento formulado, bem como a ampliação de dados para avaliar e comparar mudanças de atitudes junto à população universitária, iniciamos um trabalho de pesquisa na região centro-oeste, especificamente na cidade de Assis-SP., com a pretensão de comparar os resultados com os já obtidos na região da grande São Paulo (**Waideman**, 1993).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

Para o desenvolvimento deste último trabalho, fizemos algumas reformulações no instrumento de pesquisa, atendendo às evoluções que tema tão recente exigia, e, a partir daí, estudamos 102 estudantes universitários (43 homens e 59 mulheres), matriculados na Universidade Estadual Paulista-UNESP (universidade pública) nos cursos de Psicologia, Letras e História e na Fundação Educacional do Município de Assis-FEMA (fundação com cursos particulares), no curso de Programação. Foi mantida, portanto, a equivalência em termos de população a ser pesquisada, embora desta vez em cidade do interior paulista

Chegamos, com este trabalho finalizado em 1993, à conclusão que os jovens, tanto do sexo masculino como do sexo feminino, apresentaram mudanças mais significativas quando comparadas com os resultados obtidos em 1990. Ou seja, é maior a proporção de jovens que reduziram o número de parceiros esporádicos, que aumentaram o uso de preservativos - principalmente as mulheres, e que passaram a escolher mais rigorosamente seus possíveis parceiros. Corroborando estes dados, também verificamos que as mulheres que expressavam valor negativo em relação ao uso de camisinha representavam quase metade da amostra de 1990, enquanto que na última pesquisa essa porcentagem caiu para menos de um quarto, o que nos levou a concluir que o uso de preservativo deixa aos poucos de representar uma perturbação na relação sexo/romantismo.

unesp

Os dados colhidos também nos permitiram verificar que tanto os jovens do sexo masculino como os do sexo feminino iniciavam a prática sexual em idades bastante variáveis, sendo que uma quantidade significativa dos rapazes com idades entre 12 e 13 anos e as moças com idades entre 14 e 15 anos já assumiram sua sexualidade.

Não raro, os sujeitos se manifestaram a respeito da necessidade de trabalho mais efetivo para a educação da população em geral, no que diz respeito às medidas de prevenção, dizendo-se por vezes inseguros em relação à própria sexualidade.

Com estes estudos realizados e pretendendo dar continuidade científica a assunto de tal importância, pretendemos desenvolver, em nível de trabalho de doutorado, um estudo compatível com nossa preocupação atual de analisar as relações entre os fatores de ordem pessoal da sexualidade e condições psicossociais envolvidas no processo educacional de prevenção. A partir da análise das questões psicossociais pertinentes à sexualidade do adolescente, pretendemos discutir a possibilidade do estabelecimento de estratégias de comunicação que efetivamente resultem numa proposta educacional para a população brasileira, principalmente para o adolescente, já que o início da sua atividade sexual tem se dado em idade que por vezes beira a puberdade.

unesp

II - SEXUALIDADE E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO: CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS

Na cultura moderna, a grande contribuição da Psicologia, para o tema em estudo, especialmente pela Psicanálise de **Freud**, foi ter revelado as cone-xões entre a sexualidade e identidade, e ao mesmo tempo demonstrado como essas conexões são complexas, criando uma narrativa reflexivamente ordenada do eu.

A posição da psicanálise já se chocava frontalmente com a concepção da sexualidade adotada pela tradição médica e biológica, desvinculando a sexualidade da reprodução, ao propor a sexualidade infantil como pano de fundo explicativo que determina a vida psíquica do indivíduo. Portanto, a natureza psíquica da sexualidade ligada ao prazer subjetivo, e não mais à reprodução, escandaliza os contemporâneos de Freud e ainda hoje pode ser mal compreendida.

A sexualidade estudada pela psicanálise de **Freud**, como bem lembra **Grandino** (1987), considera a ordem biológica do sexo, mas não no sentido geneticista dos sociobiólogos. Acredita no orgasmo, mas não o qualifica como libertador. Considera o ato sexual uma atividade importante na vida das pessoas, mas não o encara com a perspectiva tecnológica dos sexólogos. O sexo não se inicia quando o homem e a mulher se despem. O sexo, a sexualidade vêm de muito antes; vêm da fala dos pais, vêm inscritos no corpo sob a forma de órgãos; órgãos que nem sempre bastam para determinar o futuro. Há todo um

unesp

caminho cultural a ser trilhado para que o portador do órgão se complete com uma estrutura psíquica e uma função cultural correspondente ao seu sexo. Portanto, o sexo não está *a priori* formado na criança, mas a sexualidade é construída a partir de acontecimentos intersubjetivos entre pais e filhos, que conferirá a nuança fundamental da sexualidade do sujeito.

Com a evolução neuropsíquica do indivíduo e os processos de troca que se estabelecem a partir das primeiras relações mãe/bebê, são criadas condições para o desenvolvimento do aparelho psíquico, da vida afetivo-emocional, simbólica, do pensamento e dos processos de identificação, cuja expressão definirá o perfil da identidade e da personalidade de cada pessoa.

Segundo a escola psicanalítica, a energia que mobiliza o aparelho psíquico - que tem uma organização estrutural, dinâmica e econômica - tem origem nos impulsos instintivos e impele o indivíduo para a atividade, em busca da gratificação. O organismo, por meio de seus recursos, procura satisfazer suas necessidades internas em busca de equilíbrio vital.

Assim, o conceito de "sexual" em psicanálise compreende muito mais do que o sexo somente como necessidade do coito ou de atos análogos que culminem no orgasmo. Considera a vida sexual do indivíduo enquanto atuação de todos aqueles sentimentos afetivos nascidos na fonte dos impulsos sexuais primitivos, mesmo que estes impulsos sejam submetidos a uma inibição do seu fim sexual primitivo e se encaminhe para outro fim não-sexual, já

unesp

que a idéia psicanalítica não é pensar a sexualidade como algo limitado ao corpo, aos órgãos genitais, aos aparelhos reprodutores e aos prazeres.

Ao nos apoiarmos na teoria freudiana a respeito da sexualidade, admitimos a noção de pulsão como definida por **Freud** - do original alemão *Trieb* que tem por significado em português o termo 'impelir'. Portanto, pulsão é uma tendência geral à descarga, que não se fixa a um objeto e, neste sentido, difere de instinto - do original alemão *Instinki* - que designa um comportamento voltado a um objeto determinado e idêntico em todos os membros de uma espécie.

No campo do pulsional, **Freud** no artigo *"As Pulsões e seus Destinos"*[2], define a fonte da pulsão como sendo o processo somático que se desenrola em um órgão ou em uma parte do corpo e, ao lado do impulso, é representada pelo psiquismo como uma tendência à satisfação; a finalidade de uma pulsão é sempre a descarga, a satisfação, e o objeto de uma pulsão é a coisa na qual ou por meio da qual a pulsão pode alcançar sua satisfação.

Para **Freud** existe a *pulsão de auto-conservação* - conjunto de fatores dos quais depende a manutenção de vida do indivíduo, como a fome e a sede -, e o *apoio* - a pulsão que tem seu fim satisfeito utilizando-se do mesmo objeto e da mesma fonte de uma outra pulsão sem, no entanto, se confundirem. Ou seja, a pulsão sexual é satisfeita ao mesmo tempo que se satisfazem as pulsões de auto-conservação. Assim é que o bebê em sua primeira atividade vital

---

[2] Freud, S. *Tres Ensayos para una Teoria Sexual*. Obras Completas, v.II. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973.

unesp

- sucção do seio da mãe, ou seus substitutos - conhece o prazer; a sensação de fome é experimentada pela primeira vez e saciada pela primeira vez quando o bebê recebe o seio materno em sua boca; aí é construída uma primeira conexão. Quando em outra circunstância, numa inquietação da criança, seu dedo encontra os lábios, isto tranqüiliza o bebê. Neste momento não é a fome que é satisfeita. A criança não se dá conta, neste momento, de que se trata de seu próprio dedo - seu corpo ainda não é representado por uma unidade. O bebê possui a lembrança da satisfação anterior - a lembrança do seio, que pode reaparecer aí de modo fantasmático[3]. Sugar o dedo não traz o leite mas vemos aí um **objeto**[4] - o dedo, uma **fonte**[5] - algo no corpo, um **impulso**[6] - a inquietação, e um **fim**[7] - a satisfação. A construção dessas formas de satisfação que estão a serviço da pulsão de auto-conservação constituem os primórdios do que se convencionou chamar de *busca do prazer.*

Dessa maneira, a atividade sexual apóia-se principalmente em uma das funções a serviço da conservação da vida para depois se tornar independente dela. A organização da personalidade vai se desenvolvendo progressivamente, na dependência de fatores constitucionais das forças

---

[3] a)-Encenação imaginária em que o indivíduo está presente e que figura, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente (Laplanche & Pontalis, 1970); b)- O fantasma é uma produção ilusória - é a expressão de um desejo. Ao mesmo tempo que a criança se modifica, os fantasmas que a envolvem também se modificam. Essa organização estrutura a personalidade global e dita modos de relação (Valente, 1995). Designa, portanto, determinada formação imaginária e não a atividade imaginativa em geral.

[4] Objeto- é a coisa em relação à qual ou através da qual a pulsão é capaz de atingir sua finalidade.

[5] Fonte - processo somático que ocorre num orgão ou parte do corpo e cujo estímulo é representado na vida mental por uma pulsão.

[6] Impulso - (por vezes designado como pressão) por impulso compreende-se o fator motor da pulsão. A característica de exercer pressão é comum à pulsão.

[7] Fim - (ou objetivo) a finalidade das forças pulsionais é sempre a satisfação, que só pode ser obtida eliminando-se o estado de estimulção na fonte da pulsão.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

pulsionais, das determinantes psíquicas, das influências do meio ambiente e das experiências vivenciais que ocorrem durante a evolução do indivíduo.

É assim que **Freud** caracteriza a sexualidade: ela surge secundariamente à excitação de qualquer função orgânica, mas não se confunde com ela, não se fixa a um objeto, pode mudá-lo e será preponderante a sua satisfação fantasmática. Torna-se bastante explícito a esse respeito: "***De início, a atividade sexual se liga às funções que atendem à finalidade de autropreservação e não se torna independente dela senão mais tarde"*** (Tres Ensayos, 1973, p.187) ou como nos diz **Grandino** (1987, p.60) ***"Da mesma forma como o objeto é cambiável, a fonte da sexualidade pode se localizar no corpo todo. Em qualquer lugar em que uma função orgânica se desenrole, incluindo a pele, os orifícios, os genitais e até os órgãos internos. Constrói-se um corpo erógeno sobreposto a um corpo biológico".*** E como os sujeitos manifestam as pulsões que os movem? Através dos interesses, vontades e desejos, havendo sempre um intervalo entre a manifestação destes e a satisfação dos mesmos.

Além das considerações do ponto de vista dinâmico, outro plano explicativo da teoria freudiana acerca da sexualidade, consiste numa abordagem estrutural do aparelho psíquico no que diz respeito ao seu funcionamento.

O aparelho psíquico, do ponto de vista estrutural, organiza-se em níveis funcionais representados pelo *id, ego e superego.* As necessidades

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

instintivas, sexuais e agressivas compreendem o *id*. Os aspectos morais e valorativos caracterizam o sistema normativo e censor constituído pelo *superego*. A função do *ego* é de integração das percepções do mundo interno e externo, atuando como mediador e executor de uma ação, controlando os impulsos e adequando as respostas frente às necessidades e desejos; tem portanto, a função de harmonizar este conjunto e adaptá-lo à realidade. A resultante desta organização dinâmica é o comportamento explícito manifestado pelo indivíduo, que pode ter um significado latente, motivado por fantasias e desejos inconscientes.

Dentro de uma perspectiva da evolução psicossexual, temos o bebê apresentando intensa excitação frente ao estímulo da fome, seguida de plena satisfação ao ter sua necessidade saciada. Já entre dois e três anos de idade, a criança demonstra prazer em poder controlar partes de seu corpo, como os esfíncteres. Iniciam-se aqui os primeiros passos para o desenvolvimento da capacidade de tomar decisões, de controlar sua vontade, adquirindo, assim, capacidade de controle social, impostas pelo meio.

Portanto, a psicanálise discute o sexo dentro das outras atividades humanas: a organização social, a função simbólica, a iniciação dos jovens, as atividades artísticas e alimentares. Estas atividades não se dissociam do sexo dos membros de uma sociedade.

unesp

II. 1 - Sexualidade do Adolescente: Dinâmicas psicossociais

A idéia do que hoje chamamos de adolescência demorou a se formar. Embora um vocabulário da primeira infância tivesse surgido e se ampliado, subsistia a ambigüidade entre a infância e a adolescência. Segundo **Ariès** (1981,p.46) ***"o primeiro adolescente moderno típico foi o Siegfried de Wagner: a música de Siegfried pela primeira vez exprimiu a pureza (provisória), de força física, de naturismo, de espontaneidade e de alegria de viver que faria do adolescente o herói no nosso século XX, o século da adolescência".*** Somente em torno de 1900 esse fenômeno surgido na Alemanha Wagneriana, penetraria na França. A juventude passou a ser tema literário, e apareceu como preocupação dos moralistas e políticos, já que surgiu como depositária de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade envelhecida. Para **Ariès**, daí por diante, a adolescência se expandiria, empurrando a infância para trás e a maturidade para a frente.

Se, por um lado, os meninos do tempo de Luís XVI conseguiram libertar-se do vestido comprido fora de moda e demasiado infantil, graças às calças compridas do povo e dos marinheiros, por outro lado, os adolescentes do séc. XX transformaram o macacão do trabalhador e as calças de lona azul, nos *blue jeans* que os jovens usam com orgulho, como o signo visível de sua adolescência.

Um dos primeiros empregos em literatura da palavra "adolescente", foi provavelmente sob a pena de Vitor Hugo, em "*Os*

unesp

trabalhadores do mar", através da definição: ***"a adolescência, os dois crepúsculos confundidos, o início de uma mulher com o fim de uma criança".*** Esta definição, segundo **Françoise Dolto** (1990), contém uma pequena impropriedade. O início de uma mulher é uma aurora e não um crepúsculo. Portanto, hoje compreendemos: a aurora de um adulto no crepúsculo de uma criança.

Segundo **Freitas** (1989), encontraremos os primeiros estudos psicológicos sobre a adolescência em uma obra de **Granville Stanley Hall**, publicada em 1904, sob o título: *"Adolescência - sua psicologia e sua relação com a fisiologia, antropologia, sociologia, sexo, crime, religião e educação"*. Na obra de **Freud**, as referências ao tema adolescência podem ser visualizadas através de textos, tais como: "*Fragmento da Análise de um caso de histeria"*(1905), *"As Transformações da Puberdade"* (1905), *"Contribuições a um debate sobre a Masturbação"* (1912), "*Algumas Reflexões sobre a psicologia do escolar*" (1914).

Embora tenhamos estas contribuições arroladas, entre outras posteriores, a preocupação maior com a adolescência ocorreu após a Segunda Guerra Mundial, quando houve uma grande mobilização de contingentes de homens para a frente de combate e conseqüente deslocamento das mulheres para a indústria e ao abandono das crianças. As marcas do pós-guerra, ao atingirem a adolescência, alertam profissionais como **Erick Erickson** no que diz respeito a seu estado psicológico.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

Atualmente, os estudos sobre a adolescência têm extrapolado sua compreensão como um período de transição entre a infância e a vida adulta, que com certas variações, e resguardadas as peculiaridades de cada cultura, está presente na vida evolutiva dos indivíduos em todas as sociedades. É uma idade com uma psicologia e sociologia peculiar, e que contempla grande segmento da população durante um período bastante longo.

Desde as sociedades mais primitivas são encontrados ritos de iniciação, onde os adolescentes têm que passar por algumas tarefas dentro do grupo, como por exemplo caçar um animal representativo para o clã, marcando assim a passagem da infância para a adolescência, já que a distinção entre puberdade e adolescência será melhor discutida por **D'Andrea** (1972) ao estabelecer a puberdade como uma etapa fisiológica que marca a evolução do corpo biológico, enquanto que a adolescência compreende uma fase de evolução afetivo-emocional do indivíduo entre a sua infância e vida adulta, onde se inclui a puberdade.

Van Gennep (1978,p.71) nos lembra que é compreensível o fato de "***nenhuma instituição se fundar sobre um elemento tão pouco determinável e tão pouco constante quanto a puberdade***", já que considera a puberdade fisiológica e a *puberdade social* como coisas essencialmente distintas. Assim, os ritos de passagem constituem fases de aprendizagem ao mundo adulto.

A antropóloga **M. Mead** (in Campos, 1986) é levada a concluir que alguns aspectos do desenvolvimento, incluindo-se aí a adolescência,

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

tem caráter universal, o que denominou de "regularidades básicas". Da Austrália à África do Sul, da Terra do Fogo à Oceania e até ao Taiti, os mais antigos rituais de iniciação têm por denominador comum uma dramaturgia da morte iniciática. Os noviços devem, para a passagem, morrer para a infância.

Para **Françoise Dolto** (1990), os rituais de iniciação representados pelas provas coletivas ajudavam os jovens a libertar-se do sentimento de culpabilidade transgressora, porque a passagem feita a sós, sem apoio, era vivida como uma transgressão, embora seja necessário também que se realize sob o peso de certa ameaça, através do confronto real com o perigo.

Hoje o adolescente precisa de substitutos numa sociedade que suprimiu os rituais de passagem para a adolescência. Na puberdade, não existe mais a iniciação nem a aprendizagem. Já não são mais tão definidos os modelos familiar ou social; o filho cada vez menos sucede ao pai. Se por um lado o ritual de passagem já não se justifica mais, o substituto, o "projeto" do jovem, respondendo à tentação do perigo, com certa prudência, pode ajudar a morrer para a infância.

A adolescência tem, portanto, um caráter universal, variando apenas em sua forma de expressão de acordo com o meio sociocultural. Concordamos com **Osório** (1992) que afirma ser a *puberdade* um fenômeno universal, sendo que seu início, em condições de normalidade física, é assinalada por modificações físicas, especialmente os denominados caracteres sexuais secundários, e é coincidente em quase todos os povos. Já a adolescência, embora

unesp

um fenômeno igualmente universal, tem características peculiares conforme o ambiente sociocultural do jovem, e seu início não é simplesmente demarcado pelo despertar da sexualidade, já que **Freud** demonstrou que a sexualidade não surge de modo abrupto nesse momento da vida, mas ela existe desde o início da vida.

A conclusão da *puberdade* - e com ela o crescimento físico e o amadurecimento gonodal - estaria completada por volta dos dezoito anos, coincidindo mais ou menos com o fim do crescimento esquelético, enquanto que o término da adolescência é bem mais complexo para ser determinado, novamente dependendo de fatores socioculturais. Atualmente, os elementos mais aceitos para demarcar o término da adolescência estão ligados ao estabelecimento de uma identidade sexual, capacidade para assumir compromissos profissionais, condição de manter-se economicamente e aquisição de um sistema de valores próprios.

Em nossa sociedade, essas condições estão influenciadas pelas contingências socioculturais circundantes, especialmente pelas peculiaridades da família de origem do adolescente, incluindo aí todo o processo afetivo subjacente. Como nos assinala **Levisky** (1995, p.17) "***A sociedade, com sua cultura e tradições, estabelece pré-requisitos e critérios que o jovem deverá suplantar para atingir o status adulto".***

Brandão (1986 a.) contribui sensivelmente para esta questão quando discute a maneira como a sociedade edifica suas pessoas. Para o autor, a

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

pessoa de cada um de nós é uma lenta construção da sociedade, através de um trabalho de ensino-aprendizagem de formas de sentimento, pensamento e ação, sendo, portanto, cada pessoa expressão individualizada da estrutura de símbolos do mundo social onde vive.

Esta etapa evolutiva do desenvolvimento humano é caracterizada por um complexo desenvolvimento psicossocial permeado de mudanças físicas e psíquicas, quando o indivíduo é levado a reformular os conceitos que tem de si, abandonando a auto-imagem infantil e projetando-se para o futuro que irá assumir, isto após a conclusão do processo de identificação, que o conduzirá à identidade adulta.

Na adolescência, fatores de ordem biológica, psicológica e social estão concorrendo para a formação da identidade sexual. Fatores biológicos desencadeados pelas secreções de hormônios vão provocar alterações no corpo desde o crescimento e desenvolvimento de características sexuais secundárias, até a maturação do aparelho reprodutor, tornando o indivíduo apto para a reprodução.

Estas mudanças são sentidas, também, na esfera psicológica, visto que as alterações no esquema corporal fazem com que o adolescente tenha que reestruturar em nível intra-psíquico a representação de seu próprio corpo.

No âmbito social, uma gama variada de estímulos atinge o adolescente. Nos últimos tempos principalmente, estes são provenientes do meios de comunicação de massa, onde a velocidade e a intensidade de penetração com

unesp

que estes meios atingem as culturas têm sido tão intensa que muitas vezes chega a suplantar a possibilidade de assimilação e a distorcer culturas tradicionalmente estáveis. De qualquer forma, o ambiente sociocultural tem se mostrado mais receptivo aos temas da sexualidade do que há vinte ou trinta anos atrás.

Embora não seja nosso objetivo principal fazermos uma análise detalhada da constituição da identidade sexual pela qual passa o adolescente, é necessário traçarmos um esboço, mesmo que de forma sucinta, das principais características desse período evolutivo sem que, com isso, nos desviemos de nosso propósito inicial: aquele em que o desenvolvimento sexual faz parte de um contexto evolutivo mais amplo, ao invés de abordá-lo de forma isolada.

O advento da Psicanálise trouxe o reconhecimento da sexualidade infantil e ela foi estudada, passando o desenvolvimento sexual do adolescente a ser uma continuação e acabamento da evolução sexual do indivíduo, quando ocorre o ingresso da sexualidade no nível propriamente genital.

Para **Erikson** (1976), a adolescência representa momento crucial onde o indivíduo tem a oportunidade de adquirir uma "identidade sexual" firme e duradoura, que possibilitaria a formação de uma identidade pessoal em todas as outras áreas da vida psicossocial.

Assim, dentro de uma perspectiva evolutiva, a adolescência pode ser compreendida como uma etapa do desenvolvimento na qual o indivíduo

unesp

se desprende dos seus laços infantis e adquire uma identidade adulta. Partindo-se desta perspectiva, os comportamentos típicos do adolescente, tais como ambigüidades, contradições, ensimesmamentos, crises religiosas, etc, são considerados perfeitamente normais.

Para a psicanalista **Arminda Aberastury** (1992), o desprendimento da infância para a constituição de uma identidade adulta por parte do adolescente se dá através da elaboração de três lutos típicos, a saber: *luto pelo corpo infantil, luto pelo papel e identidade infantis* e *luto pelos pais da infância.*[8]

Com as mudanças biológicas ocorridas neste período de desenvolvimento, o *luto pelo corpo infantil* significa que o adolescente passa a ser um espectador passivo das mudanças que atingem seu corpo e alteram seu esquema corporal. O impacto dessas mudanças leva o adolescente a empregar mecanismos de deslocamento, transpondo a rebelião que não pode expressar contra o próprio corpo, para o pensamento que passa a ser manejado de forma onipotente. Ou seja, o adolescente pode manejar símbolos de forma onipotente arquitetando reformas sociais e políticas mirabolantes que considera ser a solução para todos os problemas da humanidade, sem com isso ter necessidade de empregar a ação física, visto que o seu corpo está passando por processos de mudanças. Pensar a revolução externa é a forma econômica que ele encontra para

[8] a)-O alemão "Trauer", como o inglês "mourning" (luto), pode significar tanto o afeto da dor como sua manifestção externa (Freud,1969). b)-o nascimento já constitui uma separação da primeira forma de existência; e cada nova etapa da personalidade significa também deixar para trás uma etapa anterior, ou seja, representa uma separação de si mesmo (Caruso, 1986). c)- no decorrer da vida, a cada fase de mudança, tem-se que desistir de alguma posição ou papel familiar, para que outra possa desenvolver-se; perda e renovação ocorrem em cada estágio, desde o nascimento até a morte (Pincus & Dare, 1987).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

confrontar-se com a revolução interna e poder, com isso, melhor elaborar a perda de seu corpo infantil.

Durante a adolescência, *o luto pelo papel e identidade infantis* indica que, enquanto o ego se fortalece por mecanismos de projeção e introjeção, o jovem não pode mais manter a sua dependência infantil, quando outras pessoas, principalmente os pais, assumem aspectos de sua função egóica. Por outro lado, o adolescente ainda não está preparado para assumir uma independência adulta. Em decorrência disso, ele se utiliza de mecanismos esquizóides de cisão, dividindo o seu contexto entre família e grupo de amigos, passando então a vivenciar uma situação de dependência em relação ao grupo, ao mesmo tempo que procura tornar-se independente dos pais.

Grimberg & Grimberg (in Oliveira, 1976) já enfatizavam que entre as necessidades psicológicas dos indivíduos está a de assegurar o mais firmemente possível o sentimento de identidade, que os leva a procurar se integrar em grupos ideológicos. Estes grupos ideológicos podem, por vezes, funcionar como um continente que abrange e delimita, ao mesmo tempo que discrimina e consolida, a ideologia dos membros que os constituem.

Dessa maneira, o grupo assume a função de transição para que o adolescente possa gradativamente constituir sua identidade adulta e assumir a independência inerente a essa identidade.

Estes mecanismos esquizóides atuam também na esfera do pensamento fazendo com que o adolescente não se sinta responsável pelo que

unesp

acontece ao seu redor em função da projeção desta responsabilidade nas entidades socioculturais. É a sua forma de sentir e elaborar o luto pelo papel e identidade infantis que tinha.

No *luto pelos pais da infância*, o desprendimento dos genitores vai ocorrendo gradativamente neste período do desenvolvimento, sendo para tal, empregadas várias defesas. O deslocamento da libido[9] é uma delas, através da qual o adolescente pode afastar-se dos seus objetos infantis transferindo seu interesse dos pais para o grupo. Uma outra defesa é a formação reativa, quando os adolescentes transformam em seu contrário, nas palavras de **Perestrello** (1981) ***"(...)neles, o amor se transforma em ódio, respeito e admiração em desprezo e zombaria".*** Quando a hostilidade, fruto da formação reativa, começa a tornar-se insuportável para o ego, o adolescente emprega o mecanismo de projeção[10] sobre os pais, que são considerados seus opressores.

Pode ser empregado um outro mecanismo defensivo, o retraimento da libido para dentro de si, onde o investimento libidinal que é feito no mundo externo, sobretudo nos pais, é posteriormente transferido para o mundo interno, a fim de diminuir a dependência em relação a eles. Por sua vez os pais também têm que enfrentar o luto e elaborar a perda da relação de submetimento do filho. Esta relação dialética de duplo luto torna ainda mais difícil a passagem pela adolescência.

---

[9] Libido: energia postulada por Freud como substrato das transformações da pulsão sexual quanto ao objeto, quanto ao alvo e quanto à fonte da excitação sexual (Laplanche & Pontalis, 1970).

[10] Projeção: operação pela qual o indivíduo expulsa de si e localiza no outro, pessoa ou coisa, sentimentos, desejos, que ele desdenha ou recusa em si (Laplanche & Pontalis, 1970).

unesp

O pensamento do jovem neste momento do seu desenvolvimento apresenta-se de forma contraditória. Se por um lado pretende-se ter pais protetores e controladores, por outro, idealiza-se a relação com eles, procurando-se uma sujeição que aparentemente fornece a independência desejada. Esta contradição acaba por interromper a relação com os pais externos, sendo eles substituídos por figuras paternas idealizadas, elaborando aí o luto pelos pais da infância.

A elaboração desses três lutos acarreta alterações no processo do pensamento do adolescente, o que lhe provoca dificuldade na discriminação adequada da temporalidade e identidade sexual. Todos esses fatores tornam o adolescente sempre muito sensível ao meio que freqüenta. Para **Castellar** (1989), a fragilidade do seu ego, motivada pelos lutos que é obrigado a elaborar, o torna extremamente vulnerável. A busca incessante de figuras de identificação, já que estão construindo uma identidade, torna-os facilmente convocáveis para movimentos de salvação da humanidade.

Em virtude dessas mudanças, a sexualidade durante a adolescência tem caráter exploratório, de investigação, é quando o adolescente está reconhecendo o próprio corpo, descobrindo suas novas potencialidades e, mais do que isto, está aprendendo a lidar com esta nova realidade que lhe é colocada.

Esta exploração se dá através da evolução do auto-erotismo à heterossexualidade, passando muitas vezes por homossexualismo ocasional. O

unesp

homossexualismo ocasional pode ser entendido como uma projeção da fantasia da bissexualidade que ao mesmo tempo está sendo perdida e desejada. Desta forma, o adolescente recupera o sexo que está sendo perdido por identificação genital.

Este complexo processo evolutivo faz parte do desenvolvimento sexual humano e tem na adolescência o seu marco. Ocorre com o indivíduo que está em constante interação com o meio, seja com a família, seja com a sociedade em contexto mais amplo. Desta forma, os acontecimentos que são observados e vivenciados pelo adolescente no seu meio social são de fundamental importância, eles exercem uma influência direta na formação de sua identidade sexual, bem como na consolidação de sua personalidade.

Segundo **Buoncompagno e Sarmento** (1988, p.98), o estabe-lecimento da identidade sexual também depende ***"...fundamentalmente da qualidade das relações com os pais desde a infância e de que quão harmoniosa e gratificante seja a vida sexual dos pais."***

Sendo a sexualidade o eixo em torno do qual vai progressivamente se estruturando a identidade adulta, na adolescência justifica-se a ênfase na educação sexual, não apenas no sentido anâtomo-fisiológico, mas sobretudo na sexualidade em seu aspecto psicossocial.

Em geral, as informações passadas ao jovem sobre sexo, não raro, confundem informações sobre reprodução humana com informações sobre a sexualidade. Ensina-se sobre espermatozóides, óvulos, ovários, fecundação,

unesp

gestação e parto; nada sobre o coito, o orgasmo, a atuação sexual, a anatomia do prazer ou ainda dos meios de prevenção às doenças. Conseqüentemente, o adolescente torna-se presa fácil das doenças sexualmente transmissíveis causando danos a si próprio e contribuindo para sua disseminação entre a população jovem em geral.

As profundas transformações socioculturais, especialmente após a Segunda Guerra, nas décadas de cinqüenta e sessenta, assinalaram mudanças do papel social da mulher, a liberação feminina, os movimentos estudantis reivindicatórios e o movimento da contracultura, que significativamente alteraram os valores sociais, mas não foram suficientes para derrubar a repressão moral de se falar sobre sexo e prazer, e, conseqüentemente, impedir que adolescentes tivessem maiores esclarecimentos de como se prevenir das doenças sexualmente trans-missíveis.

Atualmente, testemunhamos a volta da rebeldia juvenil, não que até então ela não fosse expressada, mas o adolescente volta a se organizar e de forma pacífica vai as ruas para manifestar suas idéias num impressionante movimento que teve a aprovação de todos os chamados "adultos".

Está mais uma vez reconhecido seu poder de expressão, contestação e mudança; e, mais do que nunca, com o aval de toda a sociedade brasileira. O chamado "cara pintada" vem, possivelmente, marcar um novo movimento reivindicatório do jovem. E junto com sua posição na derrubada de

unesp

um presidente (processo de *impeachment* presidencial de setembro de 1992), certamente não faltarão outras posições pela quais lutarão.

O namoro, o "ficar", ou o "rolo" como chamam, é só mais uma arma que os adolescentes estão usando para guerrear na busca pela sua autonomia e independência. O interesse antecipado dos adolescentes para o sexo, pegam os pais, na maioria das vezes, de surpresa, e aí a orientação da sexualidade mais do que nunca significa elemento essencial para o desenvolvimento deste jovem.

Para alguns adolescentes as experiências sexuais são intensas e variadas, podendo dar uma idéia errônea de promiscuidade. Para **Buoncompagno e Sarmento** (1988) estas atitudes estão relacionadas com a busca de um parceiro com quem possam construir uma relação afetiva estável.

Se mal orientado, e entre o irresistível apelo à sexualidade e à ameaça, fica mais fácil para o jovem ignorar a ameaça real da Aids e "transar" com culpa.

Nossa sociedade tem manifestado discursos de aparente liberdade em relação ao sexo, o que, de certa forma, tem permitido ao jovem maior possibilidade de contatos sexuais. Entretanto, será que isto tem sido suficiente para resolver os conflitos da sexualidade, se ainda permanecem as inibições pessoais e os preconceitos sociais?

Embora o grau de permissividade existente seja inegavelmente maior, o mesmo não se acompanha, contudo, da resolução dos

unesp

conflitos na área sexual. **Osório** (1992,p.41) nos diz que é necessário ***"diferenciar a liberdade sexual outorgada ou concedida pela liberalização dos costumes daquela que é conquistada pela superação, a nível individual, das inibições e preconceitos atávicos".*** Apesar deste mesmo autor afirmar que os adolescentes contemporâneos alteraram significativamente seu comportamento sexual em relação à geração de seus pais, afirmando que a iniciação sexual dos rapazes acontece habitualmente com moças de sua idade e convivência social, e não mais com prostitutas, no Jornal *Folha de São Paulo* de 30 de outubro de 1995, no caderno 6, temos uma reportagem com o título "Prostitutas ainda tiram virgindade de garotos" e no subtítulo: "Apesar de nem saberem usar camisinha, medo da Aids não afasta meninos de iniciação sexual com profissionais". Esta reportagem mostra dados da Pesquisa Datafolha revelando que das 1.964 entrevistas com jovens de 16 a 25 anos, nas cidades de São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife, realizadas no dia 22 de junho de 1995, apenas 26% dos rapazes dizem que os *teens* iniciam a vida sexual com prostitutas.

Tal quadro se agrava ainda mais por coincidir com a etapa da onipotência juvenil e que segundo **Tiba** (1989, p. 130), ***"...são etapas mais vulneráveis do jovem, onde a auto-afirmação é muito importante, mesmo que seja à custa de drogas".***

De acordo com **Kalina** (1991), é aí que se juntam os caminhos: das drogas e da sexualidade. As drogas, sendo utilizadas enquanto recurso para procura de uma super-sexualidade. Num momento onde a oferta de

unesp

drogas é permanente, maciça e acessível à qualquer bolso, como ocorre na atualidade, muitos jovens vivem induzidos pela idéia de que é necessário utilizar drogas para ser onipotente, triunfar e se manter "a todo vapor".

Para **Adamo** et al (1985, p.41) ***"...a educação cumprirá seu papel quando deixar de ser apenas um processo de capacitação pessoal, permitido a alguns, e passar a um processo amplo de disciplina e integração social".***

Por não ser possível então separar o sexo do sujeito, restringindo a sua atividade sexual a uma técnica que deve ser ensinada por quem estudou e entende de sexo a quem sabe pouco ou nada, é que acreditamos ser necessária a compreensão e análise das relações entre os fatores de ordem pessoal da sexualidade e condições psicossociais envolvidas no processo educacional da prevenção.

II.2 - A Educação e a Construção do Sujeito

A *Educação* tem variado segundo condições de tempo e lugar. Na Grécia, a educação conduzia a pessoa a um submetimento cego à coletividade; em Atenas procurava-se cultivar espíritos delicados, prudentes, sutis, cheios de graça e harmonia, capazes de usufruir o belo. Na Roma antiga, desejava-se que as crianças se tornassem homens de ação, apaixonados pela glória militar, e indiferentes às letras e às artes. Na Idade Média, antes de tudo, a

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

A comunidade médica brasileira concluiu, após rever informações sobre algumas mortes com causas ignoradas ocorridas anteriormente, que a Aids começou a fazer vítimas no país já em 1982. Treze casos de Aids com nove mortes foram confirmados em 1983 e novos casos começaram a aparecer em outros estados. Em abril de 1984, mais de 90 casos já tinham sido identificados em todo o país.

No Brasil, já há algum tempo o 3º colocado em número de casos notificados de Aids, apresentamos uma rápida visualização do impressionante crescimento que nos dá uma dimensão da gravidade e necessidade de reflexão do problema.

Ano	**Nº de casos registrados**
1993	1º caso de Aids registrado
1986	829 casos
1990	11.070 casos
1992	39.500 casos
1996	chegando a 100.00 casos registrados

Só no trimestre junho/julho/agosto-96, o Ministério da Saúde recebeu 5.507 notificações e o diretor de combate à Aids do ministério, Pedro Chequer, admitiu que a taxa de subnotificação é alta (**Silva,** 1996).

Um levantamento feito pela Secretaria Estadual de Saúde do Estado de São Paulo, que inclui ambos os sexos, indica que a porcentagem de contágio por meio de droga está caindo. As drogas chegaram a ser responsáveis por 35,5% dos casos em 1991, mas esta porcentagem caiu para 28,79% em 1995.

unesp

educação era cristã. Na Renascença, a Educação toma caráter mais leigo, mais literário (**Durkheim**, 1970).

A educação não tem variado por desconhecimento do que ela deveria ser, mas pela preocupação sobre a questão, de que serviria uma educação que levasse à morte a sociedade que a praticasse? A cidade romana não poderia ter se mantido se a educação romana tivesse o caráter de individualismo equiparado ao de nossos tempos. Portanto, o que se vê são conjuntos de atividades e instituições, organizadas ao longo do tempo, complementando as outras instituições sociais, às quais a educação exprime ou reflete. E estas instituições são alteradas com a estrutura da sociedade.

Há pois, a cada momento, um tipo regulador de educação, produto da vida em sociedade, e na sua maior parte, obra de gerações passadas. E é necessário que exista uma entidade duradoura, que ligue uma geração à outra: a sociedade. Assim, indivíduo e sociedade são idéias dependentes uma da outra.

É claro que no contexto da França de seu tempo, a preocupação de **Durkheim** era voltada para as transformações provocadas pela Revolução Industrial, que ele chamou de "desintegração social". Nesse sentido, as escolas poderiam ter um ativo papel na reorganização da sociedade; os educadores poderiam provocar mudanças em educação e, por conseqüência, na sociedade. Cada sociedade vai considerar em determinado momento de seu desenvolvimento, um sistema de educação que se impõe aos indivíduos.

unesp

Em época de neoliberalismo, onde se enfatiza mais os direitos do consumidor do que as liberdades públicas e democráticas, contesta-se também a participação do Estado no amparo aos direitos sociais (**Marrach**, 1996). Ou seja, parece-nos que o aspecto evidente dessa discussão é a adequação da escola aos mecanismos do mercado, de modo que a instituição escolar passe a funcionar com base no princípio de atendimento ao consumidor.

Neste sentido, uma questão se coloca: se há uma demanda para que a escola desenvolva programas de educação sexual, ela deve pura e simplesmente, atender a essa imposição do mercado? Ela teria condições estruturais, funcionais e pessoais para atender a esta demanda?

No Brasil, assim como em outros países, evidenciam-se insatisfações quanto à escola em particular e à educação em geral. Critica-se a escola como uma instituição que se acha desvinculada da comunidade e que pouco contribui para a necessidade do desenvolvimento humano. Estas questões têm estimulado pesquisadores, nos mais diversos campos científicos, a estudar a crise educacional, desde o seu sentido restrito até o mais amplo.

A Educação, no Brasil, passou a ser foco de interesse de estudos quando os educadores insatisfeitos com as condições educacionais do país iniciam, nos anos 20, uma procura de novas bases para reformas de educação através do movimento das Escolas Novas - designação bastante ampla para incluir diferentes orientações inovadoras. **Azevedo** (1963) nos aponta a existência de duas correntes distintas nesse movimento: uma individualista - tomando o

unesp

indivíduo como ponto de partida para a organização da escola - e outra de orientação mais social - que salienta a necessidade de articulação da escola com o meio e sua adaptação à sociedade, tomando a educação como fator de mudança social.

A discussão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em fins da década de 50, ao ultrapassar os limites do sistema escolar e do Congresso Nacional, estimulou diversos cientistas sociais da Universidade de São Paulo, que produziram quantidade significativa de pesquisas qualificadas sobre os problemas educacionais brasileiros, mas cuja produção não teve continuidade substancial após esse período, na avaliação de **Gomes** (1985).

Se, dentro de uma visão mais tradicional, o professor era visto como o detentor do saber, figura responsável pela transmissão de informações no processo educacional formal, onde as idéias a serem transmitidas eram previamente selecionadas e organizadas, ao se inovar, a educação surgiu com a tendência pedagógica conhecida como Escola Nova. Nesta escola se propõe uma abordagem voltada para o indivíduo, suas aptidões, e para o desenvolvimento de sua atividade original e pessoal. Aqui a metodologia estava na ênfase dada às formas para se chegar ao conhecimento, fazendo com que o indivíduo aprendesse como os conhecimentos se criam, embora Zaia **Brandão** (1982) afirme, em artigo sobre a formação dos professores e a questão da educação das crianças de camadas populares, que a situação do nosso ensino não apresentava muita diferença daquela de cinqüenta anos atrás.

unesp

Em publicação de artigo sobre a democratização do ensino, **Gusso** (1983) argumenta que o aumento quantitativo de oportunidades de ingresso na escola, provocando crescimento das taxas de escolarização no Brasil, não representaram, até a data de publicação, um bom critério para se avaliar a situação da educação brasileira, já que não responde às questões mais complexas como a qualidade e a eficiência da própria escola. A democratização do acesso à escola não garante, simultaneamente, a democratização do ensino.

Embora encontremos uma teoria educacional de orientação liberal postulando que o ensino público funciona como fator democratizante da sociedade, na medida em que proporciona oportunidade a todos os indivíduos igualmente, de acesso ao conhecimento, possibilitando o desenvolvimento pessoal, a ascensão social e o poder econômico a desprivilegiados, encontramos em nossas escolas práticas pedagógicas ora conservadora, ora renovada (**Libâneo**, 1986).

Freitas (1989), em sua obra "*A produção de ignorância na Escola*", chama-nos a atenção para o fato de que a transformação efetiva da educação brasileira pressupõe uma mudança de concepção de educação, onde deveria se trabalhar **com** o aluno, sem entrar em choque com a ação do educando na sua busca de compreensão do mundo. Portanto, respeitar a premissa *piagetiana* de que o aluno constrói seus conhecimentos, ativamente, em interação com o seu meio.

unesp

Para esta autora, as crianças da classe dominante, ao contrário das classes populares, não dependem da escola para se desenvolver intelectualmente, visto que seu ambiente familiar lhe propicia as condições necessárias para tal. Assim, podemos refletir que quanto mais "carente" é o aluno, mais rica e ampla de estímulos e experiências deveria ser a educação que a escola lhe oferece. Carlos Rodrigues **Brandão**, em sua obra "*A Educação como Cultura*", publicada em 1986, refere-se à importância da não mistificação da educação, e que haveria uma série de princípios reguladores das próprias relações do ato de ensinar e de aprender. A escola, para **Brandão**, estaria sobrecarregada de alunos, empobrecida de tempo e recursos, ocupando o espaço antes desempenhado pela família - tradicional agência socializadora - e não conseguindo mais realizar-se como um eixo de ligação vertical entre o passado e o futuro e como elo horizontal entre a família e a sociedade.

Reportando-se aos estudos da Antropologia e Psicologia, o autor aponta que nos achados antropológicos haveria uma ausência de estudos sobre a infância, criando uma "cultura sem infância", enquanto que a Psicologia teria fragmentado a criança em partes de si mesma (a motivação, o comportamento, a inteligência ou aprendizagem) desvinculando-a de seu contexto cultural, criando uma "infância sem cultura".

Contrariamente a esta compreensão ou leitura da Psicologia, acreditamos que ao dar importância ao estudo da afetividade, e de estudar a criança como um todo, de forma vertical/horizontal, especialmente a teoria

unesp

psicanalítica, pode contribuir para a pedagogia, com uma concepção não fragmentada do ser humano, e trazendo não só a dimensão inconsciente que permeia a relação ensino-aprendizagem, mas também das questões institucionais e das relações que aí se estabelecem.

A psicanálise de **Freud** já mostrava uma preocupação com a Educação na medida em que a tem como tema ao longo de sua obra. A extensão da presença de suas reflexões, análises e críticas sobre a Educação, são evidenciadas na maneira dispersa em que ela se apresenta nos seus escritos, sem, contudo, se dedicar explicitamente ao estudo do fenômeno da Educação.

Anna Freud, em trabalho produzido originalmente em 1935, já tentava demonstrar um modo psicanalítico de entender a educação. Chega a afirmar que alguns êxitos na Educação *"se pagam com os insucessos em todas as crianças que não tenham a sorte de trazer em si sintomas de sofrimento, que recordem ao educador a sua própria infância e que assim lhe possibilitem a compreensão".* Propõe ainda que *"temos o direito de exigir que o professor ou educador tenha aprendido a conhecer e a dominar seus conflitos, antes de iniciar o trabalho pedagógico. Caso contrário, os pupilos funcionam apenas como um material mais ou menos apropriado, para desabafar neles as suas próprias dificuldades desconhecidas e irresolvidas"* (1973,p.59).

Não pretendemos aqui defender uma pedagogia psicanalítica, nem discutirmos a aplicação da psicanálise, enquanto método, à Educação, mas sim apresentarmos um breve panorama do pensamento

unesp

psicanalítico sobre o processo educação.

No livro *"Freud e a Educação"*, **Kupfer** (1989) - atualmente representante expressiva das idéias de Freud sobre a Educação, no Brasil - ao nos apresentar, de forma bastante clara, o pensamento de Freud sobre a Educação e analisar a suposta relação Psicanálise/Aprendizagem/Educação, entra necessariamente na questão da Sexualidade e Educação.

Explicitando as idéias *freudianas*, a autora nos lembra que as noções de pecado e de vergonha diante das práticas sexuais, eram necessariamente de ordem moral e, portanto, transmitida pela educação, antes do surgimento do conceito de **recalque**[11] , desenvolvido por Freud em 1896. A partir da premissa de que um indivíduo sob o completo domínio dos impulsos (ou pulsões - para utilizar o termo que temos usado até aqui) teria uma vida impossível e até mesmo mortal, desenvolve a idéia de que para a própria sobrevivência individual e grupal, o eu opera o recalque da sexualidade e é este processo que reforça a moralidade. Portanto ***" as forças morais não vêm de encontro às tendências do indivíduo - no sentido de que se chocam contra elas - mas vão ao encontro dessas tendências - no sentido de que trabalham junto a elas, em comunhão de interesses"*** **(Kupfer,** 1989, p.37).

Exatamente porque acreditamos que a dimensão inconsciente perpassa a relação ensino-aprendizagem e, portanto, educador-educando, é que

---

[11] Operado num plano intrapsíquico (o **eu** como agente do recalque). *"Operação pela qual o indivíduo procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão. O recalcamento produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão - susceptível de por si mesma proporcionar prazer- ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências"* (Laplanche & Pontalis, 1970, p.553).

unesp

entendemos ser possível que a educação cumpra mais amplamente o seu papel ao considerar os fatores de ordem pessoal e condições psicossociais no processo educacional.

Não pretendemos aqui minimizar os complexos processos porque passam o sistema escolar brasileiro, como bem nos lembra Paulo **Freire** (1986) ao colocar a questão da sobrevivência da escola, enquanto instituição social e histórica, no contexto atual, caminhando tradicionalmente e, com poucos recursos tecnológicos e pouca verba e, principalmente, carecendo de um programa para formação de professores. O autor enfatiza a função da escola hoje, no sentido de possibilitar que se organize uma cultura em mosaico da "escola paralela", pregando uma transformação da prática que se faz dentro da escola, embora consciente de que essa competência científica e política não surja por decreto; que o educando é também sujeito de sua transformação, e não só objeto; que o professor seja livre para aprender com o aprendizado do aluno.

Como Paulo **Freire**, acreditamos na participação mútua no vínculo educativo. E, como em toda relação humana, estão presentes os aspectos afetivos, portanto uma nova compreensão do pedagógico, que inclui a dimensão intersubjetiva.

Á medida que a psicanálise ressalta os fatores subjetivos, as necessidades e os impulsos que levam o indivíduo à atividade, ela nos revela seres dotados de inconscientes e desejos que influenciam e permeiam os pensamentos e ações conscientes - tanto do aluno como do professor.

unesp

III- DA AIDS ÀS PESQUISAS NO CAMPO DA SEXUALIDADE

Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS) trata-se de uma doença causadora de drástica redução do número de linfócitos - glóbulos brancos - que exercem funções múltiplas na defesa contra organismos ou substâncias invasoras. Com a resistência diminuída, os pacientes desenvolvem com facilidade doenças oportunistas, que normalmente não provocam grandes danos em indivíduos sadios, ou certas formas de neoplasias tais como linfomas cerebrais e sarcoma de Kaposi (uma forma de câncer).

Foi no Centro para Controle de Doenças (CDC) dos Estados Unidos, entre outubro de 1980 e maio de 1981, que chegaram as informações de alguns casos de sarcoma de Kaposi e de alguns casos de pneumonia causada por protozoários em adultos jovens sem doença básica relacionada à depressão do sistema imunológico. Dois indícios dos casos exigiam uma explicação: o primeiro era que os casos se concentravam em duas cidades - Los Angeles e Nova Iorque -; o segundo era inusitado: todos os atingidos eram homossexuais masculinos (**Castro**, 1986). A partir de 1982, foram registrados casos em distintas regiões e quatro se destacaram inicialmente como áreas de concentração: Estados Unidos, Haiti, Europa Ocidental e África Equatorial.

Devido ao fato dos primeiros casos de Aids terem sido detectados em indivíduos homossexuais, a sua evolução manteve-se, no início, basicamente circunscrita aos chamados grupos de risco: homossexuais e bissexuais masculinos, politransfundidos, usuários de drogas intravenosas e

unesp

hemofílicos - que necessitavam receber regularmente fatores de coagulação preparados com sangue doado. Entretanto, atualmente, considera-se como sendo grupo de risco, qualquer pessoa que por algum motivo esteja mais exposta ao contato com o vírus.

É importante ficar claro que o conceito de grupo de risco foi intuitivo. A comunidade científica nos informa que a transmissão da infecção se dá através das relações sexuais, por transfusão de sangue e/ou derivados, uso comum de seringas e agulhas infectadas e transmissão vertical da mãe para o filho, quer na gestação ou na amamentação, ao mesmo tempo que enfatizam a necessidade de medidas preventivas, no tocante às relações sexuais, no tratamento a ser dado ao sangue para o uso de transfusão e no uso de seringas e agulhas descartáveis. Neste sentido, toda a população, independentemente da preferência sexual, religião, cor, idade, etc., está sujeita à infecção, desde que não observadas as medidas preventivas.

As medidas preventivas têm sido divulgadas como absolutamente imprescindíveis porque ainda não existe uma vacina contra a Aids, testada com êxito e, segundo especialistas, provavelmente não haverá sucesso nessa área a curto prazo. Nos países ricos, existe a perspectiva de terapias bem sucedidas contra o HIV e as doenças oportunistas através de medicamentos que atuam na estrutura do HIV ou na estrutura imunológica do doente atingido pelo vírus, e ainda a possibilidade de liberação de novas drogas, ainda sob testes para que voluntários as experimentem.

unesp

Por outro lado, mesmo que se pudesse obter a transformação da Aids de doença mortal em doença crônica - e as pesquisas apontam para isso - é preciso levar em conta que essas drogas envolvem investimentos e expectativas de bilionários lucros, via patentes, fabricação e distribuição pelo imenso mercado do mundo todo. Para o Brasil e outros países em condições de saúde pública semelhante ou piores, poucas pessoas podem arcar com o ônus financeiro dessas drogas.

A divulgação de novos estudos sobre medicamentos de redução da carga viral tem feito com que aumentem ações na justiça brasileira para obtenção, via Estado, dessas drogas, mas essas liminares têm sido negadas.

Assim, na perspectiva brasileira, o melhor remédio, no que diz respeito ao HIV e Aids, é ainda a prevenção, a solidariedade, a busca de melhor qualidade de vida para os doentes e seus familiares.

Segundo estimativa da Organização Mundial de Saúde, existe mais de 16 milhões de pessoas portadoras do vírus da Aids em todo o mundo, e cerca de 70% se contaminaram em relações sexuais.

Nos últimos anos foram realizados vários estudos abordando a necessidade de prevenção/educação/ orientação em relação, principalmente, aos jovens. Os primeiros trabalhos publicados foram nos Estados Unidos, sendo que um deles realizado por **Coates** et al (1984) já fazia uma crítica ao sistema de saúde e pesquisa em Educação, alegando que os mesmos empregavam grande quantidade de mensagens de medo sobre aqueles que estavam entre os então

unesp

chamados *grupos de risco*, mas que os programas precisavam ir além do *avise e assuste*, culminando com a proposta de modelos de prevenção mais eficazes. Da mesma forma, **Mervyn Silverman**, diretor de Saúde de São Francisco - EUA., em entrevista concedida a **Morin** (1984) já alertava que a saúde mental do indivíduo envolve preocupações não somente relacionadas ao medo da morte, mas também ao isolamento, a que de modo geral, se submetem os doentes - reações por parte dos parceiros e reações da comunidade em geral. Neste sentido, considera ser necessário um esforço para entender as implicações sociais e políticas da doenças, visando a efetivar campanhas de saúde pública.

Dos vários trabalhos publicados, selecionamos alguns dos mais recentes para apontar os diferentes enfoques que vêm sendo utilizados nessa área.

Ford (1992) estudou 2.995 adolescentes e adultos de 16 a 24 anos, do sudeste da Inglaterra, verificando a relação entre conhecimento sobre Aids/HIV e comportamento sexual desses sujeitos. Os resultados mostraram claramente que embora os jovens apresentassem níveis razoáveis de conhecimento sobre Aids/HIV, apresentavam vulnerabilidade no que diz respeito a comportamentos de risco, sendo que apenas 33% dos sujeitos afirmavam ter usado preservativos durante sua última relação sexual. Conclui seu trabalho sugerindo a necessidade de estabelecer estratégias visando práticas sexuais mais seguras, reduzindo, assim, o risco de contaminação do HIV entre os jovens ingleses.

unesp

Netting (1992) em um estudo de acompanhamento do comportamento sexual de jovens universitários do Canadá, durante dez anos (1980-1990), revela que os perfis básicos destas comunidades têm permanecido inalterados; os jovens escolhem entre celibato, monogamia e liberdade de experimentar. Revela, com isso, que apesar da Aids, muitos estudantes não têm se adaptado a práticas sexuais seguras, nem no tocante ao número de parceiros nem no que diz respeito ao uso de preservativos. Embora seu objetivo fosse estudar as razões que embasam as escolhas sexuais, questiona se, diante da possibilidade de contrair Aids, eventualmente os estudantes estabeleceriam um equilíbrio de suas necessidades de sexo, amor, liberdade e auto-preservação.

Langer & Warheit (1992) apresentam um modelo comportamental de saúde do adolescente para ser desenvolvido em escolas públicas da Flórida-USA, o qual leva em conta o processo de informação diferencial da origem dos pares, origem dos pais ou através de auto-análise, crítica ou reflexiva, considerando a questão da Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis como sendo um problema de saúde pública. Concluem enfatizando a necessidade de mais pesquisas na área de saúde do adolescente.

Cáceres et al (1992) estudaram o conhecimento e atitudes frente à sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis e Aids, com 110 adolescentes e 40 professores da escola secundária de Lima no Peru, bem como os níveis de atividade sexual entre adolescentes e a opinião de professores sobre

unesp

educação sexual e auto-percepção como educadores do sexo. Os grupos de adolescentes mostraram-se desejosos de conversar aberta e francamente sobre sexualidade e conseqüentemente buscavam solucionar muitas dúvidas. Os professores enfatizaram que os conteúdos atuais sobre educação sexual dentro do currículo escolar, são pobres ou insuficientes e que os adolescentes requerem um programa que se inicie progressivamente desde o ensino elementar e que incluam delineamentos de prevenção de problemas ligados à atividade sexual. Os pesquisadores verificaram através das respostas que o duplo padrão de moral ainda apresenta a discriminação da mulher, trazendo desvantagem para adolescentes do sexo feminino em seu processo de desenvolvimento psicossexual e em suas possibilidades concretas para tomar decisões no que toca a sua sexualidade e proteção dos riscos existentes.

Quanto aos professores pesquisados nesse trabalho, ficou evidenciado que eles também receberam treinamento deficiente nesta área, pois demonstraram em seus resultados níveis insuficientes de conhecimento, o que, com certeza, afeta seriamente sua capacidade de transmitir um conteúdo educativo positivo sobre sexualidade. Analogamente aos estudantes, perceberam suas necessidades de treinamento e estão motivados para recebê-lo.

Os autores concluem que o sistema educativo peruano carece de uma política adequada acerca de educação sexual, sugerindo o estabelecimento de novas estratégias educativas sobre sexualidade e Aids para adolescentes, paralelamente a programas de capacitação para docentes.

unesp

Roche & Ramsbey (1993), de Providence-E.U.A., realizaram um estudo de cinco anos acompanhando as atitudes e comportamentos de 268 jovens em relação à sexualidade antes do casamento, através de questionário composto por 72 itens. Constataram que jovens de ambos os sexos, relataram mudanças em suas atitudes e comportamentos a respeito da vida sexual pré-marital, tendendo a um maior conservadorismo desde que começaram a ouvir falar de Aids.

DiClemente et al (1993) do Centro para Estudos de Prevenção da Aids, em São Francisco - EUA, conduziram um estudo relacionando comportamentos sexuais de risco e conhecimento sobre Aids e HIV entre comunidades adolescentes da zona rural no norte da Califórnia, com baixo índice de incidência da doença. Verificaram que embora os adolescentes tivessem suficiente conhecimento sobre o HIV, especialmente sobre estratégias de redução de risco, relatavam comportamentos sexuais de alto risco relacionados ao HIV. Concluem o trabalho alertando que os programas escolares de prevenção ao HIV, desenvolvidos pelas comunidades, necessitarão intensificar as especificidades para adolescentes, salientando os riscos pessoais, objetivando a prevenção da Aids na comunidade.

Rosenthal & Shepherd (1993) realizaram estudo de seis meses com o objetivo de acompanhar atitudes dos adolescentes australianos para com preservativos e relação com conhecimento sobre Aids/HIV e comportamentos de risco. Os dados revelaram que apenas alguns dos

adolescentes relataram mudança no comportamento sexual ou intenções de precaução contra o HIV. Outros poucos que relataram mudanças, fizeram-nas no sentido de praticarem sexo mais seguro. Concluem que esses resultados estão relacionados com a dificuldade que os adolescentes têm para personalizar a ameaça do HIV, bem como tendem a acreditar na segurança do sexo quando o parceiro é regular.

Schaalma et al (1993), baseados na teoria da ação pensada e da auto-eficácia, procuraram estudar os determinantes para o uso de preservativos em 1.018 jovens de 12 a 19 anos em 18 escolas secundárias holandesas. O interesse dos pesquisadores estava em entender a repercussão da relação sexual sobre atitudes quanto ao uso de preservativos devido à Aids. Os resultados indicaram que as normas subjetivas e a expectativa de uma boa performance sexual eram determinantes importantes do uso planejado, ou seja, a expectativa da relação sexual tinha um impacto negativo sobre atitudes e normas quanto ao uso de preservativos.

Holtznan et al (1994) do Centro para Controle e Prevenção de Atlanta, EUA, em estudo a respeito de informação, instrução, conhecimento sobre o HIV e comportamento sexual em estudantes do ensino secundário nos Estados Unidos, em 1989 e 1990, discutem a implantação de programas de prevenção alegando que os programas para educar estudantes acerca do HIV têm sido implementados em muitas escolas americanas, mas quanto a constatar se tais programas são associados ao progresso, conhecimento e mudança em relação aos

unesp

comportamentos de risco, é um dado questionável. Poucos estudos têm examinado mudanças ao longo do tempo e os dados disponíveis sugerem que a educação e conhecimento podem estar contribuindo para redução de certos riscos mas os resultados são inconsistentes.

Analisando esses, entre outros trabalhos, podemos considerar que tem havido grande preocupação dos pesquisadores com o tema em questão, e, não raro, convergem em suas conclusões para a necessidade de desenvolvimento de programas de prevenção ao HIV. Especialmente no caso de jovens adolescentes, tem havido uma ênfase para que o sistema educativo supra essa defasagem emergente.

III - 1. Dados sobre a Realidade Brasileira

Segundo **Parker** (1991), foi só a partir da morte de um dos mais famosos costureiros de moda do Brasil, em 1983, quando os meios de comunicação explora o fato, é que se permitiu que a Aids penetrasse na consciência brasileira de uma maneira muito nova - cada vez mais próxima da casa.

Até então, não havia nenhum caso de Aids confirmado no país, quando nos Estados Unidos a doença já alcançava proporções quase epidêmicas. A Aids, no Brasil, era vista como um mal raro que afetava a população homossexual abastada dos Estados Unidos.

unesp

O boletim ressalta também o aumento do número de casos no Estado de São Paulo, indicando 44.280 notificações até outubro de 1995. Outro dado é que dos casos atualmente notificados, há uma mulher para cada dois homens. Em 1992 a proporção era de quatro homens para cada mulher e em 1989 era de oito homens para cada mulher.

Considerando que em 1984, para cada caso notificado de mulher, havia em média 84 homens doentes e que o serviço de epidemiologia da Secretaria de Saúde registra apenas os casos de doentes de Aids (e não portadores assintomáticos) e que as pessoas demoram em média seis anos para manifestar a doença, o infectologista **David Everson Uip**, dirigente dos serviços do Hospital das Clínicas de São Paulo, voltado para as classes pobres, afirma que a ***"tendência é que o número de mulheres com Aids ultrapasse o de homens***", já que o crescimento da doença entre as mulheres do Estado de São Paulo, foi de 2.800% em onze anos (*Folha de São Paulo*, 09/10/95, p.3-1).

Dados da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, em boletim epidemiológico dedicado à análise da Aids no sexo feminino, alerta para o fato de que a Aids já é a principal causa de morte entre mulheres de 20 a 34 anos no Estado, com a média de 33 novos casos registrados por dia (*O Estado de São Paulo*, 08/03/96, p.A-12).

Segundo o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde de 1994, dos casos de Aids notificados (portanto já apresentando sintomas) do Brasil, mais de 21% têm idade até 29 anos, o que significa que a contaminação

unesp

ocorreu ainda na adolescência, já que os pesquisadores têm divulgado que a média para a manifestação dos sintomas da Aids, após a infecção, é de 11/12 anos.

Dados da Organização das Nações Unidas (ONU) revelam que este grupo - o de adolescentes - tem crescido significativamente na composição da população mundial. A Organização Mundial de Saúde (OMS) calcula que aproximadamente metade das pessoas contaminadas pelo HIV tem menos de 25 anos de idade e que 20% das pessoas com Aids têm entre 20 e 30 anos.

De acordo com projeções da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) existirão no Brasil 36,1 milhões de adolescentes no ano 2000, o que nos últimos anos contribuiu para que se dirigisse maior atenção dos estudos a este grupo.

Embora saibamos que seja grande o crescimento dos casos de Aids no Brasil, o número de casos notificados pelas Secretarias de Saúde e divulgados pelo Ministério da Saúde e Secretarias Estaduais de Saúde, estão longe de representar uma estatística próxima à realidade.

A estimativa da Divisão de Controle da AIDS do Ministério da Saúde, é de que existam, no Brasil, mais de 500.000 pessoas infectadas pelo HIV, mas que ainda não apresentaram sintomas. As organizações não governamentais garantem que todos estes dados são sub estimados e defendem que tanto o número de pessoas que já desenvolveram a doença, como o número

unesp

de pessoas infectadas, sem sintomas, é no mínimo, três vezes o apresentado oficialmente. Portanto, a Aids é uma epidemia não controlada e a humanidade inteira, hoje, um grande grupo de risco. Se por um lado foi diagnosticada há pouco tempo como uma doença restrita aos chamados grupos de risco, hoje ela ataca crianças, jovens, adultos, sendo as relações sexuais, a principal fonte de contágio.

Dos trabalhos realizados no Brasil, destacamos o de **Diaz Montenegro** (1994) da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), que realiza estudo para verificar a freqüência de comportamentos que são de risco para contrair o HIV e para gravidez não desejada em estudantes iniciando carreira universitária na UNICAMP. Ao propor trabalho para conhecer os padrões de comportamento sexual, uso de anticoncepcionais e conhecimento dos modos de transmissão da Aids, a autora chega a resultados que demonstram efetivamente um *hiato* entre o "saber" e o "agir" dos jovens universitários. Quase todos os estudantes de ambos os sexos demonstram conhecer o efeito preventivo da camisinha, porém mais de 40% dos homens e 60% das mulheres com vida sexual ativa não usavam este protetor. Também houve falta de relação entre a percepção do risco de contrair o HIV e os comportamentos de risco declarados pelos mesmos estudantes. Ou seja, dos que se declararam como tendo risco nulo para contrair o HIV, 21% tinha risco alto de contrair o vírus, ao considerar os comportamentos de riscos declarados por eles

unesp

mesmos; e dos que se declararam tendo risco baixo, 35% apresentavam alto risco para contrair o vírus da Aids.

Estes resultados levaram a autora a concluir que a maioria dos estudantes declararam ter recebido informações através de televisão e metade teve uma fonte de informação mais oficial ou formal, como palestras ou aulas sobre o assunto. Eles conhecem as formas de transmissão do HIV, bem como as medidas de prevenção, porém não as usam; o conhecimento dos modos de transmissão e das possíveis formas de prevenção não esteve acompanhado de condutas que seriam adequadas/esperadas a esse grau de informação.

Embasada na teoria e técnica do Psicodrama e do Construtivismo Social, **Zampieri** (1996) propõe um método de educação preventiva da Aids, denominado *Sociodrama da Aids*, acreditando que é na desconstrução de mitos e crenças suscitados pela Aids, que reside a possibilidade eficaz de articular aspectos cognitivos e conativos na educação preventiva. Em suas considerações finais, a autora apresenta algumas observações relativas aos papéis sociais familiares de *pai, mulher* e *adolescente* como sendo os maiores protagonistas no cenário da Aids brasileira. A partir dos grupos com os quais trabalhou, a pesquisadora verifica que algumas crenças ainda são muito presentes: o homem precisa mais de sexo do que as mulheres; os maridos são naturalmente infiéis; o pai de família imagina quem são seus filhos e isto define como eles se comportam; as esposas são culpadas pela maioria das infidelidades de seus maridos, pois não consegue satisfazê-los sexualmente em sua plenitude;

unesp

não podem misturar o amor a seu marido com a percepção de que ele é sexualmente infiel e desta forma fica moral e eticamente impedida de usar preservativo em suas relações sexuais. Esta pesquisadora, nos relata ainda que o *adolescente* como o símbolo da pessoa no início de sua sexualidade numa época em que o HIV está no esperma, na secreção vaginal e no sangue, apresentou-se em seu trabalho, como a *esperança* de um posicionamento de maior segurança desde que libertado do aprisionamento dos valores culturais sobre gênero e sexualidade.

Entendemos que, embora passos iniciais importantes já tenham sido dados, tanto nossos trabalhos na área, quanto da maioria dos pesquisadores já mencionados, têm que ir além da obtenção de dados concretos, quantitativos sobre a incidência de determinados comportamentos sexuais, bem como da confecção de manuais de orientação. Neste sentido, pensamos ser necessária uma compreensão da disseminação da Aids em relação a um entendimento mais abrangente da sexualidade.

Na tentativa de localizar publicações que se aproximassem mais da evolução de nossa preocupação com o tema, encontramos em **Richard Parker**, do Instituto de Medicina Social da UERJ, a busca de entendimento da vida sexual, relevante não apenas para a compreensão da transmissão do HIV e da disseminação da Aids, mas também para a tarefa de elaboração de programas educativos destinados a oferecer uma resposta à epidemia.

unesp

Parker, desde 1982, tem se preocupado em estudar a cultura sexual brasileira, especialmente no que diz respeito à ideologia sexual e à construção sociocultural dos significados pertinentes à esfera sexual. Dentre seus trabalhos publicados, e mais diretamente relacionados ao nosso objeto de estudo, destacamos especialmente três textos: *"O Americano quando cai no Samba ou A Cultura Sexual Brasileira e a Aids"*, *"Depois da Aids: Mudanças no Comportamento (Homos)Sexual"*, publicados em 1991 e *"Diversidade Sexual, Análise Sexual e Educação sobre Aids no Brasil"*, publicado em 1994.

Suas pesquisas etnográficas sobre a vida sexual do brasileiro apresentam uma abordagem transcultural, em contraposição ao modelo tradicional de compreensão da doença, onde as práticas sexuais são constantes transculturalmente, ou seja, não sendo o comportamento sexual afetado pelo contexto sociocultural específico no qual se insere.

O primeiro trabalho de campo de **Parker**, no Brasil, foi durante os anos de 1983 e 1984, o qual deu origem ao texto *"O Americano Quando Cai no Samba ou A Cultura Sexual Brasileira e a Aids"*, originalmente publicado em 1987 e reproduzido em 1991. Inicia a coleta de dados com pessoas que ele denomina de informantes, tanto favelados como classe média, classe média-baixa e classe alta do Rio de Janeiro e depois em São Paulo, Brasília, Salvador, Maceió e Recife e seu interior.

A partir do exame desses dados, faz uma análise dos padrões culturais que operam na construção do universo sexual brasileiro, procurando

unesp

delinear as regras que organizam a vida sexual em nossa sociedade. Para compreender o perfil epidemiológico da Aids no Brasil, inicia um estudo de conhecimento da construção sociocultural da vida sexual do brasileiro. Começa então, a discussão sobre as relações entre práticas sexuais e papéis de gênero, adentrando a discussão para o campo da *atividade* masculina e *permissividade* feminina.

O modelo médico-científico de classificação sexual postula uma correspondência direta entre desejo, prática e identidade. **Parker** (1991) reinterpreta os termos dos conceitos populares vigentes na cultura brasileira, onde a identidade sexual não está na escolha do objeto sexual e sim na *atividade passividade*. Com este dado ensaia uma construção cultural brasileira e uma classificação dos papéis sexuais em homens e mulheres, veados e bichas, heterossexuais, homossexuais e bissexuais, entendidos, bofes, michês, travestis, sapatões, etc.

Essas categorias e a ideologia erótica do "entre quatro paredes tudo pode acontecer" ou "por baixo do pano tudo pode", numa clara oposição entre experiência *pública* e *privada*, e entre proibição e transgressão, já eram alertadas por **Parker** como referenciais necessários para serem considerados na epidemiologia da Aids no Brasil.

Tomando as suas descobertas como referência, este autor já predizia uma evolução da Aids no Brasil, que se diferenciaria tanto das nações industrializadas do Ocidente quanto da África Central, surgindo um modelo

unesp

próprio da manifestação da Aids na população brasileira, que permitia prognosticar um aumento do número dos casos de Aids em mulheres.

Durante os anos de 1989 e 1990, **Parker** realiza trabalho onde tenta documentar e analisar a natureza das mudanças que estavam ocorrendo em resposta à ameaça ou riscos de infecção pelo HIV. Este trabalho resulta no texto *"Depois da Aids: Mudanças no Comportamento (Homos)Sexual"*, publicado em 1991. Sua análise considera que os homossexuais brasileiros, na década em que este trabalho foi realizado, receberam certamente a influência do movimento de liberação homossexual de países como os Estados Unidos e a França, mas nem por isso conseguiram realmente a formação de uma 'comunidade gay' claramente definida, com suas próprias instituições e publicações para divulgação das medidas de prevenção em relação à Aids. Esta configuração teria sido muito importante, posto que esta subcultura sexual teria aberto espaço para a disseminação da epidemia: sua propagação inicial entre homens envolvidos em relações com parceiros do mesmo sexo, juntamente com uma rápida disseminação entre homens envolvidos com parceiros de ambos os sexos.

Embora o autor tivesse constatado que mudanças comportamentais estariam ocorrendo em meio à população homo e bissexual, estas mudanças não seriam uniformes. O uso de preservativos continuava inconsistente. Mesmo aqueles que percebiam os preservativos como um meio de redução do risco ainda assim preferiam não usá-lo. Muitos usavam o preservativo

unesp

apenas ocasionalmente e ainda aqueles que usavam em todas as interações sexuais, reclamavam da necessidade de fazê-lo. Demonstrava, ainda, que a mudança comportamental de redução de risco estaria ocorrendo entre homossexuais e bissexuais que mais claramente percebiam a si próprios como estando sob risco face à infecção pelo HIV.

Parker, no texto *"Diversidade Sexual, Análise Sexual e Educação Sobre Aids no Brasil"* (1994), propõe abordar o erotismo da mesma forma que examinaríamos um sistema de crenças religiosas ou determinada ideologia política, para que se possam elaborar programas informativos e educativos destinados a oferecer uma resposta à epidemia. Procede uma análise de suas pesquisas etnográficas sobre a vida sexual do brasileiro, propondo, na conclusão de seu texto, a necessidade de viabilizar estudos que visem a uma investigação mais qualitativa dos contextos sociais e culturais que moldam os comportamentos ou símbolos e significados que têm para seus participantes. Salienta, ainda, que a tarefa de construção dos alicerces para uma resposta mais efetiva ao HIV e à Aids, mal começou.

Se pensarmos em termos da relação Educação e Saúde, no mundo ocidental, podemos verificar que até início do séc. XX, agentes de saúde pública tinham como meta prover os bairros de classe operária com ar fresco, água limpa e melhor sistema de esgoto e de despejo de lixo, mantendo assim o conceito de *circunstâncias removíveis* ou *influências controláveis* que estariam dentro da capacidade do aparelho do Estado. Nesta virada de século, o enfoque

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

deslocou-se do ambiente físico dos bairros para o modo de vida das pessoas. O ponto central passa a ser o conhecimento, principalmente das mulheres, para manter a vida e a saúde de si mesmas e de suas famílias. Houve um deslocamento do meio ambiente físico para o indivíduo, do objetivo para o subjetivo (**Zampieri**, 1996).

No Brasil, a chegada da família Real inicia o chamado *Período Colonial da Medicina Social*. Até então não existiam projetos de saúde para o povo. E foi só com a busca do aumento da produtividade, por parte do Governo de Portugal no Brasil, que houve o deslocamento da medicina da doença, para a medicina da saúde, no séc. XIX (**Yunes**, 1980). Outro ciclo foi iniciado quando as descobertas de Louis Pasteur e Roberto Koch, na metade do séc. XIX, influenciaram os dirigentes de saúde no Brasil, deslocando a medicina social para o biológico e individual, da medicina preventiva para a curativa. Essa fase foi marcada pela construção de grandes hospitais. Com a realização da *Terceira Conferência Nacional de Saúde,* em 1963, houve a proposta, por diversos setores da sociedade, da municipalização da assistência à saúde no Brasil. Retoma, portanto, o foco à medicina social do povo. Com a Revolução de 1964, esse debate foi interrompido e após vinte anos de ditadura, volta a discussão para a reafirmação democrática na saúde nacional.

Com esta brevíssima situalização histórica da saúde pública no Brasil, podemos observar como é cíclico o movimento de saúde, ora focalizando doença/indivíduo, ora prevenção/sociedade. Portanto, no âmbito da

unesp

política de saúde, percebemos que numa época de epidemia de Aids, que exige uma resposta que vá além das abordagens tradicionais de proteção à saúde pública, ainda é grande a dependência da medicina social em relação aos planos econômicos e políticos.

Os estudiosos preocupados e mobilizados por uma necessidade científica de dar respostas à questão da proliferação da Aids têm contribuído com suas perspectivas. **Parker** dirige suas reflexões para a sistematização e análise dos dados sobre a construção social das identidades sexuais, do significado cultural da conduta sexual ou da significação erótica das diferentes práticas sexuais em cenários sociais distintos.

Nós, no entanto, pretendemos dar nosso quinhão de contribuição trilhando justamente pelo caminho da compreensão dos complexos processos psicológicos envolvidos nessa tarefa de construção de alicerces para uma resposta à epidemia da Aids, buscando, com isso, oferecer nossas possibilidades de entendimento das questões psicossociais envolvidas na sexualidade do adolescente.

"O amor...atormenta a mente e o corpo em maior ou menor extensão; conduz muitos a um *impasse*, um escândalo ou uma tragédia; mais raramente, ilumina a vida e faz com que o coração se expanda e transborde de alegria"

Bronislaw Malinowski

In: "A transformação da Intimidade"
Antony Giddens

unesp

IV- JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

Nos trabalhos estudados, tanto no Brasil, como na maioria dos outros países, torna-se evidente que o enfoque das questões ligadas à educação sobre Aids tem sido caracterizado principalmente pela disseminação de informações objetivas sobre a transmissão do HIV, acreditando-se, portanto, que os jovens, ao obterem informações objetivas e racionais, responderão também objetiva e racionalmente com a mudança comportamental que vise a redução de risco.

Se há uma percepção de risco e se as maneiras pelas quais os jovens respondem a ela têm relação com sua construção cultural e afetiva, parece não terem sido discutidos suficientemente e tampouco considerados nas campanhas até então realizadas.

Entendemos que as campanhas educacionais propostas em todos os níveis e meios esperam que o jovem aprenda a controlar seus impulsos sexuais num período em que esse jovem se sente pouco habilitado para fazê-lo, embora os impulsos para uma vida sexual ativa estejam presentes. Independentemente da cultura e das possibilidades de experimentação, que favorecem a identidade sexual, as experiências são restringidas pelas expectativas da cultura, cujos alicerces encontram-se na resolução do complexo de Édipo, através dos processos de identificação, sublimação, da organização do *superego*, com suas funções organizadoras e repressoras.

unesp

Estas reflexões e os dados obtidos em nossas pesquisas já realizadas (1990 e 1993), trouxeram-nos novas indagações, a partir das quais sentimos necessidade de dar continuidade aos estudos para o aprofundamento das questões ligadas à sexualidade, e, concomitantemente, a um contexto mais temerário devido à abordagem das questões ligadas à Aids. E ao refletir sobre concepções educacionais que envolvam prevenção da saúde física e mental do ser humano, tal preocupação também considera:

1. o fato de que os laboratórios de pesquisa ainda não fabricaram uma vacina anti-Aids, e talvez não a desenvolvam a curto prazo;

2. ainda não há uma garantia absoluta para todas as pessoas das camadas populares do uso de terapias medicamentosas capazes de sustar a ação letal do vírus;

3. as pessoas ainda continuam a se infectar pelo vírus HIV por não adotarem medidas preventivas eficazes, apesar de demonstrarem conhecimento sobre as formas de prevenção;

4. ainda não foi divulgado projeto um educacional para o adolescente no sentido de se prevenir, não só contra a Aids, mas contra doenças que possam ser evitadas mediante a ação da educação.

Considerando que a população jovem tem sido muito atingida pela disseminação da Aids, principalmente por via sexual, os pesquisadores em geral, bem como as conclusões de nossos trabalhos anteriores, apontam para uma necessidade de elaboração de um programa mais efetivo de

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

educação contra a Aids especialmente desenvolvido nas escolas. Assim considerando, pretendemos com a realização deste trabalho, levar em conta tanto a figura do professor como a do aluno, enquanto instrumentos de participação e de complementação de proposta para um programa mais efetivo na prevenção da saúde física e mental do adolescente.

A sexualidade no espaço escolar não está inscrita somente nos banheiros, muros e carteiras. Nas atitudes e nos comportamentos entre os adolescentes, brotam sexualidade e a escola não pode esperar que eles deixem sua sexualidade do lado de fora do muro.

Embora por vezes tímidas, algumas tentativas têm sido feitas, no sentido de colocar em prática projetos que visem educação/orientação sexual para a prevenção da Aids e gravidez precoce na adolescência junto às escolas. No entanto, esses programas não consideram o contexto no qual estão sendo implantados, e talvez por isso mesmo, muitos deles têm sido abortados.

É oportuno esclarecer que não distinguiremos aqui **educação** e **orientação** quando nos referirmos à qualidade formativa (seja ela *educativa* ou *orientativa*) das informações sobre sexualidade. Usamos neste trabalho os termos educação/orientação sexual indiscriminadamente, por entendermos que está em questão a discussão da sexualidade humana não só no sentido biologizante, mas uma abordagem ampla que considera as dimensões do biológico, cultural, psicológico, histórico e familiar, dada a complexidade que o tema sexualidade supõe.

unesp

Com o intuito de continuar contribuindo cientificamente para a compreensão das questões Adolescência/Sexualidade/Aids é que propomos como **objetivos** desse trabalho:

1)- Analisar as questões psicossociais envolvidas na sexualidade do adolescente;

2)- Analisar a instituição escolar no que diz respeito à capacitação profissional e pessoal do corpo docente para lidar com a questão da sexualidade, partindo de sua própria formação sexual;

3)- A partir desses dados, possibilitar a discussão do estabelecimento de estratégias de intervenção para a prevenção física e mental, considerando a perspectiva da dinâmica psicossexual do adolescente e do professor.

4)- Oferecer subsídios para as propostas educacionais sobre sexualidade na adolescência.

unesp

V- MÉTODO

Para a realização deste trabalho, adotamos o método clínico de investigação, através da realização de entrevistas - fechadas e abertas -, com professores e alunos adolescentes, já que o processo de disseminação das informações sobre sexualidade e transmissão do HIV tem sido apregoado como necessário nas escolas brasileiras, e sobretudo num momento em que se discute a implantação de programas de prevenção na rede pública de ensino, e projeto de educação sexual nas escolas.

A. Sujeitos e Local da Pesquisa

O estudo foi realizado com professores do 1° e 2° graus e com adolescentes estudantes, cuja faixa etária está compreendida entre 13/14 e 18/19 anos.

A partir de consulta prévia às escolas, levantamos a informação de que os conteúdos programáticos que prevêem informações sobre sexualidade, pelo menos do ponto de vista biológico, são desenvolvidos a partir da 5ª e/ou 6ª séries. Daí entendermos que os professores a serem estudados deveriam ser aqueles que estão ministrando aulas a partir da 5ª série. Não nos detivemos apenas naqueles professores responsáveis formalmente por estes conteúdos, mas nos professores em geral que atuam a partir dessas séries, partindo do pressuposto de que a maneira como lidam com seus próprios valores sexuais e morais, direta ou indiretamente, interfere na formação dos alunos.

unesp

A faixa etária dos alunos foi assim escolhida por ter sido constatado em pesquisa anterior (**Waideman**, 1993) que a iniciação sexual atualmente ocorre por volta dos 14 anos de idade. O estabelecimento da idade limite de 18/19 anos está em razão do final da adolescência, como defendem alguns autores, e por entendermos que a partir dessa idade, o jovem ganha "legalmente" o status de adulto.

As amostras que estudamos foram recrutadas em escolas públicas e particulares do município de Assis e região - Estado de São Paulo, compondo assim, uma amostra de adolescentes e professores da escola pública do interior paulista e outra amostra de adolescentes e professores da escola particular, das mesmas cidades, sendo estes últimos provenientes de família de nível socioeconômico mais elevado.

B- Escolha das Técnicas e Procedimento da Coleta de Dados

Utilizamos a técnica de entrevistas: **a)**-fechadas e auto aplicadas e **b)**-abertas, efetuadas pela pesquisadora.

Optamos por essas duas formas de investigação considerando que as **entrevistas fechadas** podem ser aplicadas em um grande número de pessoas ao mesmo tempo, obtendo assim, dados quantitativos significativos, em relação à população a ser estudada. Outra vantagem dessa forma de entrevista é que as pessoas podem ter maior confiança no caráter anônimo da sua informação e, por isso, sentirem-se mais livres para exprimir

unesp

opiniões e pensamentos que poderiam deixá-las constrangidas ao apresentá-los numa entrevista. Após o levantamento de dados com a entrevista fechada, utilizamos a entrevista aberta, por se constituir esta numa técnica mais apropriada para adentrarmos mais profundamente nas áreas que nos parecem mais significativas.

Para a coleta de dados mediante realização das entrevistas fechadas - uma destinada aos professores e outra aos alunos - baseamo-nos no tema que nos propusemos a investigar, conforme modelos de questionário em anexo.

A maneira como construímos a entrevista fechada, destinada aos **professores**, considerou os seguintes tópicos:

- A 1ª parte - pretende investigar a caracterização da população estudada.

- A 2ª parte - itens 1 a 4, pretende: **a)** conhecer onde e como o professor obteve orientação sexual; **b)** quem dá orientação sexual na sua casa, para os próprios filhos; **c)** como o professor se percebe em relação aos alunos para discutir questões da sexualidade.

- A 3ª parte - itens 5 a 8 - pretende investigar como pensam e quais as expectativas do professor a respeito das questões ligadas à educação sexual nas escolas.

Os tópicos da entrevista fechada, destinada aos **alunos**, foram elaborados considerando:

- A 1ª parte para a caracterização da população a ser estudada.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

- A 2ª parte - itens 1 a 3- pretende investigar o recebimento de orientação sexual em casa, que outras fontes utiliza para se informar e como considera seus conhecimentos a respeito de sexualidade, Aids e gravidez.

- A 3ª parte - itens 4 a 8 - pretende verificar como pensam e quais as expectativas que esses alunos apresentam a respeito das questões ligadas à educação sexual nas escolas.

Para a realização das **entrevistas abertas**, tanto com os professores como com os adolescentes, optamos pela forma semi-estruturada, onde os itens do questionário foram os temas guias, embora a ordem dos temas possa não ter correspondência com a ordem em que foram colhidos os dados.

As entrevistas abertas apresentam a grande vantagem da flexibilidade. Neste tipo de entrevista, existe a possibilidade de repetição das perguntas, ou ainda de apresentá-las de outro modo, para que se tenha a certeza de que são compreendidas, ou ainda de fazer novas perguntas a fim de esclarecer o sentido da resposta. Esta flexibilidade da entrevista faz dela uma técnica muito mais eficaz para a exploração de áreas mais complexas, como a sexualidade, e se apresenta como mais adequada para a observação não apenas ***do que*** diz o entrevistado, mas de ***como o*** diz.

A entrevista aberta é, portanto, a técnica mais adequada para a revelação de informação sobre assuntos complexos, emocionalmente carregados ou para verificar os sentimentos subjacentes a determinada opinião apresentada. A entrevista clínica se interessa por motivações e sentimentos

unesp

amplos e subjacentes, ou pelo transcorrer das experiências de vida do indivíduo. Além disso, o entrevistador sabe quais são os aspectos da experiência ou do sentimento que deseja ver explicitados pelo entrevistado e o método para provocar a informação é escolhido pelo entrevistador.

Este tipo de entrevista, inspirado no modelo clínico proposto por **Bleger** (1980) não tem como objetivo apenas registrar um conjunto de informações e opiniões sobre o entrevistado, mas por se constituir numa relação entre duas pessoas, acaba por ter uma dinâmica própria possibilitando, também, que se observem aspectos da personalidade do entrevistado. Ou seja, o objetivo não é obter dados completos da vida total do entrevistado, mas obter dados completos de seu comportamento no decorrer da entrevista, aplicando nossas funções de escutar, vivenciar e observar.

Realizamos entrevistas pré-testes, com professor e adolescente, e em seguida as escolas foram contatadas para agendarmos a aplicação das mesmas nos professores. Pretendia-se que fossem aplicadas aproveitando a presença coletiva de professores, em data que fosse marcada para reunião geral na escola, visando a garantir uma presença maior do corpo docente.

A pesquisadora explicava aos professores que o questionário fazia parte de uma pesquisa sobre Adolescência, Sexualidade e Aids e que gostaria de contar com a colaboração deles para a realização do trabalho, após o que foram distribuídos os impressos e aguardava-se a devolução dos mesmos, na própria sala.

Pretendia-se com este procedimento evitar a não devolução

unesp

do material, garantindo assim que os mesmos fossem entregues, mesmo que em branco, caso os professores não se sentissem à vontade para responder.

Após o devolução dos mesmos, sorteamos professores em cada escola para a realização da entrevista aberta, que foram agendadas segundo disponibilidade de cada professor sorteado. Este procedimento, tal como proposto em nosso projeto de pesquisa, foi possível em uma das escolas públicas.

Em uma escola pública, uma das reuniões que estavam agendadas pela escola, aconteceu com um número de 3 professores, em duas ocasiões. Tal fato fez com que alterássemos a maneira de abordagem dos professores, sem que isto significasse mudança substancial no procedimento. O coordenador pedagógico nos ofereceu os horários de HTP (Hora Trabalho Pedagógico) para que abordássemos os professores. Permanecemos nessa escola por uma semana durante os períodos designados para a HTP e contatávamos os professores em pequenos grupos (de 4 a 5 pessoas), solicitando-lhes a participação na pesquisa. Após a explicação dos objetivos do questionário, ele era entregue e aguardávamos a devolução dos mesmos no fim de cada período da HTP. Neste momento sorteávamos um professor de cada um desses grupos para a realização da entrevista aberta.

Nas escolas particulares, por não estarem previstas reuniões gerais no período em que nos propusemos coletar os dados, os questionários foram distribuídos durante o intervalo das aulas, tanto do período da manhã, como do período da tarde. Para o retorno do material, deixamos uma pasta para

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

que eles devolvessem o questionário preenchido à medida que retornavam à escola nos dias seguintes. Com estas escolas, voltamos na semana seguinte, nos mesmos dias de aula e também durante o intervalo das aulas, para sortearmos professores para participarem da entrevista aberta.

Com o procedimento proposto inicialmente, pretendia-se que as entrevistas fechadas fossem aplicadas num maior número possível de professores de cada escola, sendo que o número de entrevistas abertas estava previsto para 20 professores, sendo 10 da escola pública e 10 da escola particular, e 24 alunos adolescentes, sendo 12 da escola pública e 12 da escola particular entrevistados mais aprofundadamente para a realização do trabalho.

Dos 20 professores sorteados, todos aceitaram inicialmente participar da entrevista aberta, que foram agendadas conforme a disponibilidade de cada um. Do total de professores, dezesseis compareceram para a realização das entrevistas, sendo que dois deles remarcaram horários destinados às entrevistas, alegando imprevistos em relação ao primeiro agendamento.

Do total de quatro professores que não compareceram, um era de escola pública e que após dois agendamentos, justificou-se dizendo que aceitou realizar a entrevista, mas que não conseguia encontrar tempo disponível devido à sua participação na organização e realização de atividades esportivas que estavam acontecendo durante todo o 2º semestre de 1996. Dos três professores da escola particular que não realizaram a entrevista, dois deles alegaram problemas pessoais e que não estavam mais disponíveis, cancelando o

unesp

compromisso assumido e um dos professores remarcou a entrevista por duas vezes e não compareceu, sem justificativas.

Das dezesseis entrevistas realizadas, treze delas aconteceram em salas das escolas, cedidas pela coordenação e/ou direção, enquanto que três entrevistas foram realizadas no Centro de Psicologia Aplicada (C.P.A.), da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, por entenderem, esses professores, como sendo local de mais fácil acesso e conveniência.

Para a aplicação das entrevistas **fechadas** nos alunos, após autorização das pessoas responsáveis (diretor, coordenador e professor), distribuímos os questionários em classes da 7ª ou 8ª série e no 2º colegial de cada escola, pretendendo cobrir, com as entrevistas nestas séries, uma amostra de alunos nas faixas etárias dos 13/14 anos até a faixa etária aproximada dos 17/19 anos.

Foi seguida a mesma orientação dada aos professores. Após a devolução dos questionários, sorteamos alunos de cada classe, para a realização da entrevista aberta, as quais foram agendadas de acordo com a disponibilidade de cada aluno sorteado.

Ao sortearmos os alunos para as entrevistas **abertas**, alguns outros adolescentes se prontificaram e até solicitaram que também gostariam de ser entrevistados. Por entendermos, no momento, que esta solicitação poderia ter algum significado, acatamos os pedidos e agendamos mais essas entrevistas, totalizando 31 adolescentes entrevistados.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

Todos os alunos que agendaram a entrevista aberta, compareceram nos horários marcados e todas as entrevistas foram realizadas em salas, nas dependências da própria escola, sendo que estas salas foram designadas pelos coordenadores e ou diretores. Era garantido a todos os adolescentes que a escola e a família não tomariam conhecimento do conteúdo dessas entrevistas.

Para a apresentação dos resultados obtidos, tanto em relação aos adolescentes, como em relação aos professores, apresentaremos no capítulo a seguir a caracterização dessas populações, segundo os dados colhidos nas entrevistas fechadas, calculados em porcentagem de freqüência, na forma de quadros, que se encontram em anexo, para eventuais consultas.

Para a discussão dos resultados consideraremos as entrevistas abertas realizadas com as duas categorias, para uma melhor compreensão dinâmica dos dois mundos (do professor e do adolescente). Não analisaremos em profundidade cada entrevista individualmente, por entendermos não ser objetivo desse trabalho uma compreensão em profundidade vertical de cada entrevistado.

Os depoimentos, tanto dos professores como dos alunos adolescentes, foram gravados e posteriormente, transcritos. Tais entrevistas se encontram, na íntegra, em posse da pesquisadora, em fitas cassetes numeradas e digitadas para possíveis consultas e disponíveis para outros trabalhos. Os nomes usados neste trabalho para identificar as falas são fictícios, ficando assim impossibilitada a identificação pessoal dos entrevistados.

unesp

"Planejar a prática significa (...) ter um conhecimento das condições em que vamos atuar, dos instrumentos e dos meios de que dispomos. Planejar a prática significa também saber com quem contamos para executá-la..."

Paulo Freire (1982).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

VI - CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS, ADOLESCENTES E PROFESSORES

A. Sobre as Escolas

Este estudo não se propõe a uma análise de determinadas escolas, e os professores deram seus depoimentos confiantes de que não seriam identificados, bem como a sua procedência de trabalho. Assim, para que se possa contextualizar algumas falas dos entrevistados, mesmo que superficialmente, apresentamos um breve delineamento das escolas que participaram do trabalho, sem contudo, identificá-las.

A. 1- As escolas públicas

Todas as escolas públicas que participaram da pesquisa funcionam em três períodos (manhã, tarde e noite). As classes eram compostas a partir da 5ª série até o colegial, sendo que uma delas tem a habilitação para o magistério.

No ano em que foi feita a coleta de dados, as escolas tinham sofrido um redimensionamento, envolvendo vários membros do corpo docente, em razão da distribuição das escolas em prédios que funcionam com classes de 1ª à 4ª séries e outros prédios com classes a partir da 5ª série até o colegial. As escolas tinham pouco mais de 1000 alunos, segundo os seus diretores.

Dentre as escolas, uma delas era localizada em bairro da classe média e a outra escola em bairro da periferia. Em uma das escolas,

unesp

localizada em bairro da classe média da cidade de Assis, os professores e alunos afirmavam que antes esta escola tinha um bom nível de ensino, mas que recentemente, vinham tendo dificuldades com o aparecimento de problemas decorrentes da redistribuição de alunos. Alegavam que a escola, que antes era freqüentada por alunos que moravam nas proximidades, agora recebeu também alunos provenientes de bairros mais distantes, portanto periféricos, de classe social menos favorecida, e que isto vinha acarretando maiores problemas de relacionamento e disciplina na escola. Demonstrando com isso, uma rejeição aos novos alunos que eram oriundos de outras escolas.

Apesar do redimensionamento no funcionamento das escolas, foram pouquíssimos os professores entrevistados que estavam chegando àquela escola naquele ano. A maioria já trabalhava na escola há vários anos. A proporção de professores efetivos era maior do que a de contratados em todas as escolas.

Todas as escolas eram relativamente amplas, bem organizadas em termos de prédio, instalações, limpeza. Entretanto, havia comentários gerais de professores e alunos quanto à precariedade e deficiência de bibliotecas e laboratórios. Nas escolas havia instalação de sala de vídeo e TV, embora apresentassem a porta com duas ou três fechaduras, e os equipamentos internos estivessem protegidos por grades de ferro com cadeados, numa mostra evidente do risco que sentiam em relação à integridade desses equipamentos.

unesp

Durante todo o tempo em que permanecemos em cada uma dessas escolas, em média 4 semanas, jamais presenciamos o uso dessas salas pelos membros da escola. Inclusive, em uma das escolas, esta sala me foi designada para a realização das entrevistas, com o argumento de que ali poderíamos estar à vontade, sem interrupções.

Quando do contato para a realização do estudo, todos os diretores se mostraram muito receptivos, colocando como condição, apenas, que gostariam de ter acesso aos resultados da pesquisa, tão logo ela fosse concluída. E, embora tenham colocado as escolas à disposição, não se envolveram com o trabalho, passando para os respectivos coordenadores a função de acompanhamento de nossas atividades.

Em uma das escolas, a diretora, de início, prontificou-se a fornecer a data mais próxima de reunião com professores e, na oportunidade, iniciou a reunião apresentando a pesquisadora. Mas, tão logo os questionários foram entregues, após as devidas explicações, ela interrompeu os professores, pedindo que eles respondessem depois, pois ela tinha que iniciar a reunião e temia não dar tempo de discutir os assuntos importantes da escola, comprometendo-se a recolher os questionários respondidos. A pesquisadora se prontificou imediatamente a aguardar, então, o fim da reunião, para receber os questionários.

A partir desse episódio, que não dificultou a coleta de material, apresentava uma atitude distanciada em relação à pesquisadora, tendo,

unesp

em oportunidades que se seguiram, feito observações a respeito de sua percepção sobre o trabalho da universidade, com comentários do tipo:

> *"...vocês da universidade não sabem o que é isso aqui, nós precisamos de soluções para ontem. Tudo aqui é urgente (...) o pessoal da faculdade só estuda, estuda, mas não apresenta contribuições para nosso trabalho (...) enquanto a universidade está a passos de tartaruga, nós estamos sendo atropelados por problemas sérios e temos que chamar a polícia para resolver..."*

numa alusão aos problemas de gravidez, drogas e violência que aconteceram na escola no período em que os dados foram coletados. Estas falas, ditas em tom de desalento, expressam sua concepção de uma universidade não inserida nos problemas que a escola tem que enfrentar em caráter de urgência, no seu dia a dia. Estão implícitos aí pedidos de ajuda, numa clara manifestação do desejo de ter auxílio para a resolução de seus problemas. E esses pedidos pressupõem um entendimento de que a escola está isolada e impotente para resolver toda a demanda de trabalho que lhe tem sido confiada, ou que se lhe apresenta como inevitável.

A. 2 -As escolas particulares

Se nas escolas públicas os diretores não demonstraram qualquer oposição em relação à realização do trabalho, nas escolas particulares, os responsáveis nos crivavam de perguntas sobre como seria feito e se teriam um retorno. Exigiram uma leitura prévia dos questionários que seriam apresentados aos professores e alunos e pediam um tempo para discutir junto aos orientadores

unesp

pedagógicos e psicólogos da escola, demonstrando preocupação em relação a eventuais reações dos pais, já que os alunos estariam envolvidos.

Apenas o diretor de uma das escolas não demonstrou resistência e receio à eventualidade de identificação de seu estabelecimento no trabalho de pesquisa, dada a possibilidade de conhecimento público dos dados ali coletados.

Nestas escolas, o número total de alunos variava entre 500 e 1300 alunos e funcionavam nos períodos manhã e tarde. Uma delas tinha atividade de cursinho e colegial à noite e outra mantinha curso técnico à noite. Todas funcionavam com classes desde o jardim, pré-escola, até o colegial e cursinho preparatório para o vestibular a elas acoplados.

Em relação à estrutura física, as escolas funcionavam em prédios muitos amplos, com boas instalações e com a informatização presente e de acesso aos alunos. Uma delas oferece uma ampla biblioteca bastante rica, um complexo esportivo sub utilizado, enquanto que outra tem uma sala denominada de biblioteca, onde se encontram uns cem títulos, no máximo, com uma mesa e três cadeiras e, em termos de área externa, um espaço mínimo para as atividades de educação física.

Uma das escolas tinha em seus quadros professores também vinculados ainda ao sistema público, e outros eram professores que mantinham outras atividades profissionais paralelas, de onde realmente obtinham recursos

unesp

necessários ao seu estilo de vida. Outros professores eram recém formados em universidades, iniciando atividade docente.

Das falas dos diretores, evidencia-se muita preocupação com este aspecto da composição do corpo docente, em razão de justificarem sempre seu trabalho e a escola com o objetivo muito nítido de introduzir o aluno na faculdade, ou seja, prepará-lo para passar no exame vestibular. A idéia de competição por uma vaga na universidade pública, estava sempre permeando suas reflexões sobre o ensino, corpo docente, satisfação aos pais.

Em geral, o corpo docente das escolas particulares era composto por jovens professores iniciantes no magistério e uma outra proporção de docentes, antigos na casa, dos quais vários eram aposentados das escolas públicas.

Segundo o diretor de uma das escolas, era muito difícil manter um corpo docente, já que muitos dedicavam poucos anos às salas de aulas e partiam para outras atividades, servindo a escola como trabalho transitório. Conseguiam manter em seus quadros apenas aqueles professores aposentados do sistema público e que tinham um comprometimento com estas escolas particulares, desde os primórdios de seu funcionamento.

Aqui se coloca a questão da identificação com a escola à qual pertencem. A constatação de que os professores mais envolvidos com a escola particular, referia-se àqueles que a ajudaram na sua constituição desde o início de seu funcionamento e que eram oriundos do sistema público de ensino,

unesp

no mínimo nos obriga a olhar este aspecto do espaço ao qual está vinculado o educador.

A atual escola pública com seu sistema perverso de distribuição de aulas e redistribuição dos professores, ao longo de seu desenvolvimento profissional, nas diferentes escolas, acaba por falir qualquer tentativa de construção de uma identidade do educador com determinada escola, e conseqüentemente, com a singularidade da comunidade na qual a escola está inserida. O não pertencer a uma escola traz em sua essência uma dificuldade muito grande, por parte dos membros da escola: em delimitar e identificar-se com seu espaço de trabalho. Portanto, a conseqüente inserção do professor em determinada escola.

O saber do professor passa a ser uma mercadoria que ele vende, e muito mal, num exíguo horário de aula. E essa relação de compra e venda, portanto mercadológica, traz como conseqüência a alienação do educador no processo de construção do conhecimento, já que, em geral, seu comparecimento na escola se circunscreve à transmissão de um conteúdo estritamente ligado à sua disciplina e, se possível, no domínio da melhor técnica pedagógica. Daí a identificação dele acontecer em relação às técnicas pedagógicas e com as disciplinas que ministra, mas não com a escola, enquanto espaço que lhe imprima uma identidade e desenvolva, conseqüentemente, um sentimento de pertença, possibilitando e facilitando-lhe maior envolvimento com as questões ali surgidas, como sendo inerentes à sua prática.

unesp

B. Sobre os adolescentes das Escolas

Os alunos de todas as escolas demonstraram evidente boa vontade em estarem participando do trabalho, recebendo-nos sempre com muito interesse, tanto nas salas de aula, enquanto respondiam ao questionário, quanto durante a realização das entrevistas.

A grande maioria dos adolescentes da escola pública situada num bairro da classe média de Assis, eram oriundos de famílias que moravam nas proximidades da escola e poucos vinham de famílias com residência na periferia. Já os alunos que estudavam na escola pública situada num bairro mais periférico, eram de famílias de baixo poder aquisitivo.

De maneira geral, os adolescentes apresentavam um vocabulário muito pobre, o que não diferia muito dos alunos das escolas particulares, cujas famílias, em geral, eram compostas por pais de profissão liberal e pertencentes a um alto padrão econômico.

Por vezes se mostravam tímidos e reservados, de início, principalmente ao falarem de suas próprias experiências sexuais e, não raro, apresentavam suas dúvidas, temores e até mesmo confidências, quando o gravador era desligado.

Durante o período de realização das entrevistas, foi feito o encaminhamento de três adolescentes para o atendimento psicológico. Dois deles já tinham ouvido falar do trabalho destinado a adolescentes, realizado pelo

unesp

Núcleo do *Projeto Adolescer*[12] da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, e solicitaram maiores informações, inclusive de como conseguir atendimento pela instituição, já que eram conscientes de suas dificuldades, mas nunca haviam sido orientados em relação a como proceder na busca de ajuda. Já o outro adolescente que se manifestou precisando de apoio para resolução de seus conflitos, solicitou uma indicação de um profissional de consultório particular, pois seus pais haviam lhe dito que o serviço público nunca funciona direito.

Foram submetidos à entrevista **fechada** 402 alunos adolescentes, sendo que 34 foram retirados da amostra da escola pública e 2 da escola particular, por terem idade superior à proposta de estudo para o trabalho. Portanto, trabalhamos com os dados coletados com 366 alunos adolescentes (189 da escola pública e 177 da escola particular), conforme distribuição do quadro 1 (em anexo).

Os dados coletados evidenciam uma predominância de adolescentes do sexo feminino matriculados, tanto na escola pública como na particular, sendo que esta diferença se acentua ainda mais quando observamos os alunos matriculados no colegial.

No que se refere aos alunos da escola pública, entre os matriculados nas 7ª/8ª séries, a maioria com idade de 14 anos é do sexo feminino, enquanto que a maioria de 13 e 15 anos é do sexo masculino. Já os alunos do

[12] O "Projeto Adolescer" constitui um serviço de atendimento a adolescentes, desenvolvido junto ao Centro de Psicologia Aplicada da Unesp de Assis, do qual fazem parte supervisores e estagiários do curso de Psicologia.

unesp

colegial apresentam uma constância de maioria de meninas em todas as idades (16, 17, 18 e 19 anos).

Um dado que nos chama a atenção é que vai aumentando a diferença entre o número de rapazes e moças à medida que os estudos avançam, ou seja, há um aumento da diferença entre os sexos (com predominância das meninas) quanto maior o grau de estudos na escola pública (no 1° grau: 45,6% de meninos e 54,4% de meninas; no 2° grau: 34,9% de meninos e 65,1% de meninas) e na escola particular de forma mais acentuada ainda (no 1° grau: 40,4% de meninos e 59,6% de meninas; no 2° grau: 36,7% de meninos e 63,3% de meninas).

Este dado nos leva a concluir, por hora, que a evasão de alunos do sexo masculino é maior do que a de alunos do sexo feminino, tanto na escola pública como na particular. E isto se mostra, no mínimo, bastante intrigante: poderíamos hipotetizar que os rapazes da escola pública estão indo, por uma imposição econômica, mais cedo para o mercado de trabalho e, com isso abandonando a escola. E os alunos da escola particular? Com isto nos questionamos se seria somente evasão escolar, ou se existiria alguma outra explicação possível. Portanto, questão merecedora de uma outra investigação, pelo menos no que diz respeito à região de Assis/SP.

Para começarmos a traçar um panorama da família desses adolescentes, iniciamos por uma caracterização do nível de escolaridade dos pais dos adolescentes pesquisados (conforme quadro 2, em anexo).

unesp

Pelos achados, constatamos uma predominância de pais com instrução escolar até de 3° grau para os alunos da escola particular, sendo que mais de 70% dos pais dos alunos da escola particular, pelo menos um deles apresenta formação universitária. Já na escola pública, os alunos são na sua maioria (mais de 50%) oriundos de famílias onde a instrução não passa do 1° grau escolar - completo ou incompleto. Um dado que nos chama a atenção é que os alunos da escola pública, onde pelo menos um dos pais possui formação universitária, não passa de 9%, sendo, portanto, mínimo o número de alunos da escola pública oriundos de famílias com instrução escolar superior ao 2° grau.

Outro dado que foi pesquisado foi a idade dos pais desses alunos, para caracterizarmos a faixa etária dos componentes dessas famílias (conforme quadro 3, em anexo).

Os dados obtidos neste item nos revelam que, de maneira geral, os pais dos alunos da escola pública são mais novos do que os pais dos alunos da escola particular, embora metade dos pais dos adolescentes pesquisados na escola pública se encontrem na faixa dos 41 a 50 anos. A idade das mães dos alunos mostra uma diferença maior ainda, já que o número de mães na faixa do 31-40 de alunos na escola pública, representa 44,4%, enquanto que as mães nessa mesma faixa etária dos alunos da escola particular, não passa de 28,3%.

A escola particular se destaca por nos mostrar que na faixa etária dos 41-50 anos, encontra-se a grande maioria dos pais. Esses dados,

unesp

juntamente com aqueles obtidos sobre escolaridade dos pais, indicam que os pais de alunos da escola particular, possuem um nível superior de escolaridade, e que estão acima de 40 anos quando seus filhos se encontram na fase da adolescência. Isto nos revela que tiveram filhos mais tarde, provavelmente por conta de um investimento em sua formação escolar, adiando, dessa forma, a paternidade/maternidade. Portanto, há uma tendência, dos alunos da escola pública originarem-se de famílias onde, principalmente a mãe, é mais nova e os pais não tiveram oportunidade de melhor formação educacional e, conseqüentemente, de ampliação do conhecimento intelectual.

Embora não apresentemos quadros referentes às condições econômicas, poder aquisitivo dos pais, verificamos que entre os alunos da escola pública, 82% das mães são do lar, ou seja, não trabalham fora. Já na escola particular, essas mães representam apenas 28%. A maioria dos pais dos alunos da escola particular são profissionais liberais, enquanto que a maioria dos pais dos alunos da escola pública se constitui de funcionários públicos e trabalhadores braçais, embora muitos deles tenham suas residências nas proximidades da escola pública localizada em bairro da classe média de Assis. Quando da entrevista com os adolescentes, tivemos a oportunidade de constatar, com os alunos residentes neste bairro, que a maioria reside em casas de tábua, reminiscências do desenvolvimento da cidade, e outros residem em casas de alvenaria, aquisições de anos atrás, sendo que no momento a família possui um orçamento bastante restrito.

unesp

C. Sobre os Professores das Escolas

Os nove professores da escola pública que entrevistamos, em geral, se mostraram disponíveis para a realização das entrevistas. Apenas uma professora nos procurou para cancelar o compromisso, dizendo que apesar de sorteada, se o trabalho fosse a longo prazo, não poderia realizá-lo. Foi esclarecida que provavelmente a entrevista aconteceria em apenas um encontro. Com esta informação, a professora garantiu seu comparecimento para a entrevista.

De maneira geral, os professores da escola particular, apresentavam um pouco de resistência para colaborar com a realização da entrevista **aberta**, abordando o tema do questionário, numa atitude totalmente oposta àquela dos professores da escola pública. Estes últimos se sentiam contribuindo e faziam um discurso de apreciação ao fato de discutirem o assunto com um profissional que percebiam interessado, embora vários apresentassem uma fala que indicava um ceticismo quanto à possibilidade de que alguma coisa fosse alterada na escola. Essa descrença era, em geral, atribuída às dificuldades inerentes ao próprio funcionamento da escola e às atribuições de cada docente, e por vezes, apresentando uma descrença de que os colegas - e nunca si mesmo - se envolvessem com um trabalho que lhes exigissem mais atividades e/ou disponibilidade.

unesp

Os nomes usados na identificação dos professores foram atribuídos pela pesquisadora, já que alguns deram seus depoimentos sob esta condição.

Foram distribuídos ao todo, 119 formulários de entrevistas fechadas (59 na escola pública e 60 na escola particular), sendo que apenas um professor da escola pública pediu para devolvê-lo preenchido após sua aula, já que não havia terminado de responder durante a HTP, e não mais retornou com o questionário. Dos 60 distribuídos para os professores da escola particular, apenas 38 foram devolvidos preenchidos. Portanto, trabalhamos com a amostra de 96 questionários (58 da escola pública e 38 da particular), cuja caracterização se encontra no quadro 9 (em anexo).

Verificamos que nas duas sub-amostras, professores do sexo feminino, representam mais de 70%. Portanto, o corpo docente é constituído mais de professoras do que professores. Na escola pública os professores na faixa dos 41-50 anos, representam a grande maioria (60%), enquanto que na escola particular estão distribuídos em igual proporção os professores na faixa dos 31-40 e 41-50 anos. Na escola pública, apenas uma professora tem mais de 50 anos, e na escola particular essa faixa etária apresenta apenas 2 professores. Também são poucos os professores em idade inferior a 30 anos (5 na escola pública e 4 na particular). Nas duas sub-amostras, a maioria da população pesquisada tem uma atuação na área de humanidades (36 professores). Os demais estão distribuídos em exatas (15) e biológicas (7).

unesp

Para verificarmos se estes professores, além de ministrarem aulas a adolescentes, também convivem com filhos adolescentes, formulamos um item solicitando que indicassem o número de filhos e a idade deles.

Os dados referentes a essa questão (quadro 10, em anexo), mostram que apenas 12 dos 58 professores da escola pública não têm filhos, sendo que dos que são pais, a maioria deles tem 2 filhos, e 31 desses professores são pais de adolescentes, ou seja, mais de 60% são pais que, além de conviverem com alunos nessa faixa etária, também o fazem em casa.

Na sub-amostra da escola particular, dos 38 professores pesquisados, 10 deles não têm filhos, ou seja, mais de um quarto da amostra. Assim como na escola pública, a maioria dos professores pais têm dois filhos. O número de professores pais de adolescentes, representa exatamente a metade dos pesquisados (19). Isto nos indica que, de maneira geral, a maioria dos professores que constituem nossa amostra, têm filhos na idade da adolescência.

A partir dessa caracterização da população pesquisada, faremos a apresentação e discussão dos resultados obtidos nas entrevistas fechadas e auto-aplicadas, bem como das entrevistas realizadas.

unesp

VII - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentaremos os dados obtidos com as entrevistas fechadas e auto-aplicadas para que se possa ter um panorama geral dos adolescentes e professores nas escolas públicas e particulares. Ora apresentaremos quadros obtidos no próprio corpo do trabalho, ora poderão ser consultados no anexo, quando entendermos que a sua não apresentação no corpo do trabalho, não compromete uma visão de aspectos importantes.

Categorizamos as respostas apresentadas pelos adolescentes, apresentando-as em porcentagem de freqüência, sempre comparando quadros obtidos com adolescentes da escola pública e escola particular.

Porém, discutiremos os dados quantitativos obtidos, à luz das entrevistas abertas, não perdendo o aspecto mais dinâmico que a complexidade do assunto suscita, e também por entendermos que o entrevistado pode apresentar aspectos não controláveis que configuram a modalidade irracional ou inconsciente da conduta. São os processos vividos na entrevista que permitirão transparecer dados considerados invisíveis pelos questionários, mas que possibilitam maior compreensão e adquirem significados para o entendimento das ações e vivências de cada pessoa.

A - Escutando os Adolescentes

Iniciamos com os dados relativos ao recebimento de educação sexual por estes adolescentes por parte de seus pais. Para tanto,

unesp

formulamos um item com o objetivo de verificarmos se recebem educação sexual em casa e por parte de qual dos pais essa orientação é mais freqüente.

Ao analisarmos os dados obtidos neste item (quadro 4, em anexo), verificamos que de maneira geral, a mãe sozinha tem sido a figura do casal que mais fornece educação e/ou orientação sexual aos filhos (37,0% na escola pública e 40,7% na escola particular), e o pai sozinho, foi o que menos respostas recebeu (6,3% e 9,0% respectivamente). Em segundo lugar, situa-se o casal nos dados revelados pelos alunos da escola particular (29,9%), enquanto que na escola pública a resposta *nenhum* dos pais (32,3%) é que ocupou o segundo lugar nas respostas dos adolescentes.

Ao verificarmos separadamente as respostas por sexo, constatamos que as meninas praticamente não recebem orientação por parte do pai, sendo outra vez a mãe a que mais respostas obteve neste item. Já em relação aos meninos, observamos que na escola pública, a resposta *nenhum* dos pais foi a resposta mais freqüente (45,5%), seguida da resposta *os dois* (32,5%). Ou seja, quase metade dos rapazes da escola pública, responderam que não recebem orientação sexual em casa e um terço deles respondeu que a informação vem tanto por parte do pai, quanto da mãe. Já os rapazes da escola particular apresentam a seguinte classificação, para a obtenção de orientação em casa: primeiro dos pais; em segundo lugar: nenhum; em terceiro lugar: só do pai; e por último: só da mãe.

unesp

Para tentarmos correlacionar a falta de orientação em casa com nível de escolaridade dos pais, fomos verificar o nível de escolaridade dos pais dos 31 adolescentes da escola particular que responderam não ter orientação em casa. Constatamos que dos 31 que assim responderam, 18 pais possuíam - os dois - formação escolar de 3° grau, 9 de 2° grau e apenas 4 deles possuíam só o 1° grau. Portanto, nível de escolaridade alto dos pais não é garantia de orientação sexual aos filhos. O que nos leva a concluir, por ora, que não é a escolaridade dos pais condição suficiente para a orientação do filho, no que diz respeito à educação sexual.

Para entendermos **como** os adolescentes vêem essa educação sexual, fornecida pelos pais, recorremos às entrevistas e verificamos que a tônica das conversas entre pais e filhos tem sido os esclarecimentos sobre a menstruação e a advertência de que as filhas são muito novas para a iniciação sexual (para as meninas). Já para os meninos são as recomendações para se protegerem da Aids nas relações sexuais.

> *"Em casa, meus pais sempre falaram sobre esse tema. Recebi algumas informações de professores, sobre essa parte de funcionamento do corpo, aqui na escola...quando eu menstruei, minha mãe explicou prá mim, pediu prá tomar mais cuidado" (Solange).*

Mesmo em relação às orientações dos pais quanto à menstruação há uma ênfase nos cuidados higiênicos que a adolescente deve ter após esse marco biológico. Podemos entender que subjacente a estas recomendações há uma concepção de "sujeira" permeando a sexualidade. Agora,

unesp

do ponto de vista biológico, a menina está pronta para procriar, portanto, numa visão cristianizada, apta a ter relações sexuais. Por conseqüência, a mensagem de higienização pressupõe o sexo como coisa suja, estabelecendo aí nexos entre sujeira e sexualidade. **Levisky** (1995) aponta que certos temores e cuidados que cercam o fenômeno menstrual estão relacionados a fantasias ligadas às impurezas do espírito, muito provavelmente associadas a medos originados por fantasias masturbatórias ou à relação heterossexual com origens bíblicas. Portanto, permeando aí a noção de pecado.

> *"É difícil, não tem...Basta aquilo que pode e o que não pode, não explica o porquê daquilo. Não tem um diálogo propriamente dito...Ou então quando surge um assunto que uma menina de 11 ou 12 anos está grávida ou perdeu a virgindade, aí vai o assunto, e sempre em forma de usar aquilo prá dar uma cacetada, sabe?...aproveitando aquele assunto prá se escandalizar, e não discutir sobre aquilo" (Margô).*

Identifica-se a presença aí de um controle familiar a partir das posições ocupadas pelos membros da família, onde se estabelecem noções de certo e errado, de acordo com o modelo da família. Implícita está a noção de *culpa auto-referida*, que segundo **Nicolaci-da-Costa** (1991), fundamenta-se na noção de responsabilidade pessoal, que está, por sua vez, vinculada à identidade pessoal e à noção de que aquilo que o sujeito faz, tem ou pode ter conseqüência para si próprio e para tudo que o cerca.

Dentro dessa compreensão, podemos dizer que o controle familiar incide não somente no que o filho faz, mas também sobre o que ele pode ter a intenção de fazer.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

"...a minha mãe...ela só chega e fala assim: olha, toma cuidado, não transa com menino, você está muito nova. Mas eu aprendi muita coisa com minha avó sobre sexo...teve um dia, ela chegou prá mim e explicou menstruação, relação sexual, só que ela falou assim: se você 'relar' em um menino é perigoso você engravidar...Só que ela não entrou em detalhes e eu tive que aprender sozinha. Fiquei um tempão com aquilo na cabeça, de não poder relar nos meninos" (Carolina).

Estas falas evidenciam uma queixa muito grande em relação ao processo de comunicação entre pais e filhos. Margô deixa claro que a repreensão e a mensagem de sexo como algo proibido e escandaloso não são suficientes, explicitando aí que sente por parte dos pais uma proibição/repressão em relação aos seus desejos. Em outras palavras, a cultura familiar imprimindo um modo de se relacionar com o corpo e seus desejos, o que implica numa organização da subjetividade, cujas bases estão na construção do superego.

Nos dizeres de **Soifer** (1983) os pais transmitem a seus filhos o seu modo de ser, e isto implica também no uso da *linguagem*, que vai além do idioma, ou seja, transmitem também conteúdos emocionais que acompanham a palavra, o gesto ou os atos.

Carolina demonstra que embora tenha encontrado continência de suas angústias na avó, esta se deu apenas em relação aos aspectos biológicos do corpo, mas que na esfera do relacional, o "relar" ganhou proporções monstruosas, incutindo-lhe temores básicos de ordem afetiva, onde o toque em pessoa do sexo oposto, poderia lhe trazer conseqüências indesejáveis, travestindo assim, a gravidez de uma magia assustadora.

unesp

Neste sentido, podemos dizer que são famílias que para se perceberem como bem sucedidas na preservação da castidade e pureza de suas meninas e, assim, manter a honra da família, são levadas a uma vigilância não só dos comportamentos das jovens, mas também de seus devaneios e desejos, ou seja, de tudo que possa mobilizar desejo e fantasias sexuais (**Nicolaci-da-Costa**, 1991).

Demonstram também em suas falas que os adultos, ao se encarregarem da educação sexual, fazem-no se referindo mais à anatomia e à fisiologia, deixando transparecer uma grande confusão se devem estabelecer um intercâmbio comunicativo que se refira à explicitação dos afetos e vínculos (**Rolla**, 1990).

Isto nos remete ao entendimento de que está havendo dois tipos de socialização: parece haver um tipo de socialização para os comportamentos em geral - onde há flexibilidade na aplicação de regras - e um outro tipo para as questões da ordem do sexual, onde se dá grande peso a normas e valores bastante rígidos.

> *"...quando apareceu a Aids...Meu pai e minha mãe sempre me orientavam. Eu não gosto de falar muito nisso não...eles querem saber com quem estou andando, se estou namorando, essas coisas...esse negócio de ficar enchendo, querendo saber a toda hora com quem você sai, o que está fazendo, isso enche o saco" (Evandro).*

Muitas vezes os pontos de vista dos pais, como também seus cuidados e princípios são confundidos com cobranças e pressões. A

unesp

demonstração de interesse dos pais pelas atividades e por pensamentos dos filhos, podem ser sentidas como invasões de privacidade. Segundo **Levisky** (1995) é muito difícil e desgastante para os pais viver este período de silêncio do filho, exigindo dos primeiros o desenvolvimento de uma capacidade de continência muito eficaz e abrir mão de seus sentimentos de controle sobre o jovem.

Não podemos nos esquecer aqui que as primeiras experiências sexuais dos filhos, costumam despertar profundos sentimentos nos pais. O julgamento sobre o companheiro da filha ou do filho, mobilizam questões edipianas ligadas a ciúmes, invejas, disputas sexuais, sejam elas explícitas ou mascaradas.

> *"Em casa, os dois, eles falam prá usar camisinha...Quem mais conversa é minha mãe, meu pai é mais fechado...Eu queria saber mesmo é mais coisas assim, sobre como fazer" (Roger).*

Essa liberdade outorgada reafirma uma instrução teórica como preparação para o exercício da sexualidade, porém uma ausência de preparação do comando afetivo em suas vinculações. Coloca-se ao adolescente uma questão: este está apto a exercer a genitalização da sexualidade, mas verifica que ignora os detalhes do mister. Os misteres do coito aparecem aí, segundo **Rolla** (1990), como uma coisa confusa, misteriosa, pertencente ao adulto. Ou seja, não basta afirmar ao adolescente que ele tem a liberdade de conseguir sua gratificação genital, se ele não tem o comando afetivo necessário. Não há explicitação dos vínculos e afetos. O como fazer implica na participação de um

unesp

outro humano e na medida em que isto não é considerado, transparece-nos um adolescente que nos traz suas dificuldades em relação à iniciação sexual.

> *"Minha mãe dá muita orientação...E quando vejo meu pai, ele também fala, mas não é todo dia. Toda vez que aparece uma reportagem sobre isso ou acontece alguma coisa, ela fala, dá orientação...sempre que tô namorando, aí ela fica no meu pé, fica me observando, meu jeito. Ela me diz que não tá na minha hora ainda de eu perder a virgindade...Vontade assim, não tenho ainda, porque vejo pelas meninas novas que engravidaram" (Vanda).*

> *"Meu pai e minha mãe conversam comigo sobre isso. Meu pai, principalmente...quando arrumo namorado, ele já vai falando que não é prá mim entrar de cabeça, sou muito nova, que eu preciso me formar...Eles falam que confiam em mim...Tenho medo também de ficar grávida...Mas sei que é mais por causa do meu pai e da minha mãe...Não podemos decepcionar a confiança dos meus pais..."(Cibele)*

O propósito de postergar a iniciação sexual foi introjetado pelas filhas, que assumiram a responsabilidade de não ferir os sentimentos dos pais. Referem-se ao medo de ficar grávidas, o que delataria, da maneira mais concreta e imediata, o insucesso dos pais na preservação da castidade de suas filhas. É a prática socializatória proporcionando a emergência da *culpa auto-referida*, já citada por nós.

> *"Bom, quem fala mesmo é meu pai. Minha mãe de vez em quando conversa um pouco. Mas quem orienta, quem fala mesmo comigo, é meu pai...ele fala como faz, como fazer, o jeito...Ele fala dos cuidados...usar sempre a camisinha, essas coisas assim" (Ronaldo).*

> *"Minha mãe de vez em quando fala quando vou sair assim. Quando arrumo namorada, falo prá ela, a gente conversa assim...Com meu pai não tem muita conversa não. Ela fala prá tomar cuidado. Se tiver que fazer, prá tomar*

unesp

cuidado, usar camisinha. Só que ela não dá camisinha. Eu que compro. Só isso" (Luiz).

"Quem fala mesmo é minha mãe. Minha mãe vive falando que tem que usar camisinha. Tem que selecionar com quem vai ser...que não é prá sair com qualquer uma. Agora da parte do meu pai, ele só brinca...Ele fala que tem que sair com aquilo que aparecer. Prá ele tem que ser macho...Mas eu não sigo meu pai, não. Ele fala, mas eu não sigo meu pai, não. Ele fala, mas eu só levo minha mãe a sério" (Beto).

Se, tradicionalmente os meninos estão liberados pela família para a prática sexual, suas falas nos indicam que atualmente o que aparece de novo é a preocupação com a Aids, por parte dos pais. Neste sentido, a orientação da família tem sido para a prática do sexo seguro, embora como nos diz Beto, ainda existe uma concepção da figura masculina como podendo e devendo aproveitar todas as oportunidades que surgirem, mesmo que desvinculadas de um relacionamento mais afetivo, como prova de *macheza*. Aparece aqui a questão da ideologia da família, onde conciliar vínculos não tem sentido, sugerindo o procedimento de amar-se um objeto por um instante, e o rejeitar tão logo esteja satisfeito.

Embora a regra seja a de que filhas aprendem a ser mulheres com suas mães e os filhos aprendem com os pais a ser homens, sempre há exceções. O relacionamento com o progenitor do sexo oposto é também igualmente influenciador para validar o senso de identidade do gênero do adolescente e sabemos que também exercem significativo papel para moldar futuros relacionamentos com o sexo oposto.

unesp

Os relatos dos adolescentes nos levam a constatar que está longe ainda uma efetiva liberdade de comunicação entre pais e filhos sobre questões sexuais. Em geral, os pais dos adolescentes de hoje, foram educados numa contextualização onde sexo era tabu. Portanto, apesar da mudança de costumes, valores sexuais e discussões sobre sexo estarem presentes nos meios de comunicação, ainda não houve uma assimilação completa dessas mudanças. Evidência de que tudo só muda rapidamente na superfície e que o novo e moderno convivem com o arcaico e o antiquado, e que nas palavras de **Figueira** (1987, p.22) "***o arcaico apenas aparentemente desaparece dando lugar ao moderno: o arcaico continua presente, de modo invisível, mais ou menos inconsciente, mas certamente eficaz na sua oposição estrutural ao moderno, que é o mais recente e é o núcleo daquilo que desejaríamos ser".***

Some-se a isto o fato de que os pais representantes de uma população de baixo nível socioeconômico, e provavelmente por conta também de falta de escolaridade, estão mais longe ainda dessa atualização do pensamento, já que entre estes adolescentes se encontram as maiores porcentagens dos que assinalaram que nenhum dos pais conversa sobre sexualidade.

No entanto, esses adolescentes, em geral, expressam seu desejo de que essa comunicação aconteça:

> *"...Em casa, muito pouco...já que eu não tinha em casa, eu procurava de tudo, em revistas, jornal, às vezes escutando uma pessoa falar e você fingindo que não está nem aí, mas você está prestando a maior atenção...Minha mãe falava, falava, mas nunca disse: se você tiver que fazer, faça assim, assim, assado" (Vera).*

unesp

O desejo da comunicação se refere à necessidade que têm de ouvir de seus pais sobre suas próprias experiências, contrapondo aqui ao que de fato acontece que é os pais oferecerem aos filhos modelos de papel, ou seja, ensinam ideais a respeito de papéis sexuais. O que os filhos esperam é que os pais comuniquem o valor de suas próprias experiências. Esta distorção na comunicação ocorre porque os pais, tentando acertar na orientação de seus filhos, omitem sua experiência pessoal e procuram transmitir como **deveria** ter sido e como **querem** que seja para seus filhos, sonegando a informação de como realmente é ou foi para eles.

A manifestação de Vera também nos remete a um sentimento apontado por **Rolla** (1990), de que na adolescência o sujeito se sente desamparado e, portanto, mais propenso a sentir-se objeto de abandonos. O fato de viver até há bem pouco tempo numa relação de completa dependência dos pais, leva-os a necessitar da confirmação dessa independência.

Desejam os pais por perto para dar apoio, amor e encorajamento, ao mesmo tempo que a necessidade de lutar por uma personalidade independente, singular e individualizada, os leva para longe da família, tentando assumir seus próprios relacionamentos.

> *"Eu queria que eles conversassem, mas eles não sabem conversar. Eles sempre se exaltam...eles são muito antigos e não compreendem os jovens de hoje. Tudo para eles é muito escandaloso..." (Aline).*

unesp

"Que fosse uma coisa bem aberta, que realmente falassem, porque se minha mãe comentava alguma coisa era só assim: jamais tenha relação sexual porque homem não vai te dar valor" (Larissa).

"Meus pais não tem uma conversa aberta, indiretamente falam, dão conselhos, agora, diretamente, nunca sentamos pra conversar assim, de sexualidade. Minha irmã ficou grávida com 14 anos, então parece que esse assunto é proibido lá em casa. Ao invés de falar, para ajudar, eles só dão indiretas...agora falar assim abertamente, não falam nada" (Pedro).

Estes adolescentes estão vivendo esta fase em circunstâncias muito diferentes daquelas em que seus pais passaram essa fase evolutiva. As expectativas e curiosidades dos adolescentes não encontram continência, e podem parecer até estranhas a muitos pais.

As mudanças sociais descritas no início desse trabalho, por vezes, provocam um distanciamento muito grande entre duas gerações, mas lembramos **Pincus & Dare** (1987, p.117) ao anunciarem que "***nenhum adulto perde a necessidade de ligações íntimas e carinhosas e não se cogita de que o adolescente possa perder tais necessidades, da noite para o dia"***. Portanto, reafirmamos que estes adolescentes estão desejosos de manter a imagem ideal de uma família unida e solidária, ao mesmo tempo que procuram tornarem-se independentes dos pais, travando-se aí uma luta interna (a questão da ambivalência), que caracteriza a elaboração do luto pelo papel e identidade infantis e o luto pelos pais da infância.

Os adolescentes estão expressando algo mais do que uma diferença de opinião entre eles e seus pais. Especialmente Aline demonstra que

unesp

há um processo de defasagem que vai além do semântico entre duas gerações, explicitando aí uma quebra do processo comunicante entre elas (**Osório**, 1992). Os pais continuam negando a expressão da sexualidade dos filhos na adolescência. As mudanças sociais tão divulgadas não alterou significativamente a maneira dos pais conceberem a sexualidade.

Em nossas entrevistas, formulamos uma questão para apreender as fontes das quais os adolescentes se beneficiavam para receber as melhores informações sobre sexualidade, segundo a própria percepção (quadro 5, em anexo).

Os resultados obtidos indicam que os amigos e leituras de revistas/livros, foram os mais citados como fonte de mais e melhores informações sobre sexualidade. Os pais foram considerados em 2º lugar pelos alunos da escola particular e em 3º lugar pelos alunos da escola pública, apesar dos relatos de como é dada essa educação sexual. A televisão também ocupou lugar significativo enquanto fonte de informação: 2º lugar para os alunos da escola pública e 3º lugar para os alunos da escola particular.

A *escola* foi citada em 4º lugar por ambas as sub-amostras. Poucos foram os alunos que assinalaram outras fontes de informação, além das alternativas oferecidas. Do total de 17 alunos que indicaram outra fonte de conhecimento, 9 deles - portanto mais da metade - indicaram a Igreja como local onde obtêm orientação sexual. Dos adolescentes que fizeram essa indicação, 6 se identificaram como protestantes e 3 como evangélicos.

unesp

Se tomarmos os resultados obtidos no item anterior (orientação sexual em casa) como referência, onde a maioria dos meninos respondeu que nenhum dos pais dava orientação em casa, podemos entender que estão buscando nos amigos, na TV, nas revistas/livros e na Escola, estas informações que não obtêm em casa.

Os dados revelados indicam que os alunos da escola pública estão constituindo seus conhecimentos, principalmente, a partir da discussão com seus iguais - amigos - e da leitura de revistas e livros, indicando com isto que falta a presença de alguém com mais experiência com os quais poderiam conversar. Os alunos da escola particular, embora também tenham nos amigos a fonte mais citada, possuem as leituras como significativas fontes de informações; e quase a metade deles também recebe educação/orientação dentro da família.

Essa tendência de se dirigirem aos amigos para discussão de dúvidas sobre questões sexuais está ligada a uma característica presente nessa fase evolutiva, que é a tendência grupal. O adolescente pertence mais ao grupo do que à família, deslocando a afetividade dos pais para o grupo de amigos, onde todos se identificam entre si (**Knobel**, 1990).

Ao analisarmos separadamente as respostas obtidas junto aos adolescentes do sexo masculino e feminino, verificaremos que as meninas procuram mais leituras que os meninos, e esta diferença se acentua ainda mais com os adolescentes da escola particular. No que diz respeito à alternativa *escola*, como fonte de mais e melhores informações, esta foi mais citada pelos meninos

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

do que pelas meninas e esta diferença se acentua nos adolescentes da escola pública, chegando a ser mais considerada, por eles, do que os próprios pais.

Quando da realização das entrevistas, as falas dos adolescentes nos indicaram algumas pistas no tocante à participação da escola no processo de educação sexual, revelando boas e más experiências.

> *"...na 7ª série tinha uma professora que ela falava assim...ela não sabia se expressar, então ela falava de qualquer jeito, como se ela tivesse que se livrar logo da resposta e aí a gente pensava assim: será que é isto? Por exemplo, ela falava assim: "vocês ficam aí no escuro, se beijando...vai acabar grávida!". Então ela não explicava o quê da questão: o que mais podia acontecer no escuro que fazia a menina ficar grávida. Então a gente podia pensar: Nossa! aquela minha amiga, que estava beijando no escuro, será que está grávida? Então tem que pensar bem, porque é uma fase que você fica numa grande confusão. Se fosse agora...que já estou esclarecida, eu ia falar: que besteira ela falou!" (Vera).*

A adolescente ao criticar a forma como a professora respondia e orientava seus alunos, queixa-se da falta de clareza e informações isentas de distorções que podem atrapalhar (desorientar) o aluno. Informações imprecisas e carregadas de moralismos podem confundir ainda mais o adolescente, que já se encontra num momento de incertezas. Na fala de Vera se descortina um professor que, tanto por suas inseguranças, quanto por suas evocações conscientes e inconscientes de fantasias e atitudes durante a própria adolescência, suscitam-lhe muitas angústias, mostrando-se impossibilitado de falar com clareza sobre o assunto. Dito de outra maneira, este professor, por não poder falar com base em suas experiências e a partir de suas vivências, resta a ele

unesp

se livrar logo do assunto por temor do que acredita que se passa em termos de desejos e fantasias sexuais. Neste momento, estabelece o certo e o errado, numa tentativa de transmitir informações que acredita como sendo seguras ao adolescente.

> *"Eu já estudei em quatro escolas e nunca teve nada sobre isso...Acho que eles não estão preparados, Se tivesse preparados, eles já estariam falando, porque os problemas estão aí e parece que eles não enxergam, não ouvem. Então acho que uma pessoa de fora, vem, discute, vai embora...não precisa ficar com medo de falar as coisas" (Vanda).*

Na fala de Vanda, subentende-se que o temor do professor é de se envolver com as questões dos adolescentes, e daí estaria comprometido com a ajuda que os alunos esperam deles. Tenta achar uma solução onde nem ela, enquanto adolescente, nem o professor, enquanto profissional, ver-se-iam envolvidos com os problemas presentes na escola, e por isso propõe a vinda de alguém com o qual não conviveria, portanto, não se exporia. Projeta no professor a necessidade de um distanciamento afetivo para lidar com as questões da sexualidade.

> *"Tive a professora de Biologia, comecei a ter conhecimentos com ela, acho que foi na 7ª, 8ª séries. Ela instruiu bastante, ela era legal, falava desde a parte biológica, de como acontece até...o que acontece, como evitar: preservativo, camisinha, DIU, tabelinha...tudo, tudo do ponto de vista geral(...)Essa professora de Biologia que tenho aula hoje, a gente até que pediu prá ela explicar...até uma garota pediu se ela podia trazer camisinha e outras coisas prá mostrar. Ela té trouxe na outra aula, mas sabe quando põe lá na mesa, mas parece que não quer discutir o assunto...não explicou, não demonstrou nada. O pessoal com aquela sede de pegar, saber...Às vezes até*

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

aquelas brincadeirinhas inevitáveis, mas...ela não foi além do que tinham pedido(...) Sorte daquele que pega um professor que fala" (Kleber).

"Eu tive uma professora aqui na 6ª e 7ª série que foi uma pessoa muito importante prá mim. Depois ela se aposentou. Ela era uma pessoa preocupada, ela se empenhava realmente. Ela falava, era uma pessoa muito aberta. Tirava dúvidas e todo mundo. Ela sempre foi muito boa ouvinte. Não como mãe, nem como amiga, mas como uma pessoa mais velha e muito experiente. Ela ponderava as coisas. Sempre muito preocupada em transmitir aquilo que ela sabia. Eu sempre perguntava muita coisa prá ela" (Eliana).

Expressam sua satisfação e gratidão por terem encontrado na escola, pessoa continente de suas dúvidas e angústias, com a qual tanto se beneficiaram (constatamos que falavam da mesma professora). Kleber, por ter tido uma experiência positiva com uma professora que **falava**, julga-se capaz de avaliar hoje o desempenho e a não continência de uma outra professora que até atendeu, mas não *entendeu*, um pedido de trazer para a sala de aula materiais pertinentes ao assunto. Sendo, portanto, incapaz de ouvir que o verdadeiro pedido dos alunos era para que conversasse com eles sobre as condições, possibilidades e adequações de métodos preventivos. Eliana, ao dizer que a professora era sempre muito preocupada em transmitir aquilo que ela **sabia**, refere-se a uma professora que não omitia o seu saber, ou seja, sua vivência, e que por isso podia falar, pois ela **sabia** como acontecia.

Para verificarmos se com o conhecimento que têm, consideram-se bem informados, formulamos outro item, cujos dados obtidos apresentamos no quadro 6 (em anexo).

Os dados obtidos nos revelam que, de maneira geral, os meninos se consideram mais bem informados do que as meninas, quando o assunto é sexualidade. Quando o tema é Aids, houve pouquíssima diferença entre meninos e meninas, sendo que a maioria se considera bem informada, independentemente do nível socioeconômico.

Essa afirmação parece estar relacionada com a veiculação feita pelos meios de comunicação, através do incentivo ao uso de preservativos como uma forma eficaz de evitar a Aids.

Já quando o tema é gravidez, na escola pública houve uma diferença significativa entre meninos e meninas, pois menos da metade dos meninos se considera bem informada sobre esse assunto, enquanto que a outra quase metade se diz *um pouco* informada; e a maioria das meninas (75,9%) se considera bem informada sobre gravidez.

Esses resultados evidenciam que nas camadas mais populares, as meninas buscam mais conhecimentos sobre a gravidez, do que os meninos, enquanto que para os jovens originários de famílias de nível socioeconômico mais elevado, os conhecimentos sobre gravidez representam interesse para ambos os sexos. Esses dados provavelmente estão respaldados por uma preocupação da família de classe média alta e alta, em transmitir aos seus rapazes os cuidados para não engravidarem uma garota, pois isto poderia representar a possibilidade de entraves no desenvolvimento da vida estudantil e profissional do rapaz, contrariando assim, as expectativas da família.

Para verificarmos se consideram necessário um programa de

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

educação sexual nas escolas, elaboramos um item cujos dados obtidos se encontram no quadro 7 (em anexo).

Embora tenhamos verificado que grande parte dos alunos se consideram bem informados sobre os principais temas ligados à sexualidade que preocupam os pais e os profissionais, e que a maioria deles não têm na escola sua principal fonte de informação/educação sobre sexualidade, constatamos que a grande maioria (99,5% da escola pública e 98,8% da escola particular) considera interessante um programa de educação sexual desenvolvido nas escolas.

Observa-se também que, embora não com uma diferença significativa, as meninas responderam ainda mais afirmativamente do que os meninos. Portanto, os adolescentes, de maneira geral, consideram a escola como um espaço adequado para a execução de um programa de educação sexual. Ao mesmo tempo que julgam ter informações, também não a consideram suficientes, já que entendem ser importante que a escola forneça informações/orientações a respeito de sexualidade, quebrando assim o mito do conhecimento. Portanto, a onipotência característica dessa fase do desenvolvimento.

Tal solicitação é justificada em seus depoimentos em razão dos problemas que identificam entre colegas, na escola, quais sejam: número acentuado de gravidez, levado a termo ou não; número de abortos e falta de orientação em casa:

> *"porque evitaria a gravidez, a Aids e outras coisas que acontecem com os adolescentes desinformados";*
>
> *" não importa a idade porque se a gente conversasse sobre sexo desde pequeno, seria mais fácil hoje";*

unesp

"porque todos estão começando a praticar sexo mais cedo e quanto antes se falar, melhor será";

"porque é importante saber das coisas antes de começar a praticar de qualquer jeito";

"só no 2º grau seria tarde demais e os mais velhos já estão fazendo sexo totalmente desinformados";

"porque as aulas que temos é só mostrar figuras do órgão reprodutor e pronto. Esse tabu tem que ser quebrado pela escola. Precisamos acabar com isso e falar abertamente";

"para que a gente não tenha dúvidas quando pintar a oportunidade e depois pela vida afora".

Essas preocupações são confirmadas ao folhearmos os jornais e constatarmos uma constante ênfase de alertas em relação ao número de adolescentes grávidas. O jornal "O Estado de São Paulo", de 19 de julho de 1996, traz uma publicação mostrando que a primeira causa de internação de adolescentes em hospitais que mantêm convênio com o SUS (Sistema Único de Saúde), é o parto normal na faixa etária entre 10 e 14 anos, em que os procedimentos relativos à gravidez correspondem a 16%; e na faixa etária entre 15 e 19 anos, em que correspondem a 66,5%. Acrescente-se a isso o fato de que o fenômeno não é regional, e sim uma situação encontrada em todo o país.

Com o objetivo de levantarmos dados sobre como os alunos gostariam que este programa de educação sexual fosse desenvolvido nas escolas, em termos de que temas gostariam de ver abordados, por que profissional, de que forma e com que freqüência, elaboramos um item, cujos dados obtidos se mostram no quadro a seguir. Como não oferecemos alternativas, o quadro pretende revelar as propostas apresentadas espontaneamente.

unesp

Quadro A. PROPOSTAS DE PROGRAMA DE EDUCAÇÃO SEXUAL

A.a. Escola Pública

	SEXO (%)		
SUGESTÕES	MASC.	FEM.	TOTAL
Não sei / Em branco	12,9 (10)	10,7 (12)	11,6 (22)
- Por quem ?			
Professores da Escola	38,9 (30)	42,9 (48)	41,3 (78)
Especialistas	32,5 (25)	34,8 (39)	39,4 (74)
Não definiram	15,6 (12)	16,9 (13)	13,2 (25)
- De que forma ?			
Aulas	31,2 (24)	32,1 (36)	31,7 (60)
Debate / Palestra / Vídeo	23,4 (18)	25,9 (29)	24,9 (47)
Depoimentos de Adolescentes	12,9 (10)	6,2 (7)	9,0 (17)
Não Definiram	40,3 (31)	25,0 (28)	31,2 (59)
- Temas ?			
Sexualidade em geral	55,8 (43)	44,6 (50)	49,2 (93)
Gravidez	24,7 (19)	38,4 (43)	32,8 (62)
Aids/DST's	35,1 (27)	20,5 (23)	26,4 (50)
Aborto	9,1 (7)	15,2 (17)	12,7 (24)
Prostituição	9,1 (7)	9,8 (11)	9,5 (18)
Drogas	11,7 (9)	8,9 (9)	9,5 (18)
Masturbação	3,9 (3)	0,9 (1)	2,1 (4)
Homossexualismo	7,8 (6)	–	3,2 (6)
Não Definiram	19,5 (15)	14,3 (16)	16,4 (31)
- Freqüência ?			
Semanal	29,9 (23)	34,8 (39)	32,8 (62)
Mensal	20,8 (16)	20,5 (23)	20,6 (39)
Outros	2,6 (2)	1,8 (2)	2,1 (4)
Não Definiram	41,6 (32)	25,9 (29)	32,3 (61)
Base	77	112	189

unesp

A.b. Escola Particular

	SEXO (%)		
SUGESTÕES	MASC.	FEM.	TOTAL
Não sei / Em branco	12,3 (8)	10,7 (12)	11,3 (20)
- Por quem ?			
Professores da Escola	44,6 (29)	40,2 (45)	41,8 (74)
Especialistas	29,2 (19)	37,5 (42)	34,5 (61)
Não definiram	13,8 (9)	11,6 (13)	13,6 (24)
- De que forma ?			
Aulas	41,5 (27)	34,8 (39)	37,3 (66)
Debate / Palestra / Vídeo	23,1 (15)	28,6 (32)	26,6 (47)
Depoimentos de Adolescentes	7,7 (5)	14,2 (16)	11,9 (21)
Não Definiram	27,7 (18)	18,8 (21)	22,0 (39)
- Temas ?			
Sexualidade em geral	53,8 (35)	58,0 (65)	56,5 (100)
Gravidez	16,9 (11)	25,9 (29)	22,6 (40)
Aids/DST's	24,7 (16)	23,2 (26)	23,7 (42)
Aborto	4,6 (3)	15,2 (7)	5,6 (10)
Prostituição	7,7 (5)	5,4 (6)	6,2 (11)
Drogas	10,8 (7)	5,4 (6)	7,3 (13)
Masturbação	4,6 (3)	2,7 (3)	3,4 (6)
Homossexualismo	20,0 (13)	2,7 (3)	9,0 (16)
Não Definiram	9,2 (6)	6,3 (7)	7,3 (13)
- Freqüência ?			
Semanal	49,2 (32)	41,1 (46)	44,1 (78)
Mensal	12,3 (8)	11,7 (13)	11,9 (21)
Outros	–	3,6 (4)	2,3 (4)
Não Definiram	26,2 (17)	33,1 (37)	30,5 (54)
Base	65	112	177

Obs: Alguns alunos apresentaram mais de uma proposta nos diferentes sub-itens, como temas a serem abordados e formas de serem explorados, e foram considerados nos cálculos. Sendo assim, por vezes a soma das porcentagens não foi igual a 100.

Ao analisarmos o quadro A, verificamos que girou em torno de 11% o percentual dos alunos que não opinaram sobre como gostariam que fosse desenvolvido um programa de educação sexual nas escolas. Este dado é muito significativo, pois indica que a grande maioria (90%) apresenta uma expectativa em relação a como gostariam de ver abordado o assunto sexualidade na escola.

Os dados apresentados indicam que não houve diferença significativa entre a escola pública e a particular. As diferenças que se apresentam estão mais relacionadas à diferença entre os sexos. Em geral, os meninos tiveram um pouco mais de dificuldade para definir os sub-itens.

Um dado que nos chamou a atenção foi que as meninas apontam mais do que os meninos a Gravidez e o Aborto como temas a serem discutidos na escola, enquanto que os meninos indicaram maior preocupação com o tema homossexualismo, drogas e Aids/DST's, do que as meninas. Portanto, a questão da prevenção ainda indica uma diferença de objetivos entre meninos e meninas, alicerçada na transmissão de valores e provável cultura familiar, que por sua vez se nutre das normas que recebe da sociedade a que pertence, e mais, sobre as quais continuará exercendo igualmente uma influência, num processo dinâmico e constante.

Enquanto na escola pública os meninos manifestaram maior interesse por depoimentos de adolescentes que contassem suas experiências

unesp

(gravidez, droga, etc), na escola particular, foram as meninas que manifestaram esse tipo de interesse.

Por meio das entrevistas, nas quais poderiam explicitar de maneira mais dinâmica suas expectativas quanto à escola, ficou evidente a confiança que os adolescentes depositam ainda na pessoa do professor, enquanto figura de papel muito importante que poderia contribuir para sua formação.

> *"Seria muito bom que tivesse, porque a professora, por exemplo, de Ciências, até fala sobre o funcionamento do corpo. A gente até fica com vontade de saber mais...mas é aquele clima que não permite...O professor é alguém mais capacitado, mais preparado...que sabe conversar, falar, bem completo mesmo" (Ronaldo).*

> *"...acho que deviam dar mais informações aqui...aproveitar mais as aulas de Ciências e falar a realidade do que está aí e não ficar só no conteúdo do livro. Eu, por exemplo, tenho muita curiosidade de saber mais sobre Aids. Entender mais sobre meninas que abortam, esses tipos de coisas. Seria muito legal que falassem mais sobre isso" (Sônia).*

> *"Quando estava na 6ª série teve um professor substituto que conversou com a gente. Ele falou como o homem tem tesão, falou sobre tudo isso e a classe ficou assim, né, admirada. Nunca ninguém tinha tocado no assunto assim na classe. As crianças hoje sabem que tem tudo isso desde pequenininhas, mas o problema é que não tem orientação...acho que o professor prá falar sobre isso tinha que ser assim, como se diz? que falasse mesmo completo e não só pela metade" (Flávia).*

Outros adolescentes entendem que a orientação sexual na escola teria a grande vantagem de não ditar normas a eles, nem questionar o por quê de determinadas dúvidas, facultando-lhes, portanto, a decisão e/ou opção de

unesp

agirem, mas com dados e informações que subsidiassem essas decisões. O que se percebe, pelas falas dos adolescentes, é que necessitam de informações, mas querem manter preservada sua autonomia, não passando pela situação de controle dos pais.

Os vínculos entre pais e filhos são de assimetria e complementaridade. Na adolescência dos filhos, os termos dessa relação devem ser reformulados. O luto pela perda do vínculo até então vigente é de todos na família. A partir daí, os pais estarão diante de alguém que se assemelha a eles. Nova assimetria deve nascer, agora baseada na diferença de gerações e dos sexos, o que implica na renúncia do filho conformista, o luto pela dependência infantil e o reconhecimento da necessidade recíproca de autonomia (**Eiguer**, 1989).

> *"Assim como eu, deve ter muita gente que não teve orientação dos pais. E também tem o seguinte, com os pais às vezes pode ser meio esquisito. Muitas vezes, acho que eles até gostariam de falar, mas, ou não sabem direito como falar, ou falam dando sermão nos filhos e aí acho que não é legal...a gente tem vergonha de perguntar, então se alguém falar, fica mais fácil e aí a gente vai tirando só as dúvidas mesmo" (Érica).*

Quando os pais definem as relações familiares a partir de uma ideologia tradicional, ou da posição que ocupa na constelação familiar, a susceptibilidade pode ser maior dos dois lados. Os filhos percebem as observações dos pais como censura familiar e ao mesmo tempo, talvez por isso mesmo, temem ver expostos seus desejos. Os pais, por sua vez, temem se expor, preferindo transmitir um ideal do que gostariam que seus filhos fossem e por isso **não sabem direito como falar**, pois essa forma de transmissão que realizam não

unesp

encontra ressonância no desejo de comunicação que o filho tem em relação aos adultos.

> *"...se a gente em casa se ressente, tem que ter essa orientação para que a gente esteja consciente do que está fazendo, então se a escola proporciona isso, é muito bom. Até porque na escola não teria esse negócio de ficar restringindo, mas sim, orientando e respondendo perguntas da gente sem se meter na nossa vida" (Pedro).*

Podemos identificar aí o luto pelos pais da infância, tão bem apontado por **Aberastury** (1990), ou seja, a relação de dependência infantil é abandonada gradualmente e com muita dificuldade. Revela-se o desejo de assumir a sexualidade, representando para o adolescente o abandono de seu mundo infantil. É a busca da identidade adulta, assinalada por **Knobel** (1990), característica dessa fase evolutiva. A perda da identidade infantil implica a busca de uma nova identidade. O adolescente não quer ser como certos adultos com quem ele convive em seu mundo imediato, e busca outros adultos - que pode ser o professor - com tendência a idealizá-los. As imagens proporcionadas pelo mundo externo satisfatório e as boas imagens parentais introjetadas são as que ajudam o adolescente a enfrentar possíveis condições externas que chegam a ser muito perturbadoras durante este período evolutivo.

Para verificar como os adolescentes percebiam a sua escola no tocante ao fornecimento de informação/educação sexual, elaboramos um item, onde perguntávamos se na escola deles havia um programa de orientação sexual (quadro 8, em anexo).

unesp

Na escola pública, a grande maioria dos alunos (93,7%) afirma que a escola onde estudam não desenvolve um programa de educação sexual. Aqueles que responderam positivamente (11,7% dos meninos e 6,3% das meninas), justificaram suas respostas da seguinte maneira: as aulas de Ciências (7ª/8ª séries) e Biologia (colegial), tratavam de informar sobre sexualidade, já que discutiam os aspecto biológico do desenvolvimento humano. Alguns alunos - 3 deles - consideraram a colocação de cartazes e a distribuição de folhetos explicativos pela escola, como fazendo parte de um programa de educação sexual.

Quando contatamos os diretores dessas escolas, bem como seus professores, as informações revelaram que não existia nenhum programa de educação sexual sendo desenvolvido pela escola. O que acontecia eram iniciativas isoladas de alguns professores, principalmente de Ciências e Biologia, de se colocarem à disposição dos alunos para qualquer outro esclarecimento, além do conteúdo programado para estas disciplinas.

Quanto aos dados obtidos com as respostas dos alunos da escola particular (73,2% dizem que a escola não tem um programa de educação sexual), verificamos pelas suas respostas que os alunos do colegial, tinham aula de Psicologia no 1º colegial, onde a professora abordava o tema adolescência, sendo que alguns dos assuntos foram: sexualidade, prevenção da gravidez e Aids. Segundo informação dos diretores dessas escolas, não existe um programa sendo desenvolvido na escola, nesse sentido, e sim iniciativas particulares desses professores de Psicologia e/ou psicóloga da escola.

unesp

Ao descrever como o programa era desenvolvido, os alunos confirmaram as informações dadas pelas escolas, com frases do tipo:

"... foi apenas comentado nas aulas de Psicologia, mas não foi um trabalho longo."

"...pela professora de Psicologia, mas foi só no 1º colegial, agora não tem nada."

"No 1º colegial, nas aulas de Psicologia, mas não é um assunto específico sobre sexualidade, a professora comenta algo sobre isto."

"Só foi desenvolvido no ano passado, no 1º colegial, mas foi superficial porque não tinha um programa de sexualidade, mas sim outros assuntos também."

"...através de seminários, onde são trabalhados os assuntos e dúvidas nossas, só que é muito pouco, só acontece um ano aqui na escola e deveria ter mais."

"Cada grupo de alunos fazia pesquisas a respeito de cada assunto relacionado à adolescência e apresentava para a classe, aí a professora entrava na discussão, inclusive para poder esclarecer as dúvidas, que eram muitas."

"Esse assunto é estudado nas aulas de Psicologia, que trata muito bem desse assunto, mas não é o suficiente. Precisamos de mais aulas relacionadas ao assunto."

"A psicóloga da escola responde, junto com a professora de Ciências, perguntas que os alunos vão colocando numa caixinha. É assim que alguns tiram suas dúvidas."

"A parte biológica foi toda explicada pela professora de Ciências e no ano passado, nas aulas de Psicologia, o assunto era a adolescência e alguns assuntos foram : Aids, drogas, gravidez."

"Eu tive em outra escola, nas aulas de Ciências, sobre a parte biológica e aqui a professora de Psicologia falou bastante sobre prevenção de gravidez e Aids no 1º colegial. Só que agora não tem mais."

Todas as falas reafirmam o desejo de uma discussão continuada sobre o tema. Explicitam que esporadicamente não é o suficiente.

unesp

Valorizam o que foi feito, mas querem mais, num sinal de expectativas de verem esgotadas suas dúvidas.

No quadro a seguir, apresentamos os dados referentes aos problemas relacionados à sexualidade, que os adolescentes identificam como existentes em sua escola. Algumas respostas que não estavam diretamente ligadas à questão da sexualidade, como violência e drogas, apareceram entre as respostas dadas e resolvemos considerá-las, já que de alguma maneira os adolescentes estabeleceram uma ligação entre estas questões.

Quadro B. PROBLEMAS QUE IDENTIFICAM NA ESCOLA

B.a. Escola Pública

	SEXO (%)		
PROBLEMAS	MASC.	FEM.	TOTAL
Gravidez	11,7 (9)	35,7 (40)	25,9 (49)
Falta de informação/orientação	23,4 (18)	29,5 (33)	27,0 (51)
Namoros escandalosos	10,4 (8)	23,2 (26)	18,0 (34)
Drogas	3,9 (3)	6,3 (7)	5,3 (10)
Violência	2,6 (2)	1,8 (2)	2,1 (4)
Meninas assanhadas	11,7 (9)	22,3 (25)	18,0 (34)
Meninos não respeitam	5,2 (4)	23,2 (26)	15,9 (30)
Atrito entre os sexos	–	7,1 (8)	4,2 (8)
Aborto	–	3,6 (4)	2,1 (4)
Prostituição	2,6 (2)	12,5 (14)	8,5 (16)
Preconceito c/ homossexuais	2,6 (2)	–	1,1 (2)
Homossexualismo	13,0 (10)	0,9 (1)	5,8 (11)
Aids/DST`s	1,3 (1)	1,8 (2)	1,6 (3)
Falta de Prevenção à Aids	7,8 (6)	10,8 (12)	9,5 (18)
Não sei/em branco	36,4 (28)	33,0 (37)	4,4 (65)
Nenhum	26,0 (20)	4,5 (5)	13,2 (25)
Base	77	112	189

unesp

B.b. Escola Particular

	SEXO (%)		
PROBLEMAS	MASC.	FEM.	TOTAL
Gravidez	58,5 (38)	59,8 (67)	59,3 (105)
Falta de informação/orientação	55,4 (36)	44,6 (50)	48,6 (86)
Namoros escandalosos	3,1 (2)	12,5 (14)	9,0 (16)
Drogas	3,1 (2)	4,5 (5)	4,0 (7)
Violência	–	–	–
Meninas assanhadas	7,7 (5)	4,5 (5)	5,6 (10)
Meninos não respeitam	6,2 (4)	7,1 (8)	6,8 (12)
Atrito entre os sexos	1,5 (1)	4,5 (5)	3,4 (6)
Aborto	3,1 (2)	12,5 (14)	9,0 (16)
Prostituição	1,5 (1)	–	0,6 (1)
Preconceito c/ homossexuais	3,1 (2)	4,5 (5)	4,0 (7)
Homossexualismo	20,0 (13)	2,7 (3)	9,0 (16)
Aids/DST's	–	4,5 (5)	2,8 (5)
Falta de Prevenção à Aids	20,0 (13)	9,0 (10)	13,0 (23)
Não sei/em branco	15,4 (10)	11,6 (13)	13,0 (23)
Nenhum	12,3 (8)	3,6 (4)	6,8 (12)
Base	65	112	177

Obs: Para facilitar a leitura do quadro 10, foram classificadas por ordem de freqüência as questões que os alunos apresentaram como sendo problemas ligados à sexualidade que identificam na escola.

Observa-se nos quadros acima que mais da metade dos alunos do sexo masculino da escola pública deram a resposta *Não sei/ nenhum* ou deixaram em branco, e essas respostas obtiveram mais de um terço das manifestações das meninas. Estes dados nos remetem à reflexão de que embora os problemas estejam acontecendo junto a eles, e por vezes, com eles mesmos, suas respostas nos indicam o quanto não estão integrados sobre estas questões,

numa contundente constatação de que não podem se sentir envolvidos com estas dificuldades. A idéia é de que vivem à margem desses problemas, não se sentindo sujeitos ou objetos desse processo.

Tal mecanismo nos indica a dissociação que o adolescente faz entre a ação e o pensamento, ou seja, ele se diz informado sobre sexualidade - na esfera do pensamento, de forma intelectualizada -, e não consegue identificar, colocar-se no lugar do sujeito - ação -, ficando a sua inscrição no mundo longe destes problemas.

Na sub-amostra escola pública, excluindo-se as respostas não sei/em branco/nenhum, foi a seguinte a ordem de classificação por freqüência dos 5 problemas mais citados pelos meninos: 1º- falta de informação e/ou orientação (23,4%); 2º- homossexualismo (13,0%); 3º- gravidez e meninas oferecidas e/ou assanhadas (11,7%); 4º- namoros escandalosos na escola -alguns citaram a prática de sexo dentro do espaço da escola, no período noturno- (10,4%); 5º- falta de prevenção da Aids (7,8%). Já para as meninas foi a seguinte ordem de classificação: 1º- gravidez (35,7%); 2º- falta de informação (29,5%); 3º- namoros escandalosos na escola e meninos não respeitam as meninas (23,2%); 4º- meninas oferecidas e/ou assanhadas (22,3%); 5º- prostituição (12,5%).

Na sub amostra da escola particular, embora menor, também foi significativo o número de respostas *não sei/ em branco e nenhum* emitidas pelos rapazes, enquanto que estas respostas foram bem menos freqüentes pelas

unesp

meninas. O que reforça a idéia de que, mais os rapazes do que as moças, se distanciam dessas questões, tendo mais dificuldades do que as meninas, para uma integração entre pensamento e ação, colocando-se à margem desse processo. Não se sentem inseridos afetivamente, como se esse problema não fizesse parte de suas vidas. Só da vida da mulher.

O 1º lugar na classificação dos meninos foi a gravidez (58,5%); 2º- falta de informação e/ou orientação (55,4%); 3º- homossexualismo e falta de prevenção da Aids (20,0%); aí excluindo-se não sei/em branco e nenhum, apresenta em 4º- meninas oferecidas e/ou assanhadas (7,7%); 5º- meninos não respeitam as meninas (6,2%). Já para as meninas foi a seguinte ordem de classificação: 1º- gravidez (57,8%); 2º- falta de informação/orientação; 3º- namoros escandalosos na escola e aborto (12,5%); 4º- falta de prevenção da Aids (9,0%); 5º- meninos não respeitam as meninas (7,1%).

A gravidez na adolescência é o problema mais citado nas duas sub-amostras, pelas meninas. Também foi mais citado pelos meninos da escola particular, enquanto que os meninos da escola pública o citaram menos freqüentemente (11,7%), recebendo a 5ª classificação no panorama geral das respostas por eles oferecidas.

Estes dados nos remetem às informações colhidas nas escolas onde fomos inteirados, tanto pelos professores, como pelos alunos, durante as entrevistas, que nos últimos meses que antecederam a realização das entrevistas, havia ocorrido 2 casos de gravidez de adolescentes em uma escola

unesp

particular e 3 em outra (de conhecimento da comunidade escolar). Nas duas escolas públicas fomos informados sobre 30 casos (18 em uma escola e 12 em outra). Assim, se justifica a preocupação com a gravidez por parte de todos os adolescentes da escola particular e pelas meninas da escola pública, porém os dados revelados pelos meninos da escola pública demonstraram que, embora ocorram vários casos de gravidez, eles não podem compreender isto como um problema, pelo menos para eles. Provavelmente, por questões ligadas à sua própria formação. Tanto que o aborto também apareceu como uma preocupação tipicamente feminina. Mais uma vez retratando a questão da ideologia da família na sua formação.

O problema *falta de informação e/ou orientação sexual*, foi o 2º ponto mais freqüente citado pelos alunos da escola particular e o 3º pelos alunos da escola pública, indicando aí uma preocupação em comum de todos os alunos, o que vem reafirmar o interesse de que a escola desenvolva um programa de educação sexual.

A preocupação com a violência na escola, esteve presente apenas nas respostas dos alunos da escola pública, provavelmente por viverem esta situação no dia a dia escolar. Já a preocupação com o uso de drogas esteve presente mais na escola particular e menos significativamente na escola pública.

Embora não tenha aparecido nas entrevistas, outro dado significativo que se destaca no quadro é a indicação do problema *homossexualismo*, principalmente pelos alunos do sexo masculino da escola particular

unesp

(20,0%), e da escola pública (13,0%), recebendo a 3ª classificação na freqüência daqueles. Essa preocupação com o homossexualismo, por parte dos meninos, aparece em frases do tipo: *"...tem muito veado na escola"; "...existem também bichas e lésbicas..."; "...só na minha classe tem dois veados."* Em contrapartida aparece a preocupação com o *preconceito ao homossexualismo* por parte das meninas da escola particular, indicando uma reação das meninas frente a esta questão.

Podemos entender que a preocupação com o homossexualismo, em forma de rejeição pelo homossexuais definidos, significa muito mais sua angústia em relação à sua própria identidade sexual, que ainda está num momento de definição, com as correspondentes fantasias ou temores homossexuais tão comuns entre os adolescentes do sexo masculino. Evidencia a luta entre o impulso à diferenciação sexual em contraposição à indiferenciação anterior (**Castellar**, 1990).

Dos trinta e um adolescentes entrevistados, treze eram da escola pública e dezoito da escola particular. Dentre os oito adolescentes da escola pública, com experiência sexual, quatro deles não usaram preservativos nas primeiras relações sexuais. Na escola particular, dez deles já tinham experiências sexuais, dos quais sete se iniciaram sexualmente, sem o uso de preservativo.

Todos eles relataram que conheciam a camisinha como método de prevenção, mas alegaram que "marcaram bobeira", ou por não terem

unesp

previsto que poderia acontecer naquele momento, ou assumem que o constrangimento é muito grande no início, mas que posteriormente passaram a usar o preservativo.

As meninas, quando namoram, iniciam com o preservativo ou sem qualquer outro método de prevenção, seja em relação à gravidez, seja em relação a doenças sexualmente transmissíveis, e posteriormente, conforme os encontros vão ficando mais freqüentes, e o namoro persistindo por mais tempo, iniciam o uso de pílula anticoncepcional e abandonam o uso da camisinha. Evidentemente, estes dados demonstram uma preocupação com a possibilidade de gravidez, já que esta se manifesta de maneira mais imediata do que a Aids, por exemplo. E a gravidez delata uma prática sexual que suas famílias insistem em postergar. Daí a congruência com os dados quantitativos em relação às moças, no quadro que se refere a identificação dos problemas ligados à sexualidade.

Os meninos justificam que suas namoradas tomam pílula e quando não estão envolvidos em namoros e o sexo é feito de forma esporádica, com relacionamentos ocasionais, aí lançam mão do preservativo.

Esses resultados mostram-se semelhantes aos apresentados por **Biancarelli** (1997) na reportagem feita sobre um estudo realizado com 600 adolescentes atendidas na Maternidade Escola Assis Chateaubriand, da Universidade Federal do Paraná, cujo levantamento é de que a maioria das adolescentes que abortam ou têm filhos engravida nas primeiras relações e com o primeiro parceiro sexual. A pesquisa que é coordenada pela médica Zenilda

unesp

Vieira Bruno, constata que a gravidez é sempre inesperada e que metade dessas adolescentes tinham interrompido os estudos quando a entrevista foi realizada.

Podemos destacar enquanto fator de ordem interna que dificulta a chamada prática do 'sexo seguro', algumas características do psiquismo na adolescência, como a impulsividade, a onipotência e a intelectualização, já descritas no início desse trabalho. A impulsividade demonstra que o adolescente não busca intencionalmente, de forma planejada, manter relação sexual; ocorre num ímpeto natural dentro dos relacionamentos como reflexo do intenso fluxo de libido presente neste período e do caráter exploratório que assume a adolescência.

A onipotência leva o adolescente a sentir-se invulnerável e a adotar a filosofia do "não vai acontecer comigo". A intelectualização está presente quando o adolescente se julga bem informado sobre sexualidade, e, imediatamente após, solicitam da escola uma participação em sua formação, não havendo, portanto, correspondência entre conhecimento e os reais sentimentos do adolescente.

Os adolescentes iniciam sua vida sexual dentro de um panorama bastante conturbador, já que permeado de inúmeras mudanças biológicas e psicológicas, traduzidas por inquietudes e peculiaridades, fazendo com que essa iniciação se torne algo ainda mais complexo. Convivem com valores contraditórios que ora estimulam uma vida sexual bastante ativa através dos meios de comunicação, e ora sofrem as pressões de valores conservadores,

unesp

defendidos com bastante vigor por segmentos sociais como a Igreja e a família. Assim, a descoberta de algo prazeroso é permeada por medos e inseguranças, dificultando ainda mais a adoção de práticas de proteção.

B- Escutando os Professores

Na tentativa de compararmos a fonte de informação sobre sexualidade, declarada pelos alunos e pelos professores, quando adolescentes, formulamos um item para os professores perguntando como ele se informava sobre sexualidade na sua adolescência (quadro 11, em anexo).

Constata-se que os pais foram citados apenas uma vez dentre os professores do sexo masculino (22 nas duas sub-amostras), enquanto que em relação às professoras, os pais foram citados por 19,6% das professoras da escola pública e 14,3% das professoras da escola particular.

Nas duas sub-amostras a escola, como fonte de informação, foi mais citada do que os pais, indicando com isto que os aspectos biológicos desenvolvidos pelos conteúdos das escolas, tiveram importância relativamente mais significativa do que os pais no conjunto das informações sobre sexualidade.

Verifica-se porém, que a fonte de informação sobre sexualidade que predominou nas duas sub-amostras e em todos os sexos, foi maciçamente as alternativas amigos e leituras (livros e revistas). Portanto, a maioria desses professores não tiveram como experiência de vida, o diálogo com os pais e poucos percebem, na sua vivência, enquanto estudantes, a escola como lugar de discussão da sexualidade.

unesp

Ao recorrermos às entrevistas realizadas com alguns desses professores, fica demonstrado que a participação dos pais em sua educação foi ainda menor do que o demonstrado quantitativamente.

> *"...na minha geração, não recebemos orientação. Não adianta, os pais não falavam nada. Só tinha aquilo que era proibido, aquilo que não poderíamos nem comentar, que era feio, não podia falar." (Rose)*

> *"Nunca fui orientada. Por exemplo, a primeira menstruação, nada. Nunca minha mãe falava nada." (Regina)*

> *"Minha mãe não conversava sobre isso. Às vezes, eu percebia que ela tinha vontade, mas não conseguia...Minha mãe ficava me mostrando uma cor vermelha e tentando ver se eu adivinhava o que era...Ela perguntava assim, prá mim*: o que acontece quando a gente tem 12 anos e é dessa cor? *Como ela não contava, eu também não contava que veio (menstruação)." (Marli)*

> *"Não houve orientação nenhuma na minha casa. Meus pais são pessoas de pouca cultura". (Jorge)*

> *"Meu pai e minha mãe eram muito religiosos. Embora professor, meu pai, que tinha acesso a leituras, mas não se conversava sobre esse tema." (Renato)*

> *"Acho que como a maioria da minha geração, falava-se muito pouco a respeito. Minha mãe orientou bem em relação à menstruação, os cuidados que deveríamos ter...Agora sobre questões sexuais, propriamente ditas, ela não falava muito não; quer dizer, não falava". (Raquel)*

Outros professores ao falar sobre a ausência de uma educação sexual em casa, a justificavam em razão da maneira como seus pais também não tinham sido educados a este respeito.

unesp

"Não se falava em casa. Então eu pertenço àquela geração onde não havia entrosamento, talvez mais por timidez, um pouco por falta de conhecimento também. Pela própria criação que eles tiveram" (Marta).

"Na minha época, não havia entrosamento entre pais e filhos. Eles também vinham de uma formação que eles acabavam tendo vergonha de falar...pela própria dificuldade com os pais deles." (Sandra)

"Me lembro assim, quando eu tinha 12 anos, minha mãe me falou sobre menstruação, os cuidados higiênicos que deveria ter quando menstruasse. Agora falar sobre sexo, de jeito nenhum. Eu acho que eles faziam o que podiam, há vinte, quinze anos atrás, não se conversava sobre sexo como se conversa hoje." (Rita)

Estas falas nos remetem às seguintes questões: a tese de que quem não discute em casa questões sexuais, como sendo um modelo de educação em família, também não poderiam proporcionar esta discussão agora com seus filhos, exatamente repetindo o modelo que tiveram. Ou seja, a não vivência de uma determinada situação, impossibilitaria a quebra de um modelo. Para **Berger** (1989), os pais têm uma atitude para com seus filhos, diferente da de seus pais, quando ocorre a "morte" dos pais internos, caso contrário continuará reeditando o vivido.

Além desses professores viverem sua adolescência em período que o assunto sexualidade não circulava com a mesma freqüência na mídia, também não encontraram nos pais continência para suas dúvidas e angústias. Embora por vezes os justifiquem, resta em suas falas um ressentimento de quem se viu perdido, impossibilitado de uma maior aproximação, ficando-lhes

unesp

a possibilidade de leituras e troca de informações com amigos, que salientam serem aqueles muito próximos, e com a sensação de estarem falando sobre coisas proibidas.

> *"(...)ficava mesmo restrito às conversas entre colegas. Inclusive, entre aquelas mais chegadas também, amigos mesmo. Segredinhos muito particulares, entre um e outro". (Marta)*

> *"Os amigos comentavam. A gente conversava e era tudo feio. Não podia falar. É isso que acontecia...tinha que ser dito tudo muito escondido".(Rose)*

Então, como estariam lidando com esse assunto junto a seus filhos hoje? As respostas obtidas no quadro a seguir, numa análise mais superficial, estes professores estariam quebrando esse círculo.

Para obter dados referentes a como esses professores pais se viam conversando sobre sexualidade com seus filhos, elaboramos um item onde perguntávamos se ele conversava com os filhos e com que freqüência, cujo quadro, excluídos os professores sem filhos, encontra-se a seguir:

Quadro A . CONVERSA COM OS FILHOS SOBRE SEXO

A.a. Escola Pública

	SEXO (%)		
CATEGORIA	MASC.	FEM.	TOTAL
Sempre	20,0 (2)	17,1 (6)	17,8 (8)
Às vezes	40,0 (4)	8,6 (3)	15,6 (7)
Quando necessário	20,0 (2)	34,3 (12)	312,1 (14)
Quando questionado/solicitado	10,0 (1)	14,3 (5)	13,3 (6)
Surge oportunidade	10,0 (1)	25,7 (9)	22,2 (10)
Base	10	35	45

unesp

A.b. Escola Particular

	SEXO (%)		
CATEGORIA	MASC.	FEM.	TOTAL
Sempre	–	40,9 (9)	32,1 (9)
Às vezes	50,0 (3)	9,1 (2)	17,9 (5)
Quando necessário	33,3 (2)	27,3 (6)	28,6 (8)
Quando questionado/solicitado	16,1 (1)	–	3,6 (1)
Surge oportunidade	–	22,7 (5)	17,9 (5)
Base	6	22	28

Analisando-se o quadro A, há evidências, nas sub-amostras, de que os professores conversam com seus filhos sobre questões sexuais, sendo que para professores do sexo masculino, a resposta que predominou foi a de que às vezes e quando necessário conversam com seus filhos sobre sexualidade. Já em relação às professoras da escola pública o que predominou foi que a conversa em geral ocorre quando elas - as mães - avaliam como necessário, e em segundo lugar quando surge oportunidade.

Para as professoras da escola particular, a resposta mais freqüente foi de que sempre conversam com seus filhos e em segundo lugar foi de quando elas avaliam como necessário. Cabe esclarecer aqui que a avaliação do quando é necessário é de ordem subjetiva e unilateral e está vinculada à transmissão efetuada em conexão com a cultura, já que é a partir de quando os pais entendem como necessário, não indicando nessas respostas uma necessidade a partir do filho.

Portanto, num primeiro momento, estaríamos propensos a dizer que esses professores conseguiram quebrar o modelo do silêncio e passaram

unesp

a conversar com seus filhos, não reeditando a educação sexual que (não) tiveram. Mas ao nos determos nas entrevistas, podemos verificar que a questão é bem mais complexa.

Segundo os depoimentos dos professores nas entrevistas, as conversas com seus filhos giram em torno das orientações relativas à menarca das meninas e os conseqüentes cuidados com a higiene íntima, nesse período. Portanto, muito mais baseadas no desenvolvimento biológico. Quanto aos filhos do sexo masculino, é demonstrado um cuidado e recomendações para que se use o preservativo nas "autorizadas" relações sexuais. Ou seja, fica demonstrado aqui que a queixa dos adolescentes em relação à falta de uma verdadeira comunicação entre pais e filhos, se vislumbra também na falta dos professores-pais. Em nenhum dos depoimentos aparece a transmissão de sua própria experiência, configurando alguma conversa com os filhos, quando a temática é a sexualidade.

> *"Quando eram meninotas o aspecto da higiene, do corpo, em relação à própria saúde...Não adianta só ficar dando conceito disso ou aquilo. Mesmo essa parte da sexualidade, eu não converso assim, eu não abordo o assunto com elas não, eu só converso quando eles procuram." (Marta)*

> *"...orientação sexual pros meus filhos, eu não dou. Eu acho que não dou, mas converso muito com eles. Assim, se aparece na televisão, eu prefiro comentar:* prá que isso? mas que barbaridade!...*Comprei umas camisinhas prá ele, pus lá embaixo das cuecas dele... Ele usa porque na carteira dele sempre tem, mas as que eu coloquei no armário, estão lá." (Rose)*

> *"Ele nunca pergunta nada. Às vezes quando está vendo TV, e ele assiste direto até tarde, surge algum assunto e comento algumas coisas...Mas, na verdade,*

unesp

comigo mesmo ele não conversa sobre esses assuntos. Acho que tem que deixar aparecer a curiosidade, não dá prá ficar dando aulas." (Regina)

"Olha, prá ser sincera, eu não tenho assim muita liberdade prá chegar e começar o assunto...Às vezes quando ela tinha dúvida, eu procurava explicar, mas também eu ia até ali só, era coisa bem técnica mesmo." (Silvia)

Quando o assunto é relação sexual, os professores deixam transparecer que nas conversas com suas filhas, explicitam a preocupação de que elas não engravidem na adolescência, pelos transtornos que isto poderia causar em suas vidas. Para isso, usam como recurso muitos exemplos de adolescentes que conhecem e que engravidaram.

São sempre conversas no sentido de empurrar para o mais longe possível a iniciação sexual das filhas, mas raramente explicando-lhes quais as formas de se prevenirem.

Concordamos com **Soifer** (1983) e identificamos aqui o que ela postula, quando afirma que os pais transmitem a seus filhos seus conhecimentos de acordo com as possibilidades psicológicas reais que possuem, já que a transmissão de ensinamento a seus filhos depende da possibilidade de encontrar, em sua própria experiência, o equivalente daquilo que estão ensinando.

Neste sentido, identifica-se aí que muitas das características de sua própria adolescência vêm à tona nesse período e se confundem com aspectos psicológicos e ações semelhantes às da filha adolescente, tais como

unesp

ambivalências, atuações, decorrentes de suas atuais mudanças físicas, de vitalidade, que começam a ser sentidas.

O modelo que receberam de seus progenitores, a possibilidade de questionar-se e modificar, se necessário, o modelo recebido também vai determinar se aprenderam a enfrentar uma determinada situação evolutiva - no caso a adolescência e suas vicissitudes - para poder ensinar a seus filhos. Portanto, se os pais não se acham em condições de apoiar o filho em suas conquistas, porque eles tiveram experiência frustrada a esse respeito, também pouco poderão fazer para o desenvolvimento psicossexual de seus filhos, que lhes solicitam uma atuação mais completa.

Apenas uma professora-mãe deixou claro que nas conversas com sua filha, admite a possibilidade real de que isto aconteça, e o que fazer para que as conseqüências não sejam indesejáveis.

> *"Eu converso. Por exemplo, sobre Aids eu já expliquei. Eu procuro usar uma linguagem bem simples. Nada de pênis, vagina, eu falo pinto, xereca...Chego na minha filha e falo que quando chegar a hora de ter relação sexual, que ela exija camisinha e que deve ir ao médico prá se orientar. No caso do meu filho, digo a ele prá nunca transar sem camisinha...Falo prá minha filha que ela não deve transar logo que começa a namorar, que deve dar um tempo, senão ela vai sofrer depois. Explico que a menina não deve ser muito fácil...Nem os meninos gostam de menina assim." (Teresa)*

Embora esta mãe até oriente sobre os métodos preventivos de gravidez e DST's diante da possibilidade de sua filha um dia vir a ter relações sexuais com o namorado, ao mesmo tempo ela divulga um padrão duplo de

unesp

moral. O filho (que é homem) pode, desde que use a camisinha; já a filha (mulher), além desse cuidado, deve atender a mais outros critérios, ou seja, postergar ao máximo sua iniciação sexual, transmitindo com isso seu ideal de mulher.

O argumento então de que seus pais não poderiam discutir sexualidade em casa, porque "naquela época" não se falava sobre esse assunto, cai por terra. Hoje o assunto está à solta e esses professores se dizem inteirados dessa questão, mas ao mesmo tempo isto não é condição suficiente para que se sintam confortáveis ao abordar esse tema junto a seus filhos.

Alguns professores, na tentativa de se livrarem do julgamento de incompetentes (pura projeção), enquanto pais, afirmam terem então quebrado a lei do silêncio, e ao realizarem o que julgam ser sua função, fazem-na ainda transmitindo valores culturais, portanto assimilados pela família, onde a questão do gênero (masculino-feminino) perpetuam o desenvolvimento das relações amorosas dentro de uma determinada ordem social estabelecida.

Giddens (1993, p.61) nos lembra que a "perda da virgindade" para o rapaz é uma expressão imprópria, já que sua primeira experiência sexual é encarada como um ganho, uma adição; já para as garotas, a virgindade é ainda considerada como uma entrega. Ou seja, para as meninas "***a questão não é realizá-la ou não como parte da experiência sexual precoce, mas como escolher o momento e a circunstância certos***".

Para verificarmos se os professores, em geral, são receptivos aos questionamentos dos alunos, sobre sexualidade, formulamos um item onde

unesp

ele respondia se era solicitado pelos alunos a discutir questões ligadas à sexualidade (quadro 12, em anexo).

Os dados das sub-amostras não revelam diferenças significativas. De um modo geral, em ambos os sexos, metade ou quase a metade, recebem abordagem dos alunos sobre o assunto sexualidade.

A pergunta incluía justificativa para as respostas, ou seja, em relação aos professores que responderam *não*, apenas 20% justificou sua resposta, alegando que este assunto não cabia no conteúdo, enquanto que a grande maioria dos que deram esta resposta, deixaram a justificativa em branco. Já os professores que responderam *sim*, justificam que as questões mais elaboradas pelos alunos são, por ordem de freqüência: gravidez, aids, aborto, métodos anticoncepcionais, homossexualismo; e citados, embora com baixa freqüência: masturbação, virgindade, limites nos relacionamentos com namorados.

Um dado que nos chama a atenção é que apareceu, citado por 5 professores, a virgindade, como sendo assunto abordado pelos alunos, quando nenhum dos alunos pesquisados citou este conceito em qualquer momento das respostas às entrevistas fechadas, embora algumas alunas tenham expressado essa preocupação quando da realização das entrevistas, não sob a forma de problema, dificuldade ou interesse no assunto, mas uma preocupação em omitir dos pais, quando já não eram mais virgens. Provavelmente por

unesp

apreenderem que isto para os pais tem um significado diferente do que para o adolescente de hoje.

Tanto para os pais desses adolescentes, como para os professores (que também são pais de adolescentes), a questão da virgindade denuncia resquícios da cultura familiar, portanto, o arcaico dentro de cada um.

Esses resultados nos poderiam, então, dar idéia de que praticamente metade dos professores conversam com seus alunos sobre assuntos ligados à sexualidade, mas quando da realização das entrevistas, em que pudemos nos aprofundar e esclarecer esta questão, o panorama sofre uma alteração. Ora os professores alegam que os alunos são muito tímidos, ora se justificam como não sendo de sua competência.

São poucos os professores que realmente são procurados pelos alunos. Quando o conteúdo ministrado por esses professores está ligado à disciplina de Ciências ou Biologia, são questionados pelos alunos, para maiores e melhores esclarecimentos, sobre os aspectos biológicos inerentes ao próprio conteúdo.

Foram duas as professoras (Luísa e Solange), de Português e Educação Artística, respectivamente, que ao relatarem como são abordadas pelos alunos, nos deram a dimensão da confiança que os alunos lhes depositam, embora os motivos da procura não estejam estritamente ligados às questões sexuais, mas sim aos problemas que em geral, afligem os adolescentes de suas escolas.

unesp

"Eles conversam muito. Eles vêm falar de namorado, sobre relacionamento. Eles contam o que está se passando com eles. Até sobre drogas...na verdade, quando eles vêm contar que estão usando drogas, eu acho que eles estão querendo ajuda. Converso muito. Tanto na aula, como fora. E é interessante, porque as meninas, principalmente, ficam na maior atenção, absorvendo tudo que é dito. E dá dó porque você vê que a maioria não tem conhecimento nenhum." (Solange)

"As conversas que tenho acabam sendo mais particulares, porque na sala mesmo, não acontece. Neste ponto estou sempre disponível. Em geral, são questões mais de ordem afetivas, de namoro. Eu sempre oriento prá tomar cuidado...Agora, sexo mesmo, acho que nunca procuraram...." (Luisa)

Foi perguntado aos professores se eles gostariam que na escola de seu filho existisse um programa de educação sexual. Não apresentaremos quadro sobre esta questão, já que apenas 2 professores, do total dos pesquisados, não deram *sim* como resposta. Desses dois professores, um justificou que dependeria muito de um preparo adequado dos professores ou só se fosse contratado especialista no assunto, porque os professores da escola não estão preparados para assumirem esse papel; já o outro professor que respondeu *não*, justificou que não via necessidade. Ambos os professores eram do sexo masculino, da escola particular. Todos os demais (94 professores) que responderam *sim*, justificaram suas respostas, conforme dados abaixo, segundo a categorização feita das respostas: complementar (acrescentar ou complementar a orientação dada pela família); suprir (suprir a falta de orientação em casa por inibição dos pais ou dos filhos em falar sobre o assunto); confiável (que os

unesp

conhecimentos através da escola, seriam corretos, sem distorções e livres dos valores morais e religiosos); especialista (desde que seja por profissionais competentes e especialistas no assunto).

Quadro B. EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA PARA OS FILHOS

B.a. Escola Pública

	SEXO (%)		
CATEGORIA	MASC.	FEM.	TOTAL
Complementar	8,3 (1)	26,1 (12)	22,4 (13)
Suprir	–	15,2 (7)	12,1 (7)
Confiável	50,0 (6)	19,6 (9)	25,9 (15)
Especialistas	–	17,4 (8)	13,8 (8)
Em branco	41,7 (5)	21,7 (10)	25,9 (15)
Base	12	46	58

B.b. Escola Particular

	SEXO (%)		
CATEGORIA	MASC.	FEM.	TOTAL
Complementar	25,0 (2)	50,0 (14)	44,4 (16)
Suprir	–	7,1 (2)	5,6 (2)
Confiável	37,5 (3)	17,9 (5)	22,2 (8)
Especialistas	12,5 (1)	7,1 (2)	8,3 (3)
Em branco	25,0 (2)	17,9 (5)	19,4 (7)
Base	8	28	36

Obs: dois professores - sexo masculino - não foram computados nesse quadro por terem respondido negativamente a este item.

O quadro B revela diferenças entre as sub-amostras e entre os sexos. Para metade dos professores da escola pública, a confiabilidade nos conhecimentos que a escola pode transmitir (50% das respostas), quase se

unesp

equipara aos que deixaram em branco a justificativa (41,7%). Já para as professoras da escola pública há uma distribuição quase homogênea entre as diferentes justificativas, destacando-se apenas a justificativa da orientação sexual na escola enquanto complementação da educação sexual proporcionada pela família (26,1%).

Na escola particular, metade das professoras, consideram importante a educação sexual na escola para seus filhos, como complementação da orientação familiar. Para os professores a justificativa que predominou foi da escola como um espaço e profissionais confiáveis para o desenvolvimento de um programa de educação sexual.

De qualquer maneira, para complementar, suprir ou por ser o espaço adequado, afinal estas justificativas não são incongruentes, os professores das duas sub-amostras, acreditam que seria interessante o desenvolvimento de um programa de educação sexual nas escolas de seus filhos.

Foi perguntado também aos professores se achavam interessante a execução de um programa de educação sexual nas suas escolas: no 1° e 2° graus, só no 2° grau; ou nenhum.

Mais uma vez não apresentaremos quadros, já que 92 professores responderam que no 1° e 2° graus e apenas 4 professores (2 da escola pública e 2 da particular) assinalaram outra alternativa: 2 professores responderam em nenhum grau e justificaram suas respostas em razão da ausência deste programa no currículo escolar, e 2 professores responderam que só no 2°

unesp

grau, por ser nessa fase que o jovem desperta para a sexualidade e o conseqüente interesse pelo parceiro.

Quanto aos 92 professores que responderam que seria interessante no 1º e 2º graus, usaram as mesmas justificativas empregadas para explicar o porque gostariam que na escola de seus filhos tivesse orientação sexual. Assim, consideramos desnecessária a apresentação de quadros, já que se repetem. Isto indica que houve uma coerência dos professores ao desejarem para os adolescentes, em geral, o que percebem como positivo para seus filhos.

Apesar de sabermos com antecedência, através dos contatos com os diretores, que não havia em nenhuma das escolas públicas, um programa de educação sexual sendo desenvolvido, 4 professores dessa sub-amostra, responderam que havia um programa de orientação sexual sendo desenvolvido em sua escola. Quando solicitados a explicar como tal trabalho era desenvolvido, dois deles deixaram em branco e os outros dois explicaram que o conteúdo era desenvolvido pelos professores de Ciências, pois fazia parte do conteúdo da disciplina (nenhum deles era professor da referida matéria).

Na sub-amostra da escola particular também fomos informados, pela direção, de que não havia um programa sendo desenvolvido pela escola. O que havia, segundo os diretores, eram psicólogos nas escolas que, através da disciplina Psicologia, ou em conjunto com os professores de Ciências e Biologia, tentavam discutir e esclarecer dúvidas apresentadas pelos alunos - seja através dos conteúdos das aulas (aula de Psicologia), seja através de respostas a questões que os alunos formulavam e colocavam numa caixinha, sem

unesp

necessidade de se identificar (aula de Ciências e Biologia).

Apesar desse esclarecimento, três professoras da escola particular (uma de Língua Portuguesa, uma de Matemática e uma de Psicologia), responderam que sim, que havia um programa na escola. As professoras de Português e Matemática explicaram que o programa era desenvolvido pelos professores de Ciências e Biologia, através dos conteúdos das disciplinas, e a professora de Psicologia respondeu que por ela mesma, através de discussões, seminários e debates.

Estes dados revelam, inclusive, que não há um consenso do que seja um programa de educação sexual na escola, tanto para os alunos como até mesmo os próprios professores, já que confundem informações de natureza biológica sobre a sexualidade e as questões mais complexas que envolvem o tema, portanto, a definição do que seja educação/orientação sexual.

Quando perguntados sobre sua opinião de como um trabalho de educação sexual deveria ser desenvolvido, as propostas apresentadas, após categorização das mesmas, encontram-se no quadro abaixo:

Quadro C. COMO DESENVOLVER PROGRAMA

C.a. Escola Pública

	SEXO (%)		
CATEGORIA	MASC.	FEM.	TOTAL
Profs. Ciências / Biologia	8,3 (1)	2,2 (1)	3,4 (2)
Profs. Treinados / sob coordenação	8,3 (1)	32,6 (15)	27,6 (16)
Especialistas	66,7 (8)	52,2 (24)	55,2 (32)
Projeto do Estado	8,3 (1)	2,2 (1)	3,4 (2)
Família	–	–	–
Em branco	8,3 (1)	10,8 (5)	10,3 (6)
Base	12	46	58

unesp

C.b. Escola Particular

	SEXO (%)		
CATEGORIA	MASC.	FEM.	TOTAL
Profs. Ciências / Biologia	–	7,1 (2)	5,3 (2)
Profs. Treinados / sob coordenação	50,0 (5)	46,4 (13)	47,4 (18)
Especialistas	20,0 (2)	28,6 (8)	26,3 (10)
Projeto do Estado	–	–	–
Família	10,0 (1)	3,6 (1)	5,3 (2)
Em branco	20,0 (2)	14,3 (4)	15,8 (6)
Base	10	28	38

O quadro C nos revela que para a maioria dos professores da escola pública, o projeto deveria ser desenvolvido por profissionais especialistas no assunto (são citados principalmente psicólogos e em segundo lugar, profissionais da saúde em geral). Em segundo lugar, pelas respostas das professoras, estão os professores da própria escola, desde que treinados/preparados, através de atividades contínuas, e com a coordenação e/ou supervisão de um profissional especialista.

Pelos depoimentos, os professores percebem que a escola no atual momento, não apresenta condições de realizar sozinha este trabalho. A expectativa é de que profissionais de fora da escola possam contribuir, assumindo a questão ou integrando a escola e auxiliando os docentes no desenvolvimento e execução de um programa.

> *"Acho que deveria fazer parte do currículo...Só que deveria ser dado por alguém que tivesse um preparo mesmo, aprofundado, aí cobrindo a parte sexual mesmo. Acho que esse espaço tinha que ser criado pela própria escola, independente de uma proposta de cima pra baixo..." (Silvia)*

unesp

"...o professor sozinho vai até uma parte...Um orientador junto, programando, fazendo palestras...dividindo as questões com os professores...Não pode ser uma coisa assim jogada para o professor. Mas também tem que ter cobrança de trabalho, porque a gente sabe que tem professores que não estão nem aí." (Marli)

"A gente não sabe de que maneira vamos fazer isso aqui. Eu levo a classe, vou tentando. Você acredita que na situação que estamos hoje, a escola não conta com psicólogos, orientadores. Dá pra acreditar num negócio desse?" (Marcia)

A grande maioria dos professores da escola pública entrevistados, colocaram-se na condição de quem se preocupa muito com o assunto e que poderiam contribuir, desde que encontrassem apoio para suas atuações. O que os educadores solicitam é que eles também encontrem continência em um outro profissional/humano para que possam se libertar de suas dúvidas e se sentirem amparados na sua prática. Temem que essa tarefa lhes seja cobrada, imposta dentro do sistema educacional, sem que lhes ofereçam condições de refletir sobre que caminhos estarão percorrendo.

"...vindo alguém pra poder dar este tipo de palestra, sem moralismos, eu acho que ajuda muito eles (os adolescentes). Só sei que deveria ser por pessoa que já tenha habilidade nisso aí. Fica difícil para o professor da escola." (Teresa).

Por não entender que os professores sejam capazes de uma maior apreensão em relação aos problemas do adolescente, a professora coloca a solução como estando na vinda de profissionais especializados que não fazem parte da escola, como sendo esses os mais preparados para lidar com a questão da sexualidade. Em outras palavras, esta professora está dizendo que não con-

unesp

seguiria assumir essa função, não se sentindo capacitada para lidar com esta questão, preferindo que a responsabilidade seja atribuída a quem não faz parte da escola, eximindo-se assim dessa tarefa, que sente tão difícil.

Além das dificuldades individuais de cada um para lidar com questões sexuais, resultantes de seus próprios conflitos na área da sexualidade, deve-se considerar também as dificuldades oriundas do viver em uma sociedade onde a família e subjetividade evidenciam constantes transformações.

Enfim, quando os professores falam de suas dificuldades para assumir este papel, entendemos como perfeitamente compreensível, já que ao relatarem sua vivência a respeito da educação sexual que dão para seus filhos, deixam transparecer o transtorno que lhes causa a possibilidade de entrar em regressão parcial para buscar em sua própria experiência, o equivalente daquilo que lhe cobram e que deveria ensinar. A possibilidade desse professor modificar-se exige a transposição de um modelo autárquico, fato este que se torna mais complexo numa estrutura escolar que ainda está reeditando junto a seus humanos, um modelo arcaico.

Para os professores da escola particular, na sua maioria, o programa deveria ser desenvolvido pelos professores em geral que, por sua vez deveriam ser capacitados/preparados por e sob a coordenação de um especialista. Em segundo lugar, citam o especialista em sexualidade, tais como psicólogo e médicos, para desenvolverem o projeto, através de atividades como palestras, conferências. Parece-nos que aqui se contrapõe a fala dos alunos à fala dos

unesp

professores, já que os primeiros necessitam falar do invisível, do subjetivo, enquanto que os professores demonstram em seus depoimentos, ao citar os especialistas, psicólogos e médicos, um pedido no nível do concreto.

Nos depoimentos dos professores da escola particular, parece haver uma maior disposição para aceitar a educação sexual como um programa a ser desenvolvido pela escola, e subjacente a isto, uma maior disponibilidade até para integrar este projeto, embora sempre salientando a importância de uma assessoria e uma política definida pela escola. Muitos professores sugerem que esta política esteja avalizada pelos pais, num compromisso mútuo com a escola. Embora sem desconsiderar que num primeiro momento, essa responsabilidade de educação sexual caiba à família.

> *"Deveria ter na escola sim, acho que seria muito importante. Só que tem umas condições pra isso. Por exemplo, o professor deveria passar por um treinamento muito rigoroso. Acho muito importante a educação sexual nas escolas, mas com treinamento, supervisão, discussão desses professores com psicólogos. Acho que existe sim uma saída, desde que o professor seja uma pessoa treinada..." (Renato)*

> *"...seria muito interessante que tivesse um programa mesmo, com orientação de uma pessoa especializada, que nos desse cursos. Eu não sei se com todos os professores, mas pelo menos com os de Ciências, Biologia e aqueles que se interessarem, aqueles que os alunos se sentem mais à vontade para perguntar..." (Solange)*

> *"...pra entrar mesmo nos assuntos ligados à sexualidade, comportamento sexual do adolescente, teria que ter profissionais tipo psicólogo, aqui na escola. Até tem psicólogo, mas assim, dão aula de Psicologia. O que quero*

unesp

dizer é que deveria ter psicólogos na escola, contratados para discutir isso com os alunos, ou para discutir com os professores, de maneira que a gente tivesse um respaldo prá chegar na sala de aula e falar as coisas." (Sandra)

"Tem que orientar sim...e não precisa ser professor de Biologia não. O professor de Língua Portuguesa também...Veja, o professor de História, por exemplo, ele pode explicar como Cleópatra teve dois amantes, sem engravidar. Aproveita e explica a origem da camisinha...Se você dá aula de Geografia e vai falar sobre densidade demográfica, controle de natalidade, surge mais uma oportunidade para tratar do assunto." (Angélica)

Os professores da escola particular, por partirem do pressuposto de que haveria um compromisso mútuo entre família e escola, sendo avalizados pela primeira, dão a impressão de se sentirem um pouco mais confortáveis discutindo a educação sexual na escola. Parece não haver o temor de um programa imposto pelos órgãos oficiais, sem que ele seja devidamente delimitado pelo contrato entre escola e família.

Na sugestão oferecida para indicarem temas e freqüência do programa, os professores, em geral, não se manifestaram. Com isto, podemos entender que tendo um especialista ou professores preparados sob a supervisão de um especialista, os demais subitens da questão, estariam resolvidos através da aplicação do conhecimento de alguém capacitado para isso.

A última questão que formulamos foi para que os professores citassem os problemas ligados à sexualidade, que ocorrem na sua escola.

unesp

Quadro D. PROBLEMAS LIGADOS Á SEXUALIDADE

D.a. Escola Pública

	SEXO (%)		
CATEGORIA	MASC.	FEM.	TOTAL
Falta de informação/orientação	33,3 (4)	32,6 (15)	32,8 (19)
Gravidez	58,3 (7)	55,2 (30)	63,8 (37)
Drogas	16,6 (2)	6,5 (3)	8,6 (5)
Falta de Prevenção	16,6 (2)	17,4 (8)	17,2 (10)
Aborto	–	10,9 (5)	8,6 (5)
Namoros escandalosos	–	15,2 (7)	12,1 (7)
Homossexualismo	–	10,9 (5)	8,6 (5)
Preconceitos e Tabus	–	–	–
"Ficar" sem responsabilidade	25,0 (3)	21,7 (10)	22,4 (13)
Em branco	33,3 (4)	19,6 (9)	22,4 (13)
Base	12	46	58

D.b. Escola Particular

	SEXO (%)		
CATEGORIA	MASC.	FEM.	TOTAL
Falta de informação/orientação	40,0 (4)	50,0 (14)	47,4 (18)
Gravidez	50,0 (5)	42,8 (12)	44,7 (17)
Drogas	–	–	–
Falta de Prevenção	10,0 (1)	7,1 (2)	7,9 (3)
Aborto	–	–	–
Namoros escandalosos	–	21,4 (6)	15,8 (6)
Homossexualismo	–	14,3 (4)	10,5 (4)
Preconceitos e Tabus	10,0 (1)	25,0 (7)	21,1 (8)
"Ficar" sem responsabilidade	10,0 (1)	28,6 (8)	23,7 (9)
Em branco	30,0 (3)	10,7 (3)	15,8 (6)
Base	10	28	38

unesp

Pode-se verificar no quadro D, que os três problemas mais citados, pelos professores, recebem a seguinte classificação por ordem de freqüência com que apareceram em suas respostas: gravidez, falta de informação e o "ficar" (que descrevem como uma forma de relacionamento sem responsabilidades). Também apareceram com uma certa freqüência a preocupação com falta de prevenção da Aids, principalmente pelos professores da escola pública; preconceitos e tabus, principalmente pelos professores da escola particular; e preocupação com namoros muitos avançados e/ou escandalosos na escola, apenas pelas professoras - tanto da escola pública, como da particular -, sendo que este item não apareceu citado pelos professores.

Enquanto nas respostas dos professores apareceu, de maneira significativa, a preocupação com o "ficar", para os alunos adolescentes esta forma de relacionamento não chegou a ser mencionada em nenhum momento como sendo problema, na sua avaliação.

Vejamos como os professores se manifestam nas entrevistas a respeito dos problemas que identificam junto aos adolescentes.

> *"Aqui mesmo na escola, a gente vê que as meninas não se cuidam, não se valorizam. Praticamente, elas se jogam para os meninos (...) ficam no corredor, nas escadas, se oferecendo mesmo. Parece que não se respeitam, não têm reserva nenhuma (...) É um absurdo como elas não são discretas, nada reservadas, são totalmente oferecidas, não se respeitam (...) É uma barbaridade o número de casos de gravidez e aborto(...) Teve um caso de uma menina que chegou a introduzir aqueles talos de capim prá provocar aborto(...) Acho que tudo isso é falta de orientação". (Regina)*

unesp

Na fala dessa professora estão presentes vários dos itens identificados pelos professores em geral, como problemas ligados à sexualidade junto aos adolescentes: falta de informação, gravidez, aborto, meninas que não se respeitam. O que nos chama a atenção em seu depoimento é a ênfase que dá à transparência das manifestações de interesse sexual. Mostra-se extremamente chocada com a explicitação da sexualidade testemunhada, dando a entender que se fosse de uma forma velada, poderia, ou seja, adotando a filosofia do "dentro de quatro paredes tudo pode" ou "só por debaixo dos panos". O que ela não suporta é ver as manifestações da sexualidade em público (o que ela não pôde fazer quando adolescente, já que seus relacionamentos não puderam ser públicos, por interdições culturais-familiares).

> *"...a gente vê meninas que tomam pílulas, mas tomam pílula só naquele dia que vai transar. É uma total desinformação (...) Eu acho que tinha que resgatar, principalmente nas meninas, o amor próprio, porque elas estão muito envolvidas com o que o outro pensa, o que o outro acha (...) Eu vejo até na minha casa (...) Eles não sabem defender aquilo que quer, o que pensa, é o grupo que define e vão no embalo (...) Eu acho que é a ausência da família (...) uma desagregação familiar muito grande (...) Se a família não suprir e a escola não servir para ele (o adolescente), ele vai procurar um outro caminho, paralelo a esses dois". (Silvia)*

A professora demonstra sensibilidade na compreensão dos dinamismos da adolescência, isto é, a continência não encontrada na família ou na escola, que impulsiona o jovem na busca de outras fontes. Compreende que o adolescente precisa de espaço para minimizar suas angústias, resultantes de toda transformação pelas quais passa nesse processo evolutivo. A escola que

unesp

desempenha o papel de continuador da função familiar na díade ensino/aprendizagem, também não está preparada no momento para enfrentar estas questões.

> *"Eu acho que o pessoal hoje é muito fraco. Eles são muito bitolados. A discussão entre eles não apresenta argumento nenhum (...) eles tem um papo babaca. Eles falam que as meninas não estão com nada (...) Não sei se não gostam de mulheres, ou o que está acontecendo (...) É tudo muito assim: se a menina aceitou, bem; se a menina não aceitou, não tem batalha nenhuma, não tem conquista (...) A gente discutia filmes, política, uma série de assuntos. Não era assim, vai lá e puf...Isso era conseqüência de uma conquista, de uma batalha. Então tinha um sabor especial. Parece que hoje é tudo muito insípido". (Renato)*

Em outras palavras, este professor está dizendo: ah! se eu tivesse a vitalidade e o desimpedimento desses jovens, quantas coisas eu faria, quantas mulheres eu conquistaria, como meu mundo é insípido. Ele fala de um adolescente de hoje no topo de seus quase quarenta anos. Em seu discurso deixa transparecer sentimentos nostálgicos de uma adolescência que já foi. Sente sua maturidade num tempo presente onde já não é mais possível fazer conquistas, projetando no jovem de hoje a incapacidade de batalhar por coisas que desejam, chegando a colocar em questão a tal da *macheza*.

Enfim, as falas dos professores vão da nostalgia ao saudosismo autoritário. As queixas são gerais: os alunos são indisciplinados, os pais não impõem limites, as meninas são muito oferecidas. As questões colocadas tanto pelos adolescentes como pelos professores vão do político, na medida em que as relações democráticas (igualitárias) vão se estendendo principalmente na

unesp

família e na escola, ao ético, no que diz respeito à crise de valores. E não é o retrocesso, como a volta do autoritarismo paterno em relação aos filhos e dos professores em relação aos alunos que garantirão o chamado restabelecimento da ordem. Porém, a organização democrática da sociedade como um todo, pressupõe a existência de leis para sua própria configuração.

Alguns dados sobre o adolescente, aqui apresentados, são concordantes com os que temos acompanhado também em outras pesquisas. Para citar algumas dessas pesquisas: nossa própria dissertação de mestrado, em 1990, já indicava que os jovens universitários possuíam informações suficientes para a prevenção da Aids, porém não eram efetivamente colocadas em prática. **Abrão** (1994) em pesquisa de iniciação científica, sob a orientação da Dra. **Claudete Ribeiro**, na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Assis, bem como **Diaz Montenegro** (1994), já relatavam em suas pesquisas um *hiato* entre o "saber" e o "agir" de adolescentes, em trabalhos com adolescentes do 2º grau e com jovens iniciando curso superior na Unicamp, respectivamente. **Zampieri** (1996) já alertava para a necessidade de articular aspectos cognitivos e conativos na educação preventiva da Aids. **Almeida** (1995), em pesquisa de iniciação científica, na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Assis, sob a orientação da Dra. **Ilda A. Caruso,** desenvolveu trabalho junto a adolescentes das escolas públicas e particulares, demonstrando a dificuldade da comunicação intra-familiar no que diz respeito às questões da sexualidade.

Portanto, os resultados apresentados até aqui, em parte são concordantes com esses outros trabalhos, e em parte apresentam aspectos novos,

unesp

inerentes ao nosso objeto de estudo, qual seja, a introdução da instituição escolar nas expectativas dos adolescentes e como eles percebem a participação dos professores no desenvolvimento de um programa de educação sexual.

Em relação ao estudo junto aos professores, por apresentarem dados que não foram objeto de estudo de outros trabalhos, serão a seguir analisados em confronto com os dados obtidos junto aos adolescentes para que possamos, então, compreender como se coloca esta realidade e tentarmos articular uma forma de trabalho.

unesp

"...houve épocas em que a vocação específica do educador, do professor, não existia e não era necessário que existisse. Um mestre vivia - fosse filósofo ou ferreiro;

os seus companheiros e aprendizes viviam com ele;

aprendiam o que lhes ensinava com o seu trabalho manual ou intelectual, mas aprendiam também, sem que uns nem outros com isso se preocupassem, aprendiam sem dar por isso, o mistério da vida na pessoa: o Espírito visitava-os."

Martin Buber

In: "Professores para quê?"
de Georges Gusdorf

unesp

VIII - UM ENCONTRO NO DESENCONTRO

Quando nos propomos a analisar as questões psicossociais envolvidas na sexualidade do adolescente - fase evolutiva de tantas possibilidades - o fazemos numa circunstância onde cai sobre nós a peste, a praga: a Aids. O vírus que vem penetrando em nossos trabalhos, nossas casas, nossas escolas.

Analisar a instituição escolar no que diz respeito à capacitação profissional do corpo docente para lidar com a questão da sexualidade a partir da construção pessoal da própria sexualidade, é falar de uma geração que cresceu sob os auspícios da ciência e da tecnologia, da chamada revolução sexual, da pílula, da era do "paz e amor", mas que traz junto a agonia dessa visão de mundo chamada modernidade.

Diante desse panorama é que procuramos verificar expectativas, divergências e convergências entre o que pensam os alunos e os educadores.

Abordamos basicamente os mesmos tópicos nas entrevistas de professores e alunos; buscávamos entender quão próximos, nos seus interesses em relação à educação sexual, estavam estas duas gerações, para empreenderem juntos uma proposta que tem sido insistentemente assinalada como uma saída possível para conter a epidemia da Aids.

Para discutir esse aspecto elegemos basicamente três tópicos: 1)- como foi para os professores e como está sendo para os adolescentes a questão da educação sexual em família; 2)-onde os primeiros costumavam e onde

unesp

os segundos costumam se informar mais sobre questões ligadas à sexualidade; e 3)-o que pensam sobre a possibilidade e como deveria ser um programa de educação sexual que fosse desenvolvido pela escola.

Metade dos adolescentes da escola pública afirmam que não recebem orientação sexual em casa, os amigos são os mais eleitos para uma conversa sobre questões sexuais. Embora entendidos pelos adolescentes como insuficientes, consideram importantes os conhecimentos adquiridos nas aulas de Ciências.

No que diz respeito à orientação sexual em casa, percebe-se que existem três tipos de entendimento dessa questão por parte dos adolescentes: pais que não orientam, pais que orientam abertamente e pais que falam sobre sexo somente no sentido de advertência.

Aqueles que não orientam, evitam falar sobre o assunto em qualquer hipótese, não se mostram abertos às questões. Dentre esses, os adolescentes se referem a pais de idades mais avançadas e àqueles que foram educados de forma mais rígida e conservadora. Esses adolescentes deixam muito claro seus desejos de que pudesse existir em suas casas uma orientação mais aberta e um diálogo mais franco com os pais. São poucos os que preferem a situação tal como se encontra, e ainda assim se justificam em razão de constrangimentos neste tipo de diálogo. E este constrangimento não ocorre por outra razão que não a cristalização da dificuldade de diálogo, provavelmente por repressões anteriores.

unesp

Os pais que orientam, por sua vez, o fazem de forma clara e aberta, tomando a iniciativa de orientá-los sempre que consideram necessário, e se colocando à disposição para esclarecimentos de qualquer dúvida. Esses adolescentes afirmam que isto vem favorecendo seu desenvolvimento num sentido geral e facilitando suas descobertas.

A terceira categoria engloba aqueles pais que raramente falam sobre sexualidade e Aids e que, quando o fazem, se limitam a advertir sobre os perigos de uma gravidez indesejada ou da contaminação com o HIV.

Não ficou claro em nosso trabalho, se há relação significativa entre o nível socioeconômico cultural dos pais e o tipo de orientação que estes oferecem aos filhos, isto é, o nível mais alto de instrução e poder aquisitivo nem sempre é garantia de maior abertura e diálogo.

Os pais estão despreparados para tratar desse assunto com os filhos. Às vezes, o adolescente até quer contar a eles sobre suas experiências mas muitos não querem ouvir ou fantasiam ter uma eterna criança dentro de casa.

Em relação à orientação sexual nas escolas, o que estas oferecem, quando muito, é um conteúdo voltado para o aspecto bio-fisiológico da sexualidade e Aids. Estudam-se os aparelhos reprodutores masculino e feminino, doenças sexualmente transmissíveis, mas raramente se abordam as questões afetivas e emocionais envolvidas no desenvolvimento físico, questões do relacionamento afetivo e a iniciação sexual.

unesp

No entanto, o que o adolescente espera é que tanto os pais como os professores possam falar de uma sexualidade a partir de suas próprias experiências. Esperam que a comunicação vá além da informação teórica, seca e fria, e que possam ser transmitidas além de ideais de papéis sexuais. Procuram identificar-se com professores que eles percebem como podendo transmitir o que **realmente sabem**, ou seja, aquilo que é dito a partir de sua experiência. Lembramos aqui **Berger** (1989), que, com o objetivo de encontrar e minimizar a oposição tanto do vivido-contado, quanto do interpretado-construído, usa como instrumento de investigação clínica a reconstrução histórica.

Neste sentido, a transmissão do conhecimento a partir da própria experiência, possibilita a passagem do "*quando eu era adolescente*" para "*o adolescente que existe em mim...*", e com isso a mudança de paradigma, deixa transparecer, então, conflitos internos da ambivalência referente aos desejos, aos medos e às proibições.

No que diz respeito à iniciação sexual, entre aqueles que já mantiveram relações sexuais, a maioria das garotas e dos rapazes que tiveram suas primeiras experiências sexuais, contrariando qualquer orientação, não usaram preservativo. Em contrapartida, aqueles que nunca tiveram uma relação sexual, afirmam que não o fizeram por não se sentirem preparados; não consideram o momento adequado ou por não terem encontrado ainda a "pessoa certa", isto é, alguém em quem pudessem confiar e se sentirem amados.

unesp

Cultivando a idéia do amor romântico no que se refere à intimidade sexual, privilegia-se a busca da auto-identidade a partir da descoberta do outro, o que complementaria um indivíduo fragmentado no nível psicológico. A necessidade de um outro está ligada à aceitação da incompleteza, ou seja, o ser humano inacabado por excelência, procura o outro por não se bastar por si só. E como toda sociedade prescreve leis relativas ao incesto, o indivíduo é impulsionado a se unir sexualmente com um parceiro do exogrupo. Portanto, a escolha de um objeto sexual exogâmico permite uma saída conveniente para o Complexo de Édipo e a proibição do incesto (**Eiguer**, 1989).

Especialmente para a mulher, a idéia de que sem o outro não se fica inteiro emocionalmente, faz com que ela acabe por submeter-se a um companheiro não confiável enquanto parceiro sexual, com receios de questioná-lo e, conseqüentemente, perdê-lo. Não é sem fundamento que vem aumentando o número de pessoas do sexo feminino com Aids. Portanto, muitas vezes, o risco de ficar sem sua parte complementar, o parceiro, pode ser maior do que o risco de contaminar-se por alguma doença sexualmente transmissível.

Nossas jovens adolescentes podem estabelecer a relação que fazer sexo com um novo parceiro pode significar o começo de um encontro idealizado, um futuro amoroso encantador. Não coexiste em suas idéias, a possibilidade de *homens de suas vidas* com *homens transmissores de HIV*. Elas ainda estão sendo preparadas para seduzir o homem da maneira que acreditam que "ele" espera. O peso da cultura na construção de nossa subjetividade faz com

unesp

que o que foi construído pelo homem pareça um limite da natureza, reafirmando aqui nossa breve retrospectiva sobre a história da sexualidade.

Porém, não podemos deixar de lado que além de um modelo sócio-cultural, tão bem explicitado por **Parker** (1991, 1994), ou superposto a este modelo, encontra-se o plano individual de relações sexuais permitidas e excluídas, baseada na escolha do objeto sexual.

Em relação aos dados obtidos junto aos professores, podemos dizer que, na sua totalidade, não tiveram orientação sexual em suas casas, obtendo os poucos conhecimentos que tinham através de conversas com amigos e de parcas informações sobre o funcionamento biológico humano, por meio da escola e de algumas leituras a partir de sua própria iniciativa. Diferindo muito pouco, portanto, em relação aos atuais adolescentes, já que estes relatam que quando essa orientação se faz presente, está, na maioria das vezes, dimensionada na prescrição de fatores higiênicos, mas não numa franca discussão das questões da sexualidade e de seus desdobramentos.

Dos professores entrevistados, muitas foram as professoras que relataram ter casado virgens e daquelas que iniciaram suas relações sexuais antes do casamento, apenas uma relata ter feito uso adequado de métodos anticoncepcionais. As demais passaram por todas as angústias e sustos ligados ao temor da gravidez, por não adotarem medidas preventivas. Antecedendo portanto, sua equivalência aos adolescentes de hoje, na questão da falta de prevenção.

unesp

Até onde mudou a maneira como se lida com as questões da sexualidade?

O fato de se falar pela mídia e o assunto estar à solta, como disseram muitos de nossos entrevistados, tem sido confundido com o desaparecimento de tabus e idéias preconceituosas.

Num certo sentido, o assunto estando tão presente, pode nos dar uma idéia de modernidade, mas quando entramos na interpretação dos significados das falas, a realidade da família e da escola, mostra-se bem mais hesitante e ambígua. A modernização está longe de ser linear.

Há que se considerar o imaginário, as emoções, a fantasia, o desejo do agente que sofre a ação das transformações, mas que é dotado de uma subjetividade (**Figueira**, 1991). Portanto, as mudanças implicam também em conviver com o velho e o novo - o hierárquico e o igualitário (enquanto ideais e não realidade).

Os professores falam de sua própria adolescência como uma fase de grandes restrições, rigor e controle de horários impostos pelos pais, mas que hoje entendem essas medidas como necessárias, sugerindo que isto falta ao adolescente atual.

De acordo com a concepção dos professores, os pais não impõem limites aos filhos e não definem o que é permitido e o que é proibido. Segundo alguns professores, essa liberdade dada ao adolescente, faz dele, enquanto aluno, um indisciplinado, que não aceita regras.

unesp

Neste sentido, podemos entender as falas dos professores como acontecimentos lembrados e ordenados a partir da organização atual da família e que segundo **Berenstein** (1990, p.190) ***" há um tempo onde os episódios são vividos e outro tempo onde são lembrados e organizados a partir do presente e como toda ordenação, varia naturalmente de acordo com uma concepção nem sempre explicitada de modo consciente"***.

Quando o professor aborda o adolescente como se personificasse a perfeição moral e intelectual, rapidamente perderá a sua confiança. Julgar os adolescentes conforme a imagem que tinha de si mesmo quando estava na escola, significa não ter evoluído com seu tempo. Mais do que isso, pode ser o ressentimento da juventude perdida (**Pincus** & **Dare**, 1987). Ao atacar o jovem, demonstra saudades de sua própria juventude. Daí para a inveja, não há senão um passo. Incapaz de se renovar, o professor estará próximo de uma esclerose afetiva.

Ao falarem sobre sua relação com os próprios filhos adolescentes, os professores relatam que os controla, dando-lhes parâmetros do que pode e o que não pode ser realizado. Assim, a idéia é de que os pais de seus alunos adolescentes não impõem limites aos filhos, embora a percepção que tenham de si mesmos é de pais que estão criando filhos diferentes dos demais, já que conseguem se diferenciar dos pais em geral, estabelecendo-lhes limites.

Este último aspecto é concordante com o trabalho sobre representação social do adolescente e da adolescência, desenvolvido por **Salles**

unesp

(1993), onde são os "outros" pais que não controlam seus filhos, e os adolescentes como percebendo os "outros" como liberados e irresponsáveis.

A concepção do adolescente como alguém sem limites e totalmente indisciplinado, parece-nos ser já um entrave no processo de comunicação entre professores e alunos adolescentes. Embora os docentes, por vezes, aceitem como característica da adolescência a oposição aos valores e ao modo de pensar dos pais, não conseguem deixar de lado a concepção de que este tipo de aluno vem "estragado" para a escola.

Nesse caso, a adaptação desse aluno à escola, encontraria mais dificuldade, porque teria que optar entre sistemas de valores conflitantes, já que esse professor, em geral, oriundo do mesmo meio escolar onde hoje trabalha, percebe-se com outros valores e linguagem diferentes da população que atende.

De maneira geral, quando os professores falam da falta de limites, este conceito se estende às questões sexuais, caracterizando o jovem como um liberado sexualmente. Mas a seguir entram geralmente em contradição ao afirmar que os adolescentes estão perdidos e desinformados, o que tem um significado muito diferente da liberdade sexual.

As atitudes e comportamentos que são observados na escola ocorrem em contextos onde o adolescente tem pouca possibilidade para se expressar livremente.

Podemos entender esta questão como resultado da observação que o professor faz dos aspectos mais superficiais e públicos da

unesp

subjetividade do adolescente - entendendo subjetividade como o resultado do processo de socialização dentro da família e desta escola.

O modelo pedagógico do professor não lhe permite uma observação sistemática e detalhada da intimidade do sujeito, dentro desse modelo de escola (**Nicolaci-da-Costa**, 1987).

Na verdade, a dúvida do adolescente sobre até onde deve ir o namoro, o fato de experimentar vários relacionamentos e eventualmente a possibilidade da gravidez como conseqüência de sua própria insegurança, apresentam um significado muito diferente daquele dado pelos professores, e pelos próprios adolescentes ao falar de seus iguais. Nada tem de irresponsabilidade ou reprovável, no sentido moral.

Nosso entendimento é de que o adolescente está reconhecendo seu próprio corpo, descobrindo suas novas potencialidades e aprendendo a lidar com novas realidades. A sexualidade durante a adolescência tem caráter exploratório.

Dos nove professores da escola pública entrevistados, seis deles mantêm seus filhos estudando em escola particular (um não tem filhos e dois têm filhos na escola pública). Nos depoimentos dessas seis professoras detectamos que almejam para seus filhos uma ascensão social, quando fazem a opção por mantê-los numa escola particular, convivendo com filhos de famílias de elevado nível socioeconômico. Apresentamos a fala de uma professora como ilustração desse pensamento.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

"Eles estudam em escola particular...Infelizmente na escola pública há uma mistura muito grande de, como se diz? de pessoas...Agora na escola particular tem muito da elite da sociedade, e a gente sabe que tem muita coisa podre dentro...Mas assim, com meus filhos, eu prefiro manter eles lá...A gente se sacrifica prá isso. Não são famílias do mesmo nível que eu. Eu não tenho poder aquisitivo. Acho que estão lá mais prá manter a convivência com crianças que tem o mesmo tipo de formação" (Luisa).

Na fala dos professores, a permanência dos filhos na escola particular é justificada muito mais em função da convivência do que ligada a aspectos que indiquem busca de qualidade de ensino, uma vez que eles próprios se percebem como profissionais sérios, responsáveis, preocupados com o conteúdo de suas disciplinas.

Entendendo-se a família-escola como uma extensão e continuidade dos valores, atitudes e uso de linguagem com os quais o aluno se depara no seu ambiente familiar e escolar, então o professor da escola pública que coloca seu filho na escola particular, justifica que ali ele conviverá com crianças provenientes de famílias com os mesmos valores que os seus. Estaria este professor dizendo, portanto, que há uma descontinuidade de valores, atitudes e comportamentos entre si e a população que atende na sua escola.

Os adolescentes, em sua grande maioria, consideram fundamental que haja uma orientação sexual nas escolas e sugerem que se crie um espaço, onde possam ser discutidos todos os aspectos da sexualidade humana, inclusive os emocionais e afetivos, além das questões que envolvam prevenção da gravidez, da Aids, questões relacionadas ao aborto. A orientação sexual nas

unesp

escolas é vista, por estes jovens como um complemento da orientação recebida em casa, sendo destinada principalmente, àquelas pessoas que não receberam este tipo de orientação.

Enfim, o aluno acredita no professor. São inúmeras as possibilidades de uso que o professor pode fazer das relações pedagógicas decorrentes desse acreditar proveniente dos componentes emocionais do aluno e que ele deposita no professor. Ao buscar sua auto-afirmação, o adolescente vivencia o luto pelos pais da infância, entretanto busca um pai ou uma mãe com o qual possa se identificar e que lhe sirva de modelo para a vida adulta. Nesse momento elegem novos 'pais', no sentido de novos modelos identificatórios distintos de seus pais reais (**Levisky**, 1995). Esta é a brecha para a entrada em cena do professor.

No entanto, **Ribeiro** (1989, p.176) nos alerta que neste momento ***" o professor vive um processo contraditório, pois ao mesmo tempo que ele é substituto das figuras paternas, representantes da lei e da autoridade, ele também é o responsável pelo sucesso ou pelo fracasso destes escolares, que é transmitido por determinantes das regras estabelecidas pelo sistema educacional e, também, é passado pela sua história pessoal e formação profissional".***

O professor da escola pública não se vê em condições de assumir o papel de educador sexual. Suas justificativas vão desde a falta de uma formação profissional, passando pela história pessoal de cada um. E neste

unesp

momento a FDE (Fundação para o Desenvolvimento da Educação) faz circular um folheto pelas escolas públicas, pregando a execução de um programa com objetivo de uma ação preventiva do abuso de drogas e das DST/Aids nas escolas Estaduais de São Paulo.

Os pais e a comunidade em geral, por se sentirem despreparados e ansiosos diante das questões da sexualidade, tendem a transferir para a escola, e particularmente para os professores, a responsabilidade e a tarefa de orientar seus filhos.

Se a família, ao se omitir, espera que outros desempenhem esta função, a escola, que desempenha um papel socializador e continuador da função familiar, está nos mostrando, neste momento, que não se encontra preparada para enfrentar estas questões. Há a questão do professor, que necessariamente precisa ser mais refletida. Eis o problema que precisa ser abordado no instante em que várias fontes apontam para a escola como saída possível ao desenvolvimento de um programa de educação sexual, visando a prevenção da gravidez, e principalmente da Aids.

A grande questão que se coloca aqui é a elaboração dos lutos. Temos um adolescente vivendo os lutos pela perda do corpo infantil, pelo papel e identidade infantis e luto pelos pais da infância, portanto, buscando substitutos, e continentes de suas angústias. Temos o professor que não encontrou continência quando da elaboração de seus lutos, mesmo porque experienciou uma escola onde este assunto ainda era profano. Hoje, aspectos da

unesp

identidade desse professor que ocuparam um período significativo de sua vida passam por um processo de luto, enquanto a questão da temporalidade adquire outras dimensões, ou seja, muda a noção do tempo subjetivo, enquanto o adolescente reluta para encarar a finitude.

Um adolescente com características de onipotência, impulsividade, transpirando sexualidade no auge de sua produção hormonal e cultuando a forma física, vem solicitando um encontro relacional com o professor que convive hoje com a possibilidade de finitude, por estar, querendo ou não, entrando já na fase de declínio de seu desenvolvimento físico. O declínio aqui é compreendido como a travessia de uma nova transitoriedade em suas vidas, circunscrito num processo natural de contínuo movimento de transformação, onde as mudanças físicas, de vitalidade, começam a ser sentidas.

Neste sentido, ao se colocar a questão do espaço inter-relacional, entre professores e alunos, há que se considerar que aquele que estiver se sentindo mais ameaçado em seu mundo interno, pode acabar por se expressar atacando o vínculo relacional, por desvio da capacidade perceptiva.

O professor ao se defrontar com isso num momento de reviver seus próprios conflitos sexuais, pede ajuda, pede continência, sob a forma de supervisão/ orientação de seu trabalho, no nível do concreto. Sente que pode ir até um determinado ponto na orientação do adolescente, mas solicita apoio e continência de suas próprias angústias para que possa ir mais longe.

unesp

Cobrar ou impor à escola que realize a tarefa de educação sexual de seus alunos, é exigir de sua gente algo que não teve, pessoal e profissionalmente. Equipar a escola de aparelhos informatizantes, não significa olhar para as pessoas que compõem esta instituição.

A escola é constituída de humanos, e é esta humanidade que deve ser considerada.

unesp

O "conhece-te a ti próprio" socrático nos indica uma pedagogia que seja nossa e que a nós se dirija.

Só o semelhante pode conhecer o semelhante, ensinava a mais antiga sabedoria grega

Georges Gusdorf

In: "Professores para quê?"

de Georges Gusdorf

unesp

IX - EDUCAÇÃO E RETRATO DE UMA REALIDADE

Ao discutir a questão das relações entre professores e alunos adolescentes num mundo em constante transformação, seja no nível individual, seja no nível institucional, emerge uma outra questão que é a política da educação, e, mais especificamente, da educação pública financiada pelo Estado. Deter-nos-emos mais nessas considerações, por entendermos que é com esta educação que estamos efetivamente comprometidos. Portanto, qualquer proposta de trabalho considerando num mesmo bojo a escola pública e a particular é infundada, já que ***"Não leva em conta a diferença social existente entre ambas, nem a magnitude do capital econômico e cultural de cada uma delas"*** **(Marrach**, 1996, p.10).

Embora tenhamos realizado nosso trabalho também junto a escolas particulares, até para estabelecermos comparações, estas, apesar de não terem uma autonomia e estarem submetidas às regras oficiais, subentendem outras especificidades, a partir de outros contratos e definições de políticas junto aos pais.

Dentro do pensamento moderno e contemporâneo, ou seja a escola com regras, disciplinas, conteúdos programáticos, divididos por séries a partir de critérios cronológicos, primeiramente encontramos a criança como um ser *natural*, tendo como sua guardiã a pedagogia; a escola é reorganizada para ser o mundo da criança. Num segundo momento, desfaz-se a separação entre o mundo da criança e o mundo do trabalho, e a escola é convocada a conciliar esses

unesp

dois mundos, vinculando educação ao trabalho. O quadro atual é mais complexo: a pedagogia neoliberal aproxima sua visão da concepção da criança como o consumidor e a escola como sendo o lugar de preparação para a manipulação e consumo do aparato informatizado da sociedade pós-industrial.[13]

A educação ocidental constituiu-se há muito em organização de massas: o sistema escolar tem por fim produzir o maior número possível de indivíduos providos da mesma bagagem mínima de conhecimentos. O Ocidente tende a limitar o problema às questões de equipamentos escolares. No nosso sistema pedagógico, o ensino, em vez de ter por fim a educação, tende a ser considerado como um fim em si.

Hoje, os órgãos oficiais investem milhões em aparelhamentos modernos, como microcomputadores, vídeocassetes, televisores, numa evidente distorção da compreensão da canalização desses recursos financeiros. O professor continua com uma remuneração medíocre, que não lhe tem permitido sequer viver com dignidade, quanto mais ter o desejo e energia para uma formação atualizada.

Segundo **Bosi** (1997), preferir coisas a pessoas não é realismo, é equívoco, e complementa ***"...continua, pois vigorando o primado das coisas sobre as pessoas. Computadores e Tvs aos milhares sem professores respeitados e estimulados, são sucata virtual (...) Nada há a "reciclar", nada a avaliar enquanto não se eleva a plataforma inicial".***

[13] discussão presente no tema "Educação Brasileira e neoliberalismo" no I Simpósio Científico da Unesp - Marília - 06 a 09 de junho de 1995, por **Paulo Ghiraldelli Jr.**, que discute em suas publicações a questão da filosofia e história da educação.

unesp

Uma pesquisa realizada pela Apeoesp (Associação dos Professores do Estado de São Paulo), junto a pais, professores e alunos, sobre a reorganização das escolas no Estado de São Paulo, em 1996, revela que estes segmentos não estão satisfeitos com essa política. Em nada melhoraram as condições da escola, apontando dados absurdos, como 92% das escolas tinham aparelho de TV e vídeo, enquanto em 14%, faltava giz e havia problema com a lousa e em 21% delas não havia professores em, pelo menos, uma matéria (**Baptistella**, 1996).

Some-se a isto a questão profissional de professores das pré-escolas, séries iniciais, e mais recentemente, até do 2° grau, ter sido basicamente encarada como uma profissão mais desenvolvida pelo sexo feminino (70% de nossos professores que responderam ao questionário, são do sexo feminino). Nota-se, ainda hoje, como reflexo de uma sociedade classista, a perpetuação de características que discriminam a mulher no mundo de trabalho mais amplo, dirigindo-a para a escolha ingênua de profissões consideradas de sua competência. ***"Se a mulher, muitas vezes se engaja, pela própria identificação com o tipo de trabalho, o qual se configura como uma extensão do lar, a escolha e a permanência nestas profissões consideradas femininas, podem refletir o condicionamento de estereótipos sociais reais, que são interpretados e assumidos particularmente pelos sujeitos"*** (**Martinez** & **Martins,**1993, p.51).

unesp

Além da precariedade das condições locais de trabalho, a atividade docente é pouco valorizada neste país. O professor tem sido considerado mão-de-obra desqualificada.

Mais do que isso, concordamos com **Silva Jr.** (1996, p.16), que ao refletir sobre a condição de trabalho do professor, afirma que ***"o trabalhador do ensino público estadual em São Paulo ainda precisa ser promovido à condição de trabalhador comum (...) não pode ser considerado como um trabalhador assalariado, já que a este, o trabalhador comum, são asseguradas condições de trabalho em geral de que o professor da escola pública não dispõe (...) como, por exemplo, a delimitação e a observância contínua do tempo e do local de trabalho".*** [14]

No entanto, professores brasileiros continuam ensinando e muitos se dedicando com entusiasmo e realizando a transmissão do conhecimento com eficácia, sem deixar apagar sua paixão de formar (**Silva,** 1994).

E esses educadores investidos da relação afetiva primitivamente dirigida aos pais se beneficiarão da influência que este último exercia sobre a criança e poderão desse modo contribuir para a formação do sujeito (**Freud**, em *Algumas Reflexões sobre a psicologia do Escolar).*

Se aos olhos da criança, os pais são deuses onipresentes e onipotentes, é na escola que o professor primário surgirá como substituto desse pai e dessa mãe, cuja função de testemunha e indicador da verdade, servirá como

---

[14] Discussão mais aprofundada encontra-se no livro *A Escola como Local de Trabalho* de Celestino A. da Silva Jr.,Ed.Cortez, 1990.

unesp

consolo ou refúgio das expectativas do adolescente, ao descobrir que por vezes os pais omitem e podem não ser inteiramente leais nas suas relações com os filhos. O professor se torna o herdeiro do pai ao mesmo tempo em que essa idealização em relação aos pais pouco a pouco vai diminuindo, e o filho ao elaborar o luto da perda dos pais da infância, buscará outros redutos de tranqüilidade.

O professor único (até à 4ª série) dá lugar ao conjunto de professores que se multiplicam nas suas especialidades, e em sendo especialista, já não pode alcançar a onipotência. Nesse momento, o espírito crítico do adolescente se inicia e favorece o confronto dos professores com seus colegas, classificando-os em bons, mais ou menos e maus professores. Para essa diferenciação, o critério não é apenas o conteúdo dos programas, mas ao adolescente interessa principalmente a resposta do professor às suas interrogações ou provocações, que são, simultaneamente, pedidos de ajuda.

Querendo ou não, merecendo ou não, o professor/educador, detém um poder e uma autoridade que mais ninguém na sucessão educativa, terá sobre a criança e o adolescente.

Das relações mais significativas - filhos com pais, irmãos com irmãs, as relações de amizade e amor - a relação aluno-professor, descortina uma dimensão primordial do mundo humano, na medida que traduz a singularidade da relação do aluno com o professor que, para além do conteúdo programático, lhe descortina o sentido da vida e o orienta (**Gusdorf,** 1970).

unesp

Se assim não fosse, o professor poderia ser substituído por um livro, por um enorme auditório com microfone e um só professor que desse conta de várias classes juntas, e no limite das elucubrações, usar todos os novos equipamentos da informática e assim todos os alunos do país teriam a mesma qualidade de aula. Acabar-se-iam as turmas, os inúmeros funcionários; o orçamento do Ministério da Educação seria reduzido a uma pequena equipe. No entanto, país algum iniciou essa nova ordem da educação. Deve haver fortíssimas razões para não se utilizar desta parafernália tão disponível.

É verdade, também que na origem dos sistemas laicos de educação, inscreveu-se que as instituições do Estado deveriam se encarregar apenas do ensino propriamente dito, deixando às famílias e à Igreja a que pertencessem, toda e qualquer outra formação. Devido à descristianização e aos interesses sóciopolíticos e econômicos, foi-se deixando a formação por conta da escola.

Não negamos aqui que a educação, no seu sentido mais amplo, tem por tarefa essencial a formação da personalidade e é esta formação que orienta o sujeito em face do mundo e de si mesmo. Isto, mais do que com os conhecimentos intelectuais, tem a ver com formação política, social, escolhas de valores e opções morais.

Mesmo que o professor, atemorizado e confuso pela cobrança de responsabilidades desproporcionais com sua valorização e auto-estima, esconda-se na rotina, não deixa de ser nunca peça fundamental dessa

unesp

formação essencial do aluno. Queira ou não, o aluno espera dele muito mais do que ele ensina.

Os programas de reciclagem oferecidos à escola deveriam ser menos calcados em divulgação de técnicas pedagógicas e mais voltados para o desenvolvimento humano de seus membros. Fazer uma crítica aos *bons* e *maus* professores, dentro das aplicações das técnicas pedagógicas talvez fosse uma classificação válida, mas na dimensão da capacitação pessoal, não podemos procurar heróis ou vilões, antes uma compreensão das condições humanas desses profissionais e, conseqüentemente, investir mais na discussão da relação aluno-professor.

O ensino e a aprendizagem se dão na ordem do relacional, senão, como já dissemos, a figura do educador já teria sido abolida e substituída pela parafernália disponível, haja visto o "ensino à distância".

Nas escolas, encontramos uma instituição que ao mesmo tempo reconhecida pelos próprios adolescentes como sendo uma possibilidade de abrir-lhes horizontes, é também desvalorizada política, econômica e socialmente, inclusive pelos próprios membros que as compõem. Nas famílias, temos quadros muito distintos, as ambigüidades e angústias nas relações são imensas; o rechaço ao autoritarismo, a omissão e a negligência sendo seus pilares.

No entanto, os adolescentes desejam que a família o ancore e esperam que a escola, por si ou com o apoio da família, assuma o papel de

unesp

educadora sexual. Temos professores temerosos de que esta tarefa lhe caia nas mãos e reagem se defendendo como podem.

Respondendo a todo um apelo da comunidade científica, da mídia, dos órgãos públicos de saúde, e tentando fazer frente a uma nova realidade que se impõe, os nossos representantes no poder legislativo começam a apresentar projetos, tornando obrigatória a educação sexual nas escolas. Esses projetos, se não contemplam a todos os segmentos, e que se tornam por isso, alvo fácil de crítica, por outro lado, vêm ao encontro de um apelo dos próprios alunos, e por extensão, dos seus pais desses. Coloca-se aí a questão de sua forma e aplicabilidade.

Ana Maria **Quadros**, vereadora de São Paulo, apresentou Projeto que deu origem à Lei nº 11.972/96, instituindo a obrigatoriedade de todas as escolas do Município de São Paulo oferecerem projetos de orientação sexual em todos os níveis. Para a implantação e desenvolvimento do projeto, na pré-escola e nas séries iniciais das Escolas de Ensino Fundamental, a proposta é de utilização do Guia de Orientação Sexual[15], sendo que para os alunos da 5ª série em diante, sugere-se a elaboração da estruturação de um trabalho diferenciado. Neste sentido, a referida lei, dá a liberdade às escolas, e aos educadores, para a elaboração de projetos, juntamente com alunos e pais, a fim de estabelecerem a

[15] *Guia de Orientação Sexual - Diretrizes e Metodologia*, adaptado com a permissão do *Guidelines for Comprehensive Sexuality Education, Kindergarten - 12th Grade, Copyright, Sex, Information and Education Council of the U.S., 1991*, e editado no Brasil pela Casa do Psicólogo, em 1994, em co-edição: GTPOS(Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual), ABIA (Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids, e ECOS (Centro de Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana).

unesp

melhor forma de trabalho. A vereadora salienta ainda a necessidade de que este trabalho seja acompanhado pelos estudiosos do assunto e pela população.

O psicólogo vem sendo considerado um profissional da saúde, independente de sua área ou local de atuação. Embora esta perspectiva seja um caminho a construir ainda, pode-se entrever um modo de conceber e de praticar a profissão que não se limite, não a circunscreva por local de atuação e sim por forma de atuação nas diferentes instituições.

Assim, a prática psicológica não se estanca ao atendimento clínico do escolar, tentando resolver o problema do fracasso escolar na área da saúde, mas também tem determinações políticas, pedagógicas, sociais e institucionais que extrapolam esta área.

Por outro lado, vários são os trabalhos a demonstrarem que as questões da Educação passam também pela saúde. Tem sido reconhecida a importância do acompanhamento psicológico na questão da análise do fracasso escolar, na medida em que estes trabalhos nos têm demonstrado a compreensão do papel do desejo, do prazer, ou a ausência deles, nas nossas escolas (**Kupfer, Valente, Silva**, entre outros). Também é importante a participação da Psicologia e de seus profissionais para a compreensão da relação professor-aluno, diante das questões inerentes a uma fase do desenvolvimento, qual seja, a adolescência. A descontinuidade do período escolar - devido às conseqüências da falta de prevenção -, seja por uma gravidez indesejada na adolescência, seja pelas conseqüências da soropositividade do HIV, não tem sido computada necessaria-

unesp

mente como *fracasso escolar* na dimensão mais difundida desse termo. Porém, o abandono da escola, por estas razões, não deixa de, numa leitura mais acurada, configurar-se como *fracasso escolar.*

Vários estudos têm tentado demonstrar a importância e as especificidades da relação aluno-professor e, no entanto, isto não autoriza, e nem seria desejável que autorizasse, uma substituição da família pelo professor no que diz respeito à complexidade da educação do adolescente.

A importância da relação professor-aluno reside no fato de que as informações passadas pelos educadores, são de grande credibilidade para o aluno. Neste sentido, cabe à escola não se omitir no processo de formação do adolescente, enquanto provedora de conhecimentos o mais extensos e completos possíveis sobre a questão da sexualidade. Já os valores morais, o que pode, o que não pode, as autorizações, as concessões, cabem à família.

Compreendemos como sendo papel também da escola o convênio ou envolvimento com profissionais de outras áreas para que estes possam participar desse processo de compreensão do adolescente como um ser total.

Entendemos que um programa de educação sexual implica em sensibilizar as famílias a retomarem para si a função que lhes cabe. Implica sensibilizar a comunidade médica que o adolescente precisa de conhecimentos corretos, sem distorções. Com certeza isto não se faz esperando que o adolescente vá até o Posto de Saúde, ou equivalente. Quando muito ele lá comparece para tentar resolver, ou minimizar um problema já instalado (uma

unesp

gravidez, uma DST, etc.). Os saberes médicos também têm que ir onde está o adolescente - na escola. Sempre se considerando, entretanto, que cada adolescente tem sua história pessoal, um modo como foi organizada sua sexualidade, suas fantasias sexuais, ou seja, seus vínculos afetivos e suas conseqüentes identificações.

Portanto, produzir transformações nos sistemas educativos da sociedade, representam um passo para a transformação das famílias, principalmente aquelas de classes sociais mais humildes, desfavorecidas no plano material e formação intelectual. Assim, o subsídio fornecido às grandes unidades sociais tem tanta importância hoje quanto aquele destinado apenas ao plano individual ou familiar.

O trabalho que estamos propondo toma emprestado o conceito de 'rede social', para nos aproximarmos de uma efetiva intervenção que acreditamos eficaz, tomando por base que o adolescente solicita informação, pede orientação; a família na maioria das vezes não está dando conta desse pedido e a escola. Embora entenda racionalmente a importância desse trabalho, não se sente em condições pessoais, estruturais e funcionais de atendê-lo.

O conceito de rede social, vem a conhecimento, enquanto uma forma de intervenção social, através de **Elizabeth Bott** (1976), quando publica obra sobre família e rede social, a partir de um estudo da rede social de vinte famílias britânicas (original de 1971). Deste trabalho, depreende-se uma teoria e um conceito que permitirão desenvolver um trabalho de rede, ou as

unesp

chamadas tribos. A partir daí surgem práticas de intervenção em nível social apoiados na concepção de rede como a tribo à qual pertence o indivíduo.

A tribo nas sociedades mais primitivas é a unidade tradicional de resolução dos problemas. Neste sentido, a escola também deve ser entendida como uma unidade tribal. Para tanto, é necessário retomar a questão do espaço que o professor (não)ocupa na tribo escolar. Retomamos aqui o questionamento da atual (des)identificação do professor com a escola à qual (não)pertence.

É necessário repensar esse saber do professor como uma mercadoria mal vendida e recolocá-lo no lugar de membro de uma tribo que possui particularidades e que, portanto, ao conceber seu espaço devolveria ao professor o sentimento de pertença. Em última análise, isto o comprometeria com as resoluções dos problemas emergentes, pois seriam sentidos como seus, já que de sua tribo.

Assim sendo, a tarefa dos profissionais está em devolver à unidade tribal do indivíduo, sua funcionalidade, passando basicamente por três fases: a)-*polarização*: conduzindo a formação de subgrupos em conflitos; b)-*mobilização*: conscientização dos membros da tribo, permitindo o apoio aos seus membros; e c)- *resistência*: quando os objetivos são atingidos.

A intervenção em nível de rede social tem sido um enfoque clínico para os transtornos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas. A equipe de profissionais atua como catalisadora e outras pessoas, como as famílias, os

unesp

amigos, os parentes, atuam como agentes terapêuticos. Assim, a intervenção de rede começa por uma *retribalização*, resgatando as antigas sociedades tribais, ainda não atingidas pela revolução industrial, onde as tribos se incumbiam de resolver os problemas existenciais de seus membros.

Esta técnica sabidamente pode ajudar os profissionais na intervenção diante de problemas complexos. Para **Attneave**,[16] ***"ganha-se tempo, e o resultado costuma ser a indução de mudanças comportamentais de uma forma mais eficaz que com a simples discussão das projeções e fantasmas que circulam acerca das pessoas externas envolvidas"***.

Recentemente as análises de rede têm sido um ativo campo de investigação tanto na antropologia, como na sociologia e nas ciências políticas. No campo da saúde mental e física as intervenções não ignoram as dimensões individual, fisiológica e psicológica, nem as dimensões interacional e ambiental. O sistema social no qual se inserem a família do jovem, a sua escola, suas crenças religiosas ou suas amizades, exerce forte influência enquanto estrutura que o sustenta (**Elkaïn**, 1989).

Neste sentido, possibilitar às famílias resgatar a sua importância na construção da história do adolescente, garantindo-lhes condições de qualidade de vida, através da transmissão de valores sexuais, morais e éticos, corresponde ao reconhecimento de que também lhes cabe o estabelecimento de limites e parâmetros, nesta configuração familiar.

---

[16] apud MIERMONT.Jacques. *Dicionário de terapias familiares*. 1994.p.63

unesp

Concordamos com **Berenstein** (1988) ao afirmar que cada família concebe seu espaço de forma diferente, o que resulta numa determinada organização. Da mesma maneira, a concepção do espaço do professor na escola, permitiria o desenvolvimento de uma determinada organização, possibilitando uma identificação do educador com a **sua** escola e, conseqüentemente, com a singularidade da comunidade na qual ela está inserida. O espaço social resulta, portanto, necessariamente de alguma coisa mais do que a soma dos espaços individuais.

Se é através da oposição às regras e limites que o adolescente vai construindo sua identidade, a não definição de parâmetros, deixa-o sem ter com o que se defrontar nos limites do possível, e daí o rompimento e a experimentação se estenderão a outros canais, talvez as drogas, a promiscuidade, e o desafio à morte.

A busca de uma solução para os relacionamentos, que não o incestuoso, e a necessidade de lutar por uma personalidade independente são forças propulsoras que levam o jovem para longe da família. E neste momento os pais têm que estar por perto para, além de apoio, amor e encorajamento, também serem contrariados. E isto é premissa, uma vez que o que é considerado objeto real para o sujeito é o objeto que ele pode amar e que sobrevive a seus ataques. O ataque aos pais e a constatação de que eles sobrevivem, permitirá ao adolescente tornar seus pais externos e reais. Para **Berger** (1989), a "verdadeira" morte dos pais situa-se noutro registro: produz-se quando os adultos (enquanto pais) têm

unesp

uma atitude educativa para com seus filhos, diferente da de seus próprios pais.

Muitas vezes, os pais no desejo de serem modernos, mostram tolerância, abdicam de sua autoridade paternal e por vezes, vão mais longe ainda, a ponto de colaborar com as atitudes de seus filhos (**Pincus** & **Dare**, 1987).

Se nenhum adulto perde a necessidade de relações íntimas e carinhosas, como poderíamos aventar a possibilidade de que o adolescente prescinda dessas necessidades de um dia para outro?

Em outras palavras, quanto mais o adolescente se sentir desprezado, abandonado, mais intensa será sua reação frente ao adulto que não o compreende. Dirá *não* a sua moral e a sua experiência, chegando, muitas vezes a estragar sua vida, propositadamente, para ser visto ou para aborrecer os que pretendem moralizá-lo, o que acontece com certa freqüência em relação aos pais.

À escola cabe a informação e a transmissão do conhecimento de forma mais clara e completa possível. A ela cabe também compreender que o espaço que ocupa na vida do estudante, na formação da personalidade do aluno, não é menos importante. Tanto que, apesar das mazelas pelas quais ela passa, continua a ocupar um lugar privilegiado na representação que os adolescentes fazem de suas possibilidades.

Enfim, entendemos a formação de uma rede a partir da reunificação dos saberes psicológicos, sociológicos, antropológicos, médicos e pedagógicos, que possibilitem o entendimento do adolescente como um todo. Aliás, a Aids também delata, entre outras coisas, exatamente a falta de

unesp

reunificação das Ciências, num momento em que a chamada *Globalização* implica na concepção do mundo como uma tribo total.

Temos um **Richard Parker** (1991,1994) contribuindo sensivelmente com suas reflexões a partir de pesquisas etnográficas sobre a vida sexual do brasileiro adulto e a significação erótica das diferentes práticas em cenários sociais distintos, e isto não é aproveitado nas campanhas de prevenção da Aids. Temos a Medicina com seus avançados estudos e garantias das melhores formas de prevenção. No entanto, ao ser colocado na escola a esperança de elaboração de programas educativos destinados a oferecer uma resposta à epidemia , temos nos esquecido a figura humana do professor.

Certamente se colocará à escola, ao assumir mais esta tarefa, a questão da cobrança pela sociedade, e nos arriscamos a dizer que no momento em que isto se efetivar, vários serão os levantamentos de casos de gravidez, Aids, promiscuidade, culminando numa história de *fracasso escolar*.

Ao tomarmos a Aids, a gravidez, a promiscuidade como sintomas de uma família que não está dando conta de educar seus filhos e que no dizer de **Soifer** (1983, p.16) ***"o sintoma dos filhos representa aprendizagem psicológica não conseguida por toda a família"***, podemos afirmar que, por enquanto a escola ainda é vítima, na medida em que se divulgam suas faltas de condições minimamente adequadas. Porém, passará a ser vilã no momento em que tomar para si essa tarefa de educar sexualmente seus alunos, sem que haja um redimensionamento e uma confluência dos saberes que lhe dêem apoio.

unesp

"(...)Cada vez que o observador transpõe um degrau na complexidade do objeto que estuda, ele vê surgir o imprevisto, fruto dessa mesma complexidade

(...)Na medida em que a decisão depende da personalidade do sujeito, pode-se afirmar que existem decisões imprevisíveis devido ao fato de a personalidade escapar, pelo próprio grau de complexidade, de uma análise definitiva."

Jean Hamburger

unesp

X - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já demonstramos, a geração que cresceu sob o bombardeio da Aids não é rigorosa na prevenção contra a doença em suas relações sexuais. Os mitos da fidelidade, do "amor eterno", da família e da classe social, ainda substituem as medidas preventivas. Racionalmente acham que devem se prevenir da Aids, mas há um hiato entre o conhecimento e a adoção desses métodos.

A Aids é hoje uma doença com *status* no imaginário social e não é a mesma Aids da década de 80. Não tem de significar necessariamente morte iminente, mas a situação de horror por que passa o indivíduo com Aids, as peregrinações pelo sistema de saúde, a degradação física, ainda impossibilitam ou deformam uma relação natural com os acontecimentos.

Some-se isto ao fato de que, mesmo aqueles que conseguem os medicamentos de última geração, se não o fizerem de forma regular, correm o risco de desenvolver resistência induzida, provocada pelo consumo interrompido do tratamento. A resistência ocorre quando o doente começa a tomar um medicamento e o uso é interrompido ou quando este medicamento é substituído por um similar.

O que faz então com que, principalmente os jovens, informados a respeito da possibilidade de contato com o vírus HIV, através das relações sexuais, deixem de adotar medidas preventivas? A idéia de que a prevenção torna-se incômoda justamente por ser a sexualidade a via de expressão

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

e prazer do ser humano, e pensar a possibilidade da morte neste momento, torna-se paradoxal, levantando defesas psíquicas difíceis de transpor.

A Aids relembra que a vida é curta, que viver pode ser prazeroso. O vírus, que não escolhe idade, sexo, raça, cor e religião, é transmitido através da relação sexual. Aquela mesma que no auge do prazer, pode levar o sujeito ao medo de morrer, de se perder no outro, de se desmanchar no desejo, de perder a identidade, e, porque não dizer, do medo de ser rejeitado, que também é o medo de estar morto para o outro.

O discurso da prevenção, tal como tem sido feito, não tem dado conta das brechas que os estados amorosos deixam a descoberto. Estar enamorado, remete a um estado de aproximação intenso, a ponto do desejo de estar tão próximo do outro, de se aproximar de tal maneira ao ponto de fusão, que poderiam ser um só.

Mas é através do vírus que percebemos nossa mortalidade e finitude e nos lembramos de que estamos vivos. Olhar a morte de frente é também olhar a vida. Uma não existe sem a outra. A Aids envolve uma ampla associação de sexo, sangue, drogas, morte, invocando medo e inibições do homem. O medo é sinal de vida, não de covardia. A existência necessita de medo, ele é o sinal de alerta.

Ao retomarmos nosso ponto de partida, uma compreensão das questões da Adolescência/Sexualidade/Aids e da instituição escolar, fica-nos a certeza de que divulgar meios de prevenção contra a Aids, sem falar em

unesp

sexualidade de uma forma mais ampla e sem se aprofundar na questão das instituições família e escola, mostra-se uma tarefa inócua.

Nosso primeiro objetivo era analisar as questões psicossociais envolvidas na sexualidade do adolescente; nosso segundo ponto de investigação estava relacionado à compreensão da instituição escolar, no que diz respeito à capacitação profissional e pessoal do corpo docente para lidar com a questão da sexualidade, partindo de sua própria formação sexual. E, finalmente, a proposta de discussão de modos de intervenção, considerando a perspectiva da dinâmica psicossexual do adolescente, nos leva à questão mais ampla de que a transformação efetiva da educação brasileira pressupõe uma mudança substancial em sua concepção: abandonar a idéia do aluno como um ser passivo que apenas recebe conhecimentos prontos do professor.

Aqui é necessário dizer que nossa trajetória nesse trabalho se inicia basicamente com a preocupação centrada no adolescente, no sentido em que buscávamos uma compreensão de como ele poderia ser ajudado a partir dos estudos que realizávamos. À medida que fomos adentrando as escolas, convivendo com suas dificuldades e desenvolvendo as idéias desse trabalho, ficou evidente o aparecimento da preocupação com o educador como uma pessoa que também está pedindo ajuda.

Os adolescentes anseiam por conhecimentos, desejam que o mais *experiente*, não só lhes transmitam informações sobre o aspecto bio-fisiológico da sexualidade e Aids, mas que discutam com eles a questões afetivas

unesp

e emocionais que permeiam o desenvolvimento físico, o relacionamento e a iniciação sexual, buscando continência para suas angústias num lugar onde se sentem seguros.

Os professores, em sua maioria, são provenientes de uma família onde não se discutia, ou quando muito se informava as meninas sobre a menarca. Inscrevem-se em famílias predominantemente de modelo hierárquico, onde as relações eram estabelecidas a partir da posição que ocupavam: o lugar do pai, da mãe, do filho.

Sentem enormes dificuldades para compreender e se relacionarem com o jovem que mudou, mas que se encontra numa escola que parou no tempo, não se preparou para encarar os estudantes hoje, mais abertos e participativos, que apresentam novas exigências. E pedem ajuda, também solicitando continência num momento de elaboração de conflitos.

Os professores, enquanto pais, esperam que a escola complemente a educação sexual de seus filhos, por vezes admitindo que apresentam bloqueios para se aproximar do filho e falar abertamente sobre o assunto, por vezes considerando a possibilidade de que seu filho tenha dúvidas que poderiam encontrar mais ressonância junto a profissionais nas escolas.

De qualquer maneira, esperam para seus filhos uma fartura de informações e possibilidades de opções conscientes, embora, como já dissemos, apresentem-se amedrontados e defensivos quando lhes é aventada a possibilidade de tal função, enquanto profissional.

unesp

As condições de ensino do professor são péssimas, associadas à insignificante verba destinada à educação, mas os próprios professores se mostram preocupados, perdidos é verdade, pois se espera deles algo para o qual não estão preparados técnica e pessoalmente. No entanto, entendemos que principalmente eles, juntamente com a comunidade, podem iniciar uma nova ordem. Acreditamos que a questão da educação sexual está presente tanto na família, quanto nas escolas, cada uma à sua maneira e configuração. Enquanto instituições formadoras não podem e não devem se furtar ao papel que lhes cabe.

Cada adolescente tem sua história, tem sua família, com seus próprios valores sexuais, morais e é nesse meio que ele vem construindo sua subjetividade. Ele tem influência sim de outras fontes, seja ela a da mídia, dos colegas, e outras, mas foi com os pais, que aconteceram as relações primordiais que facilitarão ou dificultarão seus posteriores relacionamentos. E essas relações primordiais sabidamente tem um caráter, mais do que qualquer outra relação, de extremo peso e definição na vida futura.

Portanto a maneira como os pais se relacionam com as manifestações da criança e do adolescente, lhe infundirão marcas e influenciarão as posteriores manifestações do sujeito.

Não bastando uma compreensão psicanalítica de que educar implica reprimir ou suprimir, favorecendo o processo de aquisição, concretizado pelas ações produtivas, os adolescentes evidenciam a necessidade de

unesp

estabelecimentos de parâmetros para que possam optar. Estes adolescentes que vivem distantes de seus pais, estão construindo seu mundo interno marcados pelo sentimento de solidão e abandono.

Discutir a sexualidade é também função da escola, já que tem um papel socializador. Um dos pontos fundamentais que atualmente perturba a relação professor aluno é a situação de 'falsa igualdade'. Admitir a existência da desigualdade - o *saber* do mestre e o peso das experiências dos pais - não retoma a formação de uma relação autoritária, justamente porque está garantido o espaço para a afetividade. Da mesma forma que a adolescência dos filhos reorganiza a relação de assimetria com seus pais, também o educador e o aluno agora reorganizarão seus vínculos, baseados, a partir desta etapa, na diferença de gerações e de sexo.

Só a vinculação interpessoal entre o educador e o aluno, ou seja, o campo do relacional é que garantirá a suscetibilidade do conteúdo transmitido. Pois, como já dissemos, a linguagem não é somente a utilização do idioma, mas também dos conteúdos emocionais que acompanham as palavras, o gesto ou os atos.

Enfim, retomamos aqui um imperativo de **Paulo Freire** de que formar é muito mais do que treinar o educando, numa defesa ao respeito pela educação, aos educadores e aos educandos.

Os dados revelados em nosso trabalho e a reflexão sobre a participação da família e as condições profissionais dos professores nas escolas,

unesp

traz-nos o embasamento e mobilização necessários para que nos comprometamos a atuar junto às escolas. Esta atuação está calcada na abrangência aos pais ou responsáveis e professores, no sentido de proporcionar entendimento e favorecer oportunidades para que os adolescentes no construir de sua identidade, possam fazer opções que lhes promovam saúde e o exercício pleno de sua sexualidade, sem correr riscos desnecessários.

O profissional psicólogo, como catalisador, a escola e os pais, como formadores , passam a constituir uma rede social ao estabelecer uma parceria para lidar com a situação, o que, no mínimo, pode diminuir o atropelo que a erotização precoce provoca no curso natural da formação psicossocial do adolescente.

Acreditamos que a conscientização dessas famílias e professores só facilitará suas participações como promotores de saúde, ao conhecer melhor o universo - com suas ousadias, temores e angústias - da sexualidade do adolescente. Abre-se então a possibilidade da integração entre desejo e realidade no comportamento de cada um, de tal maneira que se possa admitir que a prevenção só terá eficácia se reafirmar e reconhecer o estado amoroso, o amor *paixão* do adolescente.

No caso específico da prevenção da Aids, surgem questões de caráter individual e coletivo que sempre fizeram parte da vida das pessoas, mas que não tinham ou não se dava visibilidade. Dizer que a Aids tem a ver com a morte, não contribui, necessariamente, para que os profissionais, famílias,

unesp

pessoas em geral, e especialmente os jovens, desenvolvam suas ações com especial atenção para a vida, a saúde, seus direitos e responsabilidades.

Falar sobre prevenção de Aids a adolescentes, é também falar sobre sexualidade, sobre afeto, sobre contato com o outro, sobre auto-estima. A Aids com certeza, provoca uma reflexão sobre a vida e a morte, mas também sobre a relação entre as pessoas, as relações sexuais, morais, éticas e políticas.

Enquanto área voltada para a subjetividade das pessoas, a Psicologia pode ter sua inserção no sistema educacional, como uma participação fundamental, ao dar o apoio solicitado aos professores e atrair as famílias, com o objetivo de oferecer subsídios psicológicos, porém dimensionados dentro de uma conjuntura sócio-política e científica. A estruturação de um programa de educação sexual na escola não pode ser pensado em separado da estruturação familiar.

Portanto, o conjunto de conhecimentos, de ordem psicológica, antropológica, sociológica e pedagógica, associado aos conhecimentos da Medicina e aliado a um sistema de valores e crenças familiares, pode proporcionar uma atuação ampla, tendo como resultado uma rede que favoreça qualidade de vida.

Não conseguiríamos colocar um ponto final, por hora, neste trabalho, sem dizer que à medida que fomos organizando e sistematizando as experiências vividas nas escolas, acabamos por ficar com a sensação de que conseguimos escrever menos do que vimos e ouvimos dos professores, professores-pais e adolescentes.

unesp

XI - BIBLIOGRAFIA.

ABERASTURY, A., KNOBEL, M. Adolescência normal.10.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

_____ e col. Adolescência. 6.ed. Trad. Ruth Cabral. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ABRÃO, Jorge L.F. Adolescência e Aids: hiato entre a razão e a emoção. Pesquisa de iniciação científica, desenvolvida sob a orientação da Dra. Claudete Ribeiro. Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, 1994 (não publicada).

ADAMO, Fábio A. et. al. Juventude: trabalho, saúde e educação. Rio de Janeiro: Forense-Universitária Ed., 1987.

ALMEIDA, Agostinha M.C. A descoberta do sexo: um estudo sobre as condições da prática sexual dos adolescentes e sua correlação com a comunicação intra-familiar. Pesquisa de iniciação cintífica, sob orientação Dra. Ilda A.Caruso. FCL de Assis,UNESP. Assis/SP, 1995 (não publicada).

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. 2.ed. Trad.de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

AZEVEDO, Fernando de. A cultura brasileira: Introdução ao estudo da cultura no Brasil. 4.ed. Brasília: Univers.Brasília Ed., 1963.

BAPTISTELLA, Rosa L. *Reorganização das escolas em SP é criticada.* Jornal O Estado de São Paulo, 24 ago. 1996, p.A-17.

BERENSTEIN, Isidoro. Família e Doença Mental. Trad. Adriana Friedman. São Paulo: Escuta, 1988.

BERGER, Maurice. Prática das entrevistas familiares. Trad. Virgínia G.Cardoso. Campinas,SP: Papirus, 1989.

BIANCARELLI, Aureliano. *Mulher iguala homem em caso de Aids.* Folha de São Paulo, 09 out.1995. Cotidiano.p.3-1.

_____. *Adolescentes engravidam com 1º parceiro.* Folha de São Paulo, 27 marc.1997. Cotidiano. p.3-4.

BLEGER, José. Temas de Psicologia: entrevista e grupos. Trad. de Rita M.M.Moraes. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

BOSI, Alfredo. *O ponto cego do ensino público*. Jornal Folha de São Paulo, 9 mar de 1997, caderno 1, p.3.

BOTT, Elizabeth. Família e rede social. Trad. Mário Guerreiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BRANDÃO,C.R. Identidade & Etnia. Construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986 a.

_____.A Educação como cultura. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, Zaia. *A formação dos professores e a questão da educação das crianças das camadas populares*. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n.40, p.54-57, fev.1982.

BUONCOMPAGNO,E.M. , SARMENTO,R.C. in Adolescência e saúde/Comissão de saúde do adolescente. São Paulo: Paris/Secretaria de Estado da Saúde, 1988.

CACERES, Carlos F. et. al. *Necessidades educativas en relacion con la sexualidad humana y el SIDA entre estudiantes y profesores de escuela secundaria en Lima.* Revista Latinoamericana de Psicologia. Peru. v.24, n.1-2, p. 109-123, 1992.

CAMPOS, D. Psicologia da adolescência.10.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CARUSO, Igor. A separação dos amantes - Uma fenomenologia da morte. São Paulo: Diadorim: Cortez, 1986.

CASTELLAR, Carlos , FREITAS, Luis A. Crise da adolescência: Visão Psicanalítica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CASTRO, Bernardo G. e col. *Aids-Síndrome de imunodeficiência adquirida*. Ciência Hoje. Rio de Janeiro. v.5, n.27, p.26-37, 1986.

COATES,T.J., TEMOSHOK,L., MANDEL,J. *Psychosocial research is essential to understanding and treating Aids.* American Psychologia. E.U.A. v.39,n.11, p. 1309-1314, 1984

DIAZ MONTENEGRO,M.A. Condutas sexuais e atitudes que constituem fatores de risco para gravidez não desejada e Aids em estudantes universitários: um desafio

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

para a educação sexual. Campinas: Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 1994. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, 1994.

D'ANDREA,Flávio. Desenvolvimento da Personalidade. São Paulo: Edusp, 1972.

DiCLEMENTE,Ralph J. et. al. *Comparison of Aids knowledge and HIV-related sexual risk behaviors among adolescents in low and high Aids prevalence communities.* Journal of Adolescent Health. San Francisco. USA. v.14,n.3, p. 231-236, may, 1993.

DOLTO, Francoise. A Causa dos adolescentes. Trad.de Julieta Leite. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

DURKHEIM, Émile. *A Educação como processo socializador: Função Homogeneizadora e Função Diferenciadora.* in: PEREIRA,L. & FORACCHI,M.A. Educação e Sociedade. 5.ed. São Paulo: Nacional, 1970.

EIGUER, Alberto. Um divã para a família. 3.reed. Trad.Leda M.V.Fischer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ELKAÏN, Mony et al. Las practicas de la terapia de red. Trad. Carlos Gardini. Barcelona/Espanha:Gedisa, 1989.

ERIKSON, Erik H. Identidade, juventude e crise. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar,1976.

FIGUEIRA, Sérvulo A. Nos bastidores da psicanálise - sobre política, história, estrutura e dinâmica do campo psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____ *O "moderno" e o "arcaico" na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social.* In: FIGUEIRA, Sérvulo (org) Uma nova família?. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

FLANDRIN, Jean-Louis. O Sexo e o Ocidente - evolução das atitudes e comportamentos. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FOUCAULT, Michel. A Vontade de saber. 7. ed. Trad.Maria Thereza C.Albuquerque e J.A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985. (História da Sexualidade, I).

FREIRE, Paulo , GUIMARÃES, Sérgio. Sobre Educação (Diálogos). v.2, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

FREITAS, Lia. A produção de ignorância na escola. São Paulo: Cortez, 1989 (Coleção biblioteca Educação).

FREUD,Anna. Psicanálise para pedagogos. trad. de Luis Pignatelli. Lisboa/Portugal: Moraes, 1973.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. Obras Completas, v.XIV. Ed. Standard Brasileira, trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. Fragmento da análise de um caso de histeria. Obras Completas, v.VII. Ed. Standard Brasileira, trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. *As transformações da puberdade*. in Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Obras Completas, v. VII. Ed. Standard Brasileira, trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. Contribuições a um debate sobre a masturbação. Obras Completas, v. XII. Ed. Standard Brasileira, trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. Obras Completas, v. XIII. Ed. Standard Brasileira, trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. Tres ensayos para una teoria sexual. Obras Completas, v.II. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973.

GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1993.

GOMES, Candido. A educação em perspectiva sociológica. 1.reimpressão. São Paulo: EPU, 1985.

GRANDINO, Adilson, NOGUEIRA,Durval. Sexo ou sexualidade: A Visão da Psicanálise. Porto Alegre: L&PM, 1987.(Coleção Universidade Livre).

GUSDORF, Georges. Professores para quê? 2.ed. Trad.João B.da Costa e Antonio R.Rosa. Lisboa/Portugal: Moraes, 1970.

GUSSO, Dizonvir A. *Escolarização e déficit escolar: os fatos e as versões*. Revista Brasileira de Administração da Educação. Porto Alegre, v.1, n.2, p.23-36, jul/dez.1983.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

HOLTZMAN,Deborah et.al. *Changes in HIV-related information sources, instruction, knowledge, and behaviors among US high school students, 1989 and 1990.* American Journal of Public Health. Atlanta, EUA. v.84, n.3, p. 388-393, march, 1994.

HUNT, M.M. Sexo: teoria e prática. Trad. de Raul Polillo. São Paulo: IBRASA, 1974. A 1ª tiragem foi publicada sob o título: "História Natural do Amor".

KALINA, Eduardo. Drogas: terapia familiar e outros temas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

KINSEY,A.C. et al. Sexual behaviour in the human male. Philadelphia: Saunders, 1948.

_____. Sexual Behaviour in the human female. Philadelphia: Saunders, 1953.

KNOBEL,M., PERESTRELLO,M., UCHOA,D. A Adolescência e a família atual: Visão psicanalítica. Rio de Janeiro/São Paulo: Atheneu, 1981.

KNOBEL, Maurício. *A adolescência e o tratamento psicanalítico de adolescentes.* In: ABERASTURY,A. Adolescência. 6.ed. Trad. Ruth Cabral. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

KUPFER,M.Cristina. Freud e a Educação. *O mestre do impossível.* São Paulo: Scipione, 1989.

LANGER,Lilly M., WARHEIT,George J. *The pre-adult health decision making directedness/orientation to adolescent health-related attitudes and behaviors.* Adolescence. Flórida.E.U.A. v. 27, n. 108, p. 919-948, win, 1992.

LAPLANCHE,J., PONTALIS,J.-B. Vocabulário da Psicanálise. Trad. de Pedro Tamen. Lisboa/Portugal: Moraes, 1970.

LIBÂNEO, José Carlos. *Tendências pedagógicas na prática escolar.* In:_____.Democratização da escola pública; a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1986.

MARRACH, Sonia A.A. *Neoliberalismo e educação.* ANAIS do I Simpósio Científico do Campus de Marília- 6 a 9 de junho de 1995. Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, 1996, p.6-12.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

MARTINEZ, Marlene C.W. & MARTINS,Edna J.S. *Saúde e Educação na Creche*. Perfil Boletim de Psicologia.n.6,p.47-53,1993.

MASTERS, W.H. & JOHNSON,V.E. Human sexual response. Boston: Little, Brown, 1966.

MIERMONT, Jacques e col. Dicionário de Terapias Familiares - teoria e prática. Trad. Carlos Arturo-Molina-Loza. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

MORIN,S.F. *Aids in one city, an interview with Mervyn Silverman, Director of Health San Francisco*.American Psychologist. E.U.A. v.39,n.11, p. 1294- 1296, nov., 1984.

MURSTEIN, B.I. Amor, sexo e casamento através dos tempos. Rio de Janeiro: Artenova Ed., 1976.

NETTING, Nancy S. *Sexuality in youth culture: Identity and change*. Adolescence. Flórida/E.U.A. v.27, n.108, p. 961-976, win, 1992.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Sujeito e cotidiano - Um estudo da dimensão psicológica do social. Rio de Janeiro: Campus, 1987.

_____. *Linguagem e controle familiar: a origem social da culpa*. In: VILHENA, Junia de (org.). Escutando a família. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.

OLIVEIRA,R.Cardoso. Identidade, etnia e estrutura social. São Paulo: Brasiliense, 1976.

OSÓRIO,L.C. Adolescente hoje. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PARKER, Richard. *O Americano quando cai no samba ou A cultura sexual brasileira e a Aids*. In DANIEL,Herbert, PARKER,Richard. Aids- a terceira epidemia. São Paulo: Iglu, 1991.

_____. *Depois da Aids: mudanças no comportamento (homos)sexual*. In DANIEL,Hebert, PARKER,Richard. Aids- a terceira epidemia. São Paulo: Iglu, 1991.

_____.*Diversidade sexual, análise sexual e a educação sexual sobre a Aids no Brasil*. In LOYOLA,M.A.(Org.) Aids e sexualidade - O ponto de vista das ciências humanas. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

PERESTRELLO,M. A *Adolescência e a Família Atual*. In: KNOBEL, M. et al. Adolescência e família atual: Visão psicanalítica. Rio de Janeiro/São Paulo: Atheneu, 1981.

PINCUS & DARE. Psicodinâmica da família. 2.ed. Trad. Clara Rotenberg e Shirley Kleinke. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

PUGET, Janine & BERENSTEIN, Isidoro. Psicanálise do Casal. Trad. Francisco Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

QUADROS, Ana M. *Orientação e Educação Sexual nas escolas públicas do município de São Paulo*. Jornal da Casa do Psicólogo.n.8, 2° sem/1996.

QUEIRÓZ, Luiz R.S. Boletim aponta aumento do número de aidéticas em SP. O Estado de São Paulo. 08 mar.1996. Geral. Dia da mulher. p.A-12.

RIBEIRO, Claudete. Da infância para o mundo adulto. São Paulo: Pontificia Universidade Católica, 1989. Tese de doutorado em Psicologia. PUC, 1989.

ROCHE, John P.,RAMSBEY, Thomas W. *Premarital sexuality: A five-year follow-up study of attitudes and behavior by dating stage*. Adolescence. Providence,E.U.A. v.28, n.109, p. 67-80,spr., 1993.

ROLLA, Edgardo H. *Vicissitudes do trabalho de desidealização no adolescente*. in Aberastury,A. e col. Adolescência. 6.ed. trad. Ruth Cabral. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ROSENTHAL,Doreen A., SHEPHERD, Helen. *A six-month follow-up of adolescents' sexual risk-taking, HIV/AIDS knowledge, and attitudes to condoms*. Journal of community and applied social psychology. Vict.Australia. v.3, n.1, p. 53-65, apr., 1993.

SALLES, Leila M.F. A representação social do adolescente e da adolescência: um discurso contrastante entre o genérico e o particular (um estudo em escolas públicas do estado de São Paulo). São Paulo: Pontificia Universidade Católica, 1993. Tese apresentada em Psicologia. PUC, 1993.

SCHAALMA,Herman, KOK,Gerjo, PETERS, Louk. *Determinants of consistents: the impact of experience of sexual intercourse*. Healt education research. Netherlands. v.8, n.2, p. 255-269,junh., 1993.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

SCHUTZ,W.C. The Interpersonal underworld FIRO: a three dimensional. Theory of interpersonal behavior. Palo Alto, Ca/EUA: Sciense and Behavior Books, 1966.

SILVA, M.Cecília P.da. A paixão de formar - da psicanálise à educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SILVA, Sônia C. Apontada alta taxa de subnotificação de Aids. Jornal O Estado de São Paulo. 15 nov.1996, p.A-15.

SILVA JR, Celestino A. da. *A Ideologia da incompetência do outro e outras ideologias de conveniência na relação neoliberalismo e educação*. ANAIS do I Simpósio Científico do Campus de Marília - 6 a 9 de junho de 1995. Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, 1996, p.13-19.

_____. A escola como local de trabalho. São Paulo: Cortez, 1990.

SOARES, Ronaldo. Prostitutas ainda tiram virgindade de garotos. Folha de São Paulo, 30 out. 1995. folhateen. p.6-1.

SOIFER, Raquel. Psicodinamismos da família com crianças. Trad. de Ephraim F.Alves. Petrópolis: Vozes, 1983.

THOMPSON, Sharon. *Search for tomorrow: or feminism and the reconstruction of teen romance*.,in VANCE,Carole S., Pleasure and Danger. Exploring Female Sexuality, London: Pandora, 1989.

TIBA, Içami. A Maconha e o jovem: família, escola e sociedade. São Paulo: Ágora, 1989.

VALENTE, Maria L.C. Fracasso escolar. Problema de família. São Paulo: HVF Arte & Cultura - CERED/UNIP, 1995.

VAN GENNEP, Arnold. Os Ritos de passagem. Trad. de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1978(Coleção Antropologia 11).

WAIDEMAN, Marlene C. Mudança de atitudes no comportamento sexual após o evento da AIDS e sua relação com características de personalidade. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, IMES, 1990. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde). Instituto Metodista de Ensino Superior, IMES, 1990.

unesp

WAIDEMAN, Marlene C. Aids e Sexualidade. Perfil. Boletim de Psicologia-UNESP. Assis/SP. n.4, p.7-13, 1991.

_____. Sexualidade, Aids e mudança de atitudes. Pesquisa departamental concluída e apresentada à CPRT. FCL-UNESP. Assis, 1993 (não publicada).

YUNES, J. et al. A Medicina Social no Brasil. São Paulo: Vozes, 1980.

ZAMPIERI, A.M.F. Sociodrama da AIDS. Método de Construção Grupal na Educação Preventiva da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. São Paulo: PUC-SP, 1996. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica, PUC, 1996.

ANEXOS

unesp

ANEXO 1:

QUADROS DE FREQÜÊNCIAS PERCENTUAIS (ADOLESCENTES E PROFESSORES)

QUADROS REFERENTES AOS CÁLCULOS DE FREQUÊNCIAS PERCENTUAIS OBTIDOS A PARTIR DAS ENTREVISTAS FECHADAS E AUTO-APLICADAS: ADOLESCENTES E PROFESSORES

Na apresentação dos quadros constam as frequências percentuais da categoria apresentada e a quantidade de casos existentes na amostra (entre parênteses), para uma melhor visualização dos dados apresentados.

A. ADOLESCENTES

Quadro 1. DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR IDADE E SEXO

1.a. Escola Pública

	IDADE	SEXO (%)		BASE
		MASC.	FEM.	
7ª / 8ª SÉRIES	13	57,1 (12)	42,9 (9)	21
	14	34,1 (14)	65,9 (27)	41
	15	51,2 (21)	48,8 (20)	41
	Sub-Total	45,6 (47)	54,4 (56)	103
2º COLEGIAL	16	34,8 (8)	65,2 (15)	23
	17	31,8 (7)	68,2 (15)	22
	18	38,7 (12)	61,3 (19)	31
	19	30,0 (3)	70,0 (7)	10
	Sub-Total	34,9 (30)	65,1 (56)	86
TOTAL		40,7 (77)	59,3 (112)	**189**

1.b. Escola Particular

	IDADE	SEXO (%)		BASE
		MASC.	FEM.	
7ª / 8ª SÉRIES	13	50,0 (2)	50,0 (2)	4
	14	30,8 (12)	69,2 (27)	39
	15	47,8 (22)	52,2 (24)	46
	Sub-Total	40,4 (36)	59,6 (53)	89
2º COLEGIAL	16	34,5 (20)	65,5 (38)	58
	17	43,7 (7)	56,3 (9)	16
	18	14,3 (2)	85,7 (12)	14
	19	–	–	–
	Sub-Total	33,0 (29)	67,0 (59)	88
TOTAL		36,7 (65)	63,3 (112)	**177**

Quadro 2. NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS PAIS

2.a. Escola Pública

	SEXO (%)		
INSTRUÇÃO DOS PAIS	MASC.	FEM.	TOTAL
Ambos c/ 3º grau	1	1	1,1 (2)
Um c/ 3º grau	6	9	7,9 (15)
Pelo Menos um c/ 2º grau	27	45	38,1 (72)
1º grau completo	32	47	41,8 (79)
1º grau incompleto	11	10	11,1 (21)
Base	77	112	100 (**189**)

2.b. Escola Particular

	Sexo (%)		
Instrução dos Pais	Masc.	Fem.	Total
Ambos c/ 3° grau	23	43	37,3 (66)
Um c/ 3° grau	22	37	33,3 (59)
Pelo Menos um c/ 2° grau	11	21	18,1 (32)
1° grau completo	9	11	11,3 (20)
1° grau incompleto	–	–	–
Base	65	112	100 (**177**)

Quadro 3. MÉDIA DE IDADE DOS PAIS

3.a. Escola Pública

	30-40 anos (%)	41-50 anos (%)	+ de 50 anos (%)	Base
Pai	22,7 (43)	54,5 (103)	22,8 (43)	189
Mãe	44,4 (84)	50,8 (96)	4,8 (9)	189

3.b. Escola Particular

	30-40 anos (%)	41-50 anos (%)	+ de 50 anos (%)	Base
Pai	9,6 (17)	72,9 (129)	17,5 (31)	177
Mãe	28,3 (50)	67,2 (119)	4,5 (8)	177

unesp

Quadro 4. QUEM ORIENTA EM CASA

4.a. Escola Pública

FONTE	SEXO (%)		TOTAL
	MASC.	FEM.	
Pai	11,7 (9)	2,7 (3)	6,3 (12)
Mãe	10,4 (8)	55,4 (62)	37,0 (70)
Os Dois	32,5 (25)	18,8 (21)	24,3 (46)
Nenhum	45,5 (35)	23,2 (26)	32,3 (61)
Base	77	112	189

4.b. Escola Particular

FONTE	SEXO (%)		TOTAL
	MASC.	FEM.	
Pai	20,0 (13)	2,7 (3)	9,0 (16)
Mãe	15,4 (10)	59,9 (62)	40,7 (77)
Os Dois	36,9 (24)	25,9 (29)	29,9 (53)
Nenhum	27,7 (18)	11,6 (13)	17,5 (31)
Base	65	112	177

Quadro 5. FONTES DE MAIS E MELHORES INFORMAÇÕES

5.a. Escola Pública

+ INFORMAÇÕES	SEXO (%)		TOTAL
	MASC.	FEM.	
Pais	24,7 (19)	25,0 (28)	24,9 (47)
Amigos	40,3 (31)	44,6 (50)	42,9 (81)
Namorado(a)	20,8 (16)	16,9 (19)	18,5 (35)
T.V.	42,9 (33)	15,2 (17)	26,5 (50)
Leituras	38,9 (30)	49,1 (55)	44,9 (85)
Escola	31,2 (24)	16,1 (18)	22,2 (42)
Outra	3,9 (3)	8,0 (9)	6,3 (12)
Base	77	112	189

5.b. Escola Particular

+ INFORMAÇÕES	SEXO (%)		TOTAL
	MASC.	FEM.	
Pais	40,0 (26)	47,3 (53)	44,6 (79)
Amigos	55,4 (36)	63,4 (71)	56,6 (107)
Namorado(a)	12,3 (8)	13,4 (15)	12,2 (23)
T.V.	38,5 (25)	38,4 (43)	36,0 (68)
Leituras	44,6 (29)	70,5 (79)	57,1 (108)
Escola	24,6 (16)	19,6 (22)	20,1 (38)
Outra	3,1 (2)	2,7 (3)	2,6 (5)
Base	65	112	177

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

Quadro 6. SE POSSUEM INFORMAÇÕES (COMO SE JULGAM)

6.a - Escola Pública

TEMAS	SEXO (%)					
	MASCULINO			FEMININO		
	SIM	NÃO	POUCO	SIM	NÃO	POUCO
Sexualidade	63,6 (49)	1,3 (1)	35,1 (27)	55,4 (62)	2,7 (3)	41,9 (47)
Aids	77,9 (60)	1,3 (1)	20,8 (16)	76,8 (86)	1,8 (2)	21,4 (24)
Gravidez	46,7 (36)	6,5 (5)	46,7 (36)	75,9 (85)	3,6 (4)	20,5 (23)
BASE	77			112		

6. b - Escola Particular

TEMAS	SEXO (%)					
	MASCULINO			FEMININO		
	SIM	NÃO	POUCO	SIM	NÃO	POUCO
Sexualidade	64,6 (42)	1,5 (1)	33,8 (22)	59,8 (67)	–	40,2 (45)
Aids	76,9 (50)	–	23,1 (15)	82,1 (92)	–	17,9 (20)
Gravidez	70,8 (46)	1,5 (1)	27,7 (18)	73,2 (82)	–	26,8 (30)
BASE	65			112		

Quadro 7. SUGESTÃO PARA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

7.a. Escola Pública

NÍVEL	SEXO (%)		TOTAL
	MASC.	FEM.	
1° e 2° graus	78,0 (60)	91,1 (102)	85,7 (162)
Só de 2° grau	20,8 (16)	8,9 (10)	13,8 (26)
Nenhum	1,2 (1)	–	0,5 (1)
Base	77	112	189

7.b. **Escola Particular**

NÍVEL	SEXO (%)		TOTAL
	MASC.	FEM.	
1º e 2º graus	84,6 (55)	93,8 (105)	90,3 (160)
Só de 2º grau	13,8 (9)	5,3 (6)	8,5 (15)
Nenhum	1,5 (1)	0,9 (1)	1,1 (2)
Base	65	112	177

Quadro 8. SE TEM PROGRAMA DE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

8.a. **Escola Pública**

	SEXO (%)		
	MASC.	FEM.	TOTAL
SIM	11,7 (9)	6,3 (7)	8,5 (16)
NÃO	88,3 (68)	93,7 (105)	91,5 (173)
Base	77	112	189

8.b. **Escola Particular**

	SEXO (%)		
	MASC.	FEM.	TOTAL
SIM	35,4 (23)	26,8 (30)	29,9 (53)
NÃO	64,3 (42)	73,2 (82)	70,1 (124)
Base	65	112	177

B - PROFESSORES

Quadro 9. PROFESSORES: IDADE, SEXO E ÁREA DE ATUAÇÃO

9.a. Escola Pública

	SEXO		ÁREA DE ATUAÇÃO			
Idade	**Masc.**	**Fem.**	**Humanas**	**Exatas**	**Biológicas**	**Total**
Até 29 anos	1	5	4	2	–	6
30 - 40 anos	2	14	11	3	2	16
41 - 50 anos	9	26	20	10	5	35
+ de 50 anos	–	1	1	–	–	1
Soma	12	46	36	15	7	58

9.b. Escola Particular

	SEXO		ÁREA DE ATUAÇÃO			
Idade	**Masc.**	**Fem.**	**Humanas**	**Exatas**	**Biológicas**	**Total**
Até 29 anos	1	3	3	–	1	4
30 - 40 anos	5	11	13	2	1	16
41 - 50 anos	3	13	9	3	4	16
+ de 50 anos	1	1	–	2	–	2
Soma	10	28	25	7	6	38

Obs: Foram classificados para efeito de agrupamento
Humanidades: Língua Portuguesa, Literatura, Redação, Inglês, História, Geografia, Educação Artística;
Exatas: Física, Química e Matemática;
Biológicas: Ciências e Biologia.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

Quadro 10. Nº DE FILHOS E FILHOS ADOLESCENTES

10.a. Escola Pública

	Nº de Filhos				
Sexo	**Nenhum**	**Um**	**Dois**	**Três ou +**	**Pais de Adolescentes**
Masculino	1	1	7	3	6
Feminino	11	8	17	10	25
Total	12	9	24	13	31

10.b. Escola Particular

	Nº de Filhos				
Sexo	**Nenhum**	**Um**	**Dois**	**Três ou +**	**Pais de Adolescentes**
Masculino	4	2	1	3	4
Feminino	6	3	17	2	15
Total	10	5	18	5	19

Quadro 11. FONTE DE INFORMAÇÃO

11.a. Escola Pública

FONTE	SEXO (%)		TOTAL
	MASC.	FEM.	
Pais	8,3 (1)	19,6 (9)	17,2 (10)
Namorado(a)	16,6 (2)	2,2 (1)	5,2 (3)
Leituras	75,0 (9)	39,1 (18)	46,6 (27)
Amigos(as)	66,6 (6)	69,6 (32)	65,5 (38)
T.V.	16,6 (2)	8,7 (4)	10,3 (6)
Escola	8,3 (1)	21,8 (10)	19,0 (11)
Nenhum	8,3 (1)	–	1,7 (1)
Base	12	46	58

11.b. Escola Particular

FONTE	SEXO (%)		TOTAL
	MASC.	FEM.	
Pais	–	14,3 (4)	10,5 (4)
Namorado(a)	–	–	–
Leituras	80,0 (8)	50,0 (14)	57,9 (22)
Amigos(as)	80,0 (8)	89,2 (25)	86,8 (33)
T.V.	10,0 (1)	17,9 (5)	15,8 (6)
Escola	20,0 (2)	35,7 (10)	31,6 (12)
Nenhum	–	–	–
Base	10	28	38

Obs: Como havia mais de uma alternativa, simultaneamente, a soma das procentagens não será igual a 100, mas apenas indicam, cada ítem, a frequência com que foram citadas essas fontes.

Quadro 12. SOLICITAÇÃO PELOS ALUNOS

12.a. Escola Pública

CATEGORIA	SEXO (%)	
	MASC.	FEM.
SIM	58,3 (7)	47,8 (22)
NÃO	41,7 (5)	50,0 (23)
BRANCO	–	2,2 (1)
Base	12	46

12.b. Escola Particular

CATEGORIA	SEXO (%)	
	MASC.	FEM.
SIM	60,0 (6)	57,1 (16)
NÃO	40,0 (4)	42,9 (12)
BRANCO	–	–
Base	10	28

ANEXO 2:

ENTREVISTA FECHADA DESTINADA AOS PROFESSORES

UNESP- UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CAMPUS DE ASSIS

Esta proposta está sendo desenvolvida com o objetivo de produção de trabalho científico no campo da pesquisa, vinculado à Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília - UNESP.

Contamos com sua colaboração e agradecemos a participação, que é essencial para a realização deste trabalho.

==========

Você encontrará dois tipos de perguntas: os pontilhados são para completar e as questões de alternativas para assinalar com um **X**

(se for o caso, assinalar mais de uma alternativa)

Sua idade.....
Sexo: masculino ( )
feminino ( )
Sua religião.....
praticante ( ) sim ( ) não
Anos no magistério.....Seu nível de escolaridade.....

Disciplina(s) ou conteúdo(s) que ensina nos últimos 5 anos.....
.....

Nº de filhos..... Idade deles.....

1.Em sua adolescência, você se informava mais e melhor sobre sexualidade através de:

( ) seus pais
( ) com namorados ou namoradas
( ) revistas
( ) outra(s) fonte(s) Quais?.....
( ) seus amigos ou amigas
( ) televisão
( ) na escola

2.Você se considera bem informado e/ou orientado a respeito de:

Sexualidade..... ( )sim ( )não ( ) um pouco
Aids..... ( )sim ( )não ( ) um pouco
Gravidez..... ( )sim ( )não ( ) um pouco

3.Em sua casa você conversa com seus filhos assuntos ligados à sexualidade e ao comportamento sexual? com que frequência?.....
.....
.....

4. Em seu estabelecimento de ensino, você é solicitado(a) pelos alunos a discutir questões relacionadas à sexualidade e ao comportamento sexual?

( )sim ( ) não

Se a resposta for sim, relacione as questões mais frequentes.....
.....
.....

Se a resposta for não, a que você atribui?.....
.....
.....

5. Você gostaria que na escola de seus filhos (caso os tenha) tivesse um programa de orientação sexual?

( ) sim ( ) não Justifique.....
.....
.....
.....
.....
.....



6. Você acha importante a execução de um programa de orientação sexual nas escolas
( ) de 1º e 2º graus
( ) só do 2º grau
( ) em nenhuma
Justifique.....
.....
.....
.....

7. Nesta área, existe algum programa sendo desenvolvido no seu estabelecimento de ensino?
( ) sim ( ) não

8. Se existe, como este trabalho é desenvolvido?
.....
.....
.....
.....
Quem o desenvolve?.....
.....
Sob a orientação ou supervisão de quem?.....
.....

9. Se não existe, qual sua opinião a respeito de como tal trabalho deve ser executado? (por quem, com que frequência, que temas deveriam ser abordados,etc.).....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

10. Quais os problemas que você poderia assinalar que ocorrem na sua escola relacionados à sexualidade e ao comportamento sexual?.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

ANEXO 3:

ENTREVISTA FECHADA DESTINADA AOS ALUNOS ADOLESCENTES

UNESP -UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS

Esta proposta está sendo desenvolvida com o objetivo de produção de trabalho científico na área de pesquisa, vinculado à Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências-UNESP-Campus de Marília.

Contamos com sua colaboração e agradecemos sua participação, que é essencial para a realização deste trabalho.

==========

Você encontrará dois tipos de perguntas: pontilhados para você completar e alternativas para assinalar com um **X**

Sua idade..... Sua religião.....
Sexo: masculino ( ) praticante: ( )sim ( ) não
feminino ( )

Nível de escolaridade do pai..... profissão.....
Nível de escolaridade da mãe..... profissão.....
Idade do pai..... Idade da mãe.....

Nº de irmãos..... Idade deles.....

1. Em sua casa, quem costuma conversar com você assuntos ligados à sexualidade e ao comportamento sexual
( )seu pai ( )sua mãe
( )os dois ( )nenhum ( )outro- quem?_____

2. Você costuma se informar mais e melhor sobre sexualidade através de
( ) seus pais
( ) seus amigos ou amigas
( ) com namorados ou namoradas
( ) televisão
( ) revistas
( ) escola
( ) outra(s) fonte(s) Quais?.....

3. Você se considera bem informado a respeito de:

Sexualidade	( )sim	( ) não	um pouco ( )
AIDS	( )sim	( ) não	um pouco ( )
Gravidez	( )sim	( ) não	um pouco ( )

4. Você acha importante a execução de um programa de orientação sexual nas escolas
( ) de 1º e 2º graus
( ) só de 2º grau
( ) em nehuma
Justifique.....
.....
.....
.....
.....
.....

5.Nesta área, existe algum programa sendo desenvolvido na sua escola?

( ) sim ( ) não

6. Se existe, como este trabalho é desenvolvido?.....

.....

.....

.....

.....

Quem o desenvolve?.....

.....

7. Se não existe, ou ele não te satisfaz, qual sua opinião a respeito de como tal trabalho deve ser executado? (por quem, com que frequência, que temas deveriam ser abordados, etc.).....

.....

.....

.....

.....

.....

8. Quais os problemas que você poderia assinalar que ocorrem na sua escola relacionados à sexualidade e ao comportamento sexual?.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

unesp